

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE ESTUDO: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA**

**MÁRCIA ELIANE DA SILVA**

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA  
DE SÃO JOSÉ DO NORTE/RS: HARMONIA VOCÁLICA**

**PORTO ALEGRE**

**2012**

**MÁRCIA ELIANE DA SILVA**

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA  
DE SÃO JOSÉ DO NORTE/RS: HARMONIA VOCÁLICA**

**Dissertação de Mestrado apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre pelo programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.**

**Orientadora Prof. Dra. Gisela Collischonn**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dra. Marisa Porto do Amaral – FURG**

---

**Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt – UFRGS**

---

**Prof. Dra. Valéria de Oliveira Monaretto – UFRGS**

**PORTO ALEGRE**

**2012**

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Márcia Eliane da

O alicamento das vogais médias pretônicas na fala de  
São José do Norte/RS: Harmonia Vocálica / Márcia  
Eliane da Silva. -- 2012.  
144 f.

Orientadora: Gisela Collischonn.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Vogais. 2. Harmonia Vocálica. 3. Teoria da  
Variação. 4. São José do Norte/RS. I. Collischonn,  
Gisela, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a seus anjos postos no meu caminho que “*eu sigo e nunca me sinto só*”.

À minha orientadora, Gisela Collischonn, pela dedicação e competência, aliada à paciência.

Aos professores da Faculdade de Letras, que fizeram parte deste trabalho – direta ou indiretamente – contribuindo para minha formação. Fundamentais nesta trajetória.

A professora Leda Bisol pelas aulas em convênio com a Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul – PUC – e pelo incentivo da pesquisa.

À minha família, filhas Marcela e Raquel, e em especial minhas irmãs, presentes cotidianamente, Sida Mara, pelo apoio desde o início; Sandra, pelo entusiasmo e ajuda nas horas difíceis; Maria, pelas críticas que me fizeram crescer e a Sídia pelo maravilhoso auxílio e amor às minhas filhas, na minha ausência de mãe.

Aos colegas de trabalho e mestrado, Priscila Azeredo e Roberto Nasi, pelo apoio que só amigos sabem dar.

Ao jovem Aisha Kunkel pelo auxílio na confecção dos gráficos.

E, finalmente, a todos os que direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para esta etapa final e tão importante.

*Dedico este trabalho aos meus pais,  
ausência sentida.*

### **Vogais**

*A negro, E branco, I vermelho, U verde, O azul : vogais,  
Direi algum dia vossos nascimentos ocultos:  
A, negro espartilho peludo das moscas tumultos  
Rondando fedores cruéis demais,  
Golfos de sombra; E, candura de vapor e de tenda,  
Lanças de geleiras altivas, reis brancos, tremor de  
umbelas,  
I, púrpuras, sangue cuspidor, riso dos lábios belos  
Na cólera ou na embriaguez oferenda;  
U, ciclos, vibrações divinas do verde mar,  
Paz dos pastos semeados de animais, paz das rugas,  
Que a alquimia imprime na fronte a estudar;  
O, supremo clarim pleno de estranhos agudos,  
Silêncios cruzados por anjos e mundos:  
- Ô o ômega, raio violeta de Seus Olhos !*

**Arthur Rimbaud**

## RESUMO

Este trabalho ocupa-se da investigação do fenômeno variável da Harmonia Vocálica na fala da comunidade gaúcha de São José do Norte, baseado na metodologia quantitativa nos moldes da teoria variacionista laboviano (1966). O fenômeno citado é o alçamento (elevação) das vogais médias /e, o/ em pauta pretônica, transformando-as em [i, u] respectivamente quando seguidas de vogal alta em sílaba subsequente. A pesquisa pretende contribuir para descrever as características desse fenômeno no português do Brasil; pois trata-se de uma amostra ainda não analisada no que se refere à Harmonia Vocálica. Os dados vêm da amostra coletada por Amaral (2000) com falantes da comunidade rural e urbana daquele município, localizado na porção litorânea situada entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, a 8 km do município de Rio Grande e a 51 km de Pelotas. O isolamento a que a região ficou submetida, por razões de dificuldade de acesso, e a dedicação a atividades tradicionais, tais como a pesca e a plantação de cebola, tornam a região interessante à pesquisa de cunho sociolinguístico e dialetológico. Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos considerados na nossa pesquisa têm como referência os estudos de Bisol (1981) e Schwindt (1995, 2002). A amostra constitui-se de 24 informantes do *corpus* do referido município (Amaral, 2002) que faz atualmente parte do Projeto Variação Linguística do Sul do país (VARSUL). O estudo resultou um *corpus* de 1.787 dados, sendo 986 dados para /e/ e 801 para /o/. A análise pelo Programa GOLVARB (2001) mostrou que a taxa de aplicação da elevação, para /e/ foi de 41% e de 43% para /o/. A pesquisa viabilizou, no âmbito extralinguístico, constatar que no caso da vogal /o/ houve correlação entre idade do informante e elevação da vogal; contudo, como as demais variáveis sociais não se mostraram significativas, não é possível falar em uma mudança em curso. Do ponto de vista linguístico, os condicionadores principais são, entre outros, a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente e a tonicidade da vogal. Necessita-se de uma análise mais acurada, futuramente, de aspectos que podem nos fornecer uma interpretação mais segura desta variável.

**Palavras-chave:** Vogais. Harmonia Vocálica. Teoria da Variação laboviana. São José do Norte/RS.

## ABSTRACT

This work deals with the variable phenomenon of Vowel Harmony (Bisol, 1981) in the community of São José do Norte/RS, in Brazil, based on quantitative methodology along the lines of the the labovian variationist theory (Labov, 1966). The phenomenon is known as the raising of the mid vowels /e/ and /o/, in pretonic context, turning them into [i, u] when followed by a high vowel in subsequent syllable. The research aims to contribute to describe the characteristics of this phenomenon in Portuguese in Brazil, because it is not yet a sample analyzed with regard to vowel harmony. The data comes from samples collected by Amaral (2000) with speakers of the rural and urban that district, located in the coastal portion between the Patos Lagoon and the Atlantic Ocean, 8 km from the of Rio Grande and 51 km from Pelotas. The isolation of the region was subjected, for reasons of difficulty of access, and dedication to traditional activities such as fishing and planting onions, make the region attractive for sociolinguistic research projects and dialetologic. The linguistic and extralinguistic conditioners considered in our research have had as reference the studies by Bisol (1981) and Schwindt (1995, 2002). The sample consisted of 24 informants selected from the interviews collected by Amaral (2002) which corpus is now part of the Projeto Variação Linguística do Sul (Project Language Variation in the South -VARSUL). The study resulted in a *corpus* of 1787 tokens, being 986 for /e/ and 801 for /o/. The analysis by GOLVARB 2001 Software showed that the rate of rising was of 41% for /e/, and of 43% for /o/. The analysis showed that, concerning extralinguistic conditions, there is correlation between rising and the age of the informant, but only for the raising of the vowel /o/; however, since other social variables where not observed to have a significant role in vowel raising, we are not able to state that there is an ongoing change. From the linguistic point of view, the main conditioners are a high vowel in subsequent syllable and stress on this high vowel.

**Key words:** Vowels. Vowel harmony. Labov's Sociolinguistics Theory. São José do Norte/RS.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Homorganicidade da vogal alvo/gatilho para /e/ e /o/.....	79
Tabela 2 – Nasalidade da vogal /e/ e /o/.....	80
Tabela 3 – Tonicidade e contiguidade da Vogal Gatilho para /e/ e /o/.....	81
Tabela 4 – Atonicidade da vogal alvo para /e/.....	82
Tabela 5 – Contexto fonológico precedente à Vogal Alvo para /e/ e /o/.....	83
Tabela 6 – Contexto fonológico seguinte à Vogal Alvo para /e/ e /o/.....	87
Tabela 7 – Localização Morfológica da Vogal Gatilho para /e/ e /o/.....	90
Tabela 8: Cruzamento – Homorganicidade/Tonicidade e Contiguidade.....	93
Tabela 9: Cruzamento –Tonicidade e Contiguidade/Localização Morfológica.....	94
Tabela 10 – Sexo.....	96
Tabela 11 – Faixa Etária: Frequência para /e/ e /o/.....	96
Tabela 12 - Cruzamento – Sexo e Faixa Etária para /e/ e /o/.....	98
Tabela 13 – Escolaridade: Frequência para /e/ e /o/.....	99
Tabela 14 – Frequência de aplicação da Harmonia Vocálica dos 24 informantes.....	101

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nove fonemas vocálicos em Tangale.....	21
Figura 3: Abordagem da Geometria de Traços.....	22
Figura 4: Abordagem da Cabeça de Sílabas.....	25
Figura 5 : Forma canônica da harmonia.....	25
Figura 6: Processo de harmonia de altura em Ascrea.....	27
Figura 7a: Akan – Harmonia de [ $\pm$ ATR].....	28
Figura 7b: Lango – Harmonia de [-ATR].....	28
Figura 8: Harmonia vocálica em turco.....	29
Figura 9: Formalização da regra de harmonia vocálica registrada na análise do dialeto carioca.....	35
Figura 10: Representação estrutural da vogal.....	36
Figura 11 : Processo de assimilação.....	38
Figura 12: Hierarquia constrativa dos traços das vogais do PB.....	39
Figura 13 :Línguas Românicas.....	41
Figura 14 : Regras para /e/ e /o/ respectivamente. Ambiente de vogal alta contígua.....	53
Figura 15: Porcentagem de aplicação geral da regra de HV no RS.....	57
Figura 16: Porcentagem de aplicação para /e/ e /o/ em final de 70 e final de 90. ....	58
Figura 17 : Elevação das vogais orais e nasais. CALLOU; LEITE; COUTINHO.....	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: SISTEMA PLENO.....	31
Quadro 2: SISTEMA REDUZIDO DA PRETÔNICA.....	32
Quadro 3 : ÁTONA NÃO FINAL.....	33
Quadro 4: ÁTONA FINAL.....	34
Quadro 5: DIANTE DE CONSOANTE NASAL NA SÍLABA SEGUINTE.....	34
Quadro 6: SISTEMA FONOLÓGICO DO PB.....	35
Quadro 7: MATRIZ DAS SETE VOGAIS.....	37
Quadro 8: PALAVRAS QUE ENCONTRAMOS, DIVIDIDAS SEGUNDO A APLICAÇÃO OU NÃO DA ELEVAÇÃO.....	86
Quadro 9: DADOS COLETADOS COM CONTEXTO DE FRICATIVA /R/ VELAR.....	88

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados do Goldvarb para vogais /e/ e /o/.....	79
Gráfico 2- Valor do Peso Relativo da Vogal /o/ distribuída por faixa etária.....	97
Gráfico 3- Cruzamento das Variáveis Sexo e Faixa Etária: alçamento da vogal /o/.....	99
Gráfico 4- Frequência de aplicação da Harmonia Vocálica dos 24 informantes.....	102

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>PARTE I</b> .....	18
<b>2 A PESQUISA</b> .....	18
<b>2.1 OBJETO DE ESTUDO</b> .....	18
2.1.2 Objetivo geral .....	18
2.1.3 Objetivos específicos.....	18
2.1.4 Hipóteses.....	19
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE HARMONIA VOCÁLICA</b> .....	21
<b>3.1 CONSIDERAÇÕES FONOLÓGICAS</b> .....	21
3.1.1 A Harmonia Vocálica: Hulst e van der Weijer (1995).....	21
3.1.2 A Harmonia Vocálica sob o ponto de vista das suas limitações: Archangeli e Pulleyblank (2007).....	26
<b>4 ANÁLISE DO SISTEMA VOCÁLICO DO PB</b> .....	31
<b>4.1 A ABORDAGEM ESTRUTURALISTA: MATTOSO CÂMARA JR</b> .....	31
<b>4.2 A ABORDAGEM GERATIVA: LOPEZ (1979)</b> .....	34
<b>4.3 A ABORDAGEM AUTOSSEGMENTAL: WETZELS (1992)</b> .....	36
<b>PARTE II</b> .....	43
<b>5 VARIAÇÃO FONOLÓGICA</b> .....	43
<b>5.1 AS LÍNGUAS VARIAM</b> .....	43
<b>5.2 UMA NOVA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DA TEORIA DA VARIAÇÃO: LABOV, 1972(2008)</b> .....	46
5.2.1 Regra variável.....	47
<b>6 ESTUDOS VARIACIONISTAS NOS DIALETOS DO PB ACERCA DA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA: HARMONIA VOCÁLICA</b> .....	49
<b>6.1 RIO GRANDE DO SUL</b> .....	50
6.1.1 Harmonização Vocálica uma Regra Variável – Bisol 1981.....	50
6.1.2.Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha: Battisti (1993).....	54
6.1.3 A Harmonia Vocálica em Dialectos do Sul do País: uma análise variacionista – Schwindt (1995); A Harmonização Vocálica no Dialeto Gaúcho (2002).....	55

6.1.4 Harmonização Vocálica: Análise Variacionista em Tempo Real – Casagrande (2003).....	58
<b>6.2 RIO DE JANEIRO</b> .....	59
6.2.1 Callou, Leite e Coutinho – Elevação e Abaixamento das vogais pretônicas no Dialeto do Rio de Janeiro (1991) – Callou, Leite e Moraes – A Elevação das vogais pretônicas no Português do Brasil: processo(s) de variação estável (2002) carioca.....	59
<b>6.3 BAHIA</b> .....	60
6.3.1 Um traço regional na fala culta de Salvador – Silva (1991).....	60
<b>6.4 MINAS GERAIS</b> .....	62
6.4.1 O Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem Sociolinguística – Viegas (1987) e As pretônicas na variedade mineira Juizdeforana – Castro (1990)..	62
<b>PARTE III</b> .....	64
<b>7 METODOLOGIA</b> .....	64
<b>7.1 A AMOSTRA</b> .....	64
7.1.2 A Comunidade de fala.....	65
7.1.3 Os informantes.....	68
<b>7.2 DELIMITAÇÃO DA ANÁLISE</b> .....	70
7.2.1 Definição da variável linguística dependente.....	71
7.2.2 Definição das variáveis linguísticas independentes.....	71
7.2.2.1 Homorganicidade da Vogal Alvo/Gatilho.....	71
7.2.2.2 Nasalidade da Vogal Alvo.....	71
7.2.2.3 Tonicidade e contiguidade da Vogal Gatilho.....	71
7.2.2.4 Atonicidade da Vogal Alvo.....	72
7.2.2.5 Contexto fonológico precedente e seguinte.....	72
7.2.2.6 Contexto precedente.....	72
7.2.2.7 Contexto seguinte.....	73
7.2.2.8 Localização morfológica da Vogal Gatilho.....	73
7.2.3 Variáveis extralinguísticas.....	74
7.2.3.1 Sexo.....	74
7.2.3.2 Faixa etária.....	74
7.2.3.3 Escolaridade.....	74
7.2.3.4 Informantes.....	74

<b>7.4 CODIFICAÇÃO DOS DADOS</b> .....	75
7.4.1 O pacote VARBRUL.....	76
<b>8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	78
<b>8.1 RODADA GERAL</b> .....	78
8.1.1 Homorganicidade da Vogal Alvo/Vogal Gatilho.....	79
8.1.2 Nasalidade da Vogal Alvo.....	80
8.1.3 Tonicidade e contiguidade da Vogal Gatilho.....	81
8.1.4 Atonicidade da Vogal Alvo.....	82
8.1.5 Contexto fonológico precedente à Vogal Alvo.....	83
8.1.6 Contexto fonológico seguinte à Vogal Alvo.....	87
8.1.7 Localização morfológica da Vogal Gatilho.....	91
8.1.7.1 Cruzamento – Homorganicidade/ Tonicidade e contiguidade.....	93
8.1.7.1.2 Cruzamento – Tonicidade Contiguidade/ Localização Morfológica.....	94
<b>8.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS</b> .....	95
8.2.1 Sexo.....	95
8.2.2 Faixa Etária.....	96
8.2.2.1 Cruzamento – Sexo e Faixa Etária.....	98
8.2.3 Escolaridade.....	99
8.2.4 Frequência da aplicação da regra de Harmonia Vocálica para os informantes.....	101
<b>9 CONCLUSÕES</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	106
<b>APÊNDICE A</b> – Informações adicionais sobre a pesquisa.....	111
<b>ANEXO A</b> – Dados coletados dos informantes do banco de dados São José do Norte/RS, Amaral (2002), para estudo da HV.....	112

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros estudos sobre a língua, na época dos Gregos e dos gramáticos do Sânscrito, formou-se a ideia de que a língua é estanque. Ferdinand de Saussure, no início do século XX, embora reconheça que a linguagem tem um lado social, heterogêneo, tanto quanto um lado sistêmico, defendeu que o estudo da linguagem deveria privilegiar a observação do segundo. Em contraposição a isso, William Labov (1972, [2008]) afirma que a linguagem é dinâmica e muda com o passar do tempo de forma contínua e ininterrupta e que, mesmo em variação, os indivíduos de uma mesma comunidade continuam se entendendo. É dessa heterogeneidade sistemática que o estudo da Teoria da Variação se apropria como objeto de estudo.

Um exemplo disso é a observação da flutuação das vogais médias em pauta pretônica que tem sido motivo de estudo em diferentes dialetos do Brasil. Por um lado, existe a neutralização entre médias baixas e altas na pretônica, atuando, por vezes, em benefício da vogal média baixa *c[o]ração ~ c[ɔ]ração, el[e]vado ~ [ɛ][l][ɛ]vado*, no norte e nordeste do país, e da média alta *p[e]gar e c[o]rrer* na maioria das regiões país. Por outro lado, tem-se a harmonia vocálica, já analisada por muitos linguistas que a observaram na fala de vários estados brasileiros, a qual eleva de forma variável a vogal média diante de uma vogal alta [i, u] *querido ~ quirido, coruja ~ curuja*. Conjuntamente a esse processo, temos outros casos de elevações, denominadas por Bisol (2009) como “sem motivação aparente” e que se apresentam em um pequeno grupo de palavras, como em *c[o]légio ~ c[u]légio, b[o]neca ~ b[u]neca e p[e]queno ~ p[i]queno*.

Vários autores, como Bisol (1981); Viegas (1987); Silva (1989); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (1995; 2002) e Callou, Leite e Moraes (2002); se ocuparam do estudo da Harmonia Vocálica, contribuindo estes diversos estudos para uma definição do fenômeno no português brasileiro como sendo variável. O processo em questão já foi notado em registros de Portugal, como podemos ver nos trechos transcritos da gramática de Fernão de Oliveira:

Das vogais, entre u e o pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns somir e outros sumir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. (OLIVEIRA, 1975, p. 64).



Conforme aponta Bisol (1981), essa herança tomou rumos diferentes daqueles tomados pelas pretônicas em Portugal em cujo dialeto as posteriores tornam-se altas enquanto as anteriores são produzidas como /e/ mudo. Nesse sentido, como nos diz Teysser, (1997 apud VIEGAS, 2001, p. 75) a pronúncia brasileira perpetua a pronúncia do português europeu antes de mutações que nele ocorreram no século XVIII.

Pretendemos – como objeto de estudo desta dissertação – analisar o alçamento das vogais médias /e, i/ em posição pretônica sob a luz da Teoria Variacionista laboviana (1966) na fala da cidade de São José do Norte/RS. Buscamos identificar os condicionadores linguísticos e sociais para o processo em análise nesse estudo, através do estudo da amostra que faz parte do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País (VARISUL). Apresentamos uma interpretação dos resultados, no que se refere tanto aos condicionadores linguísticos quanto aos sociais, inseridos em uma análise comparativa com resultados de outras amostras investigadas; sobretudo, no sul do país como de Bisol (1981) e de Schwindt (1995 e 2002). Buscamos, portanto, contribuir para o entendimento das características do fenômeno no português brasileiro. Somando-se a outras investigações sobre a fala de São José do Norte/RS, esta pesquisa tem a pretensão de contribuir para descrever as características da fala desta comunidade, cuja história remonta ao princípio da colonização do Rio Grande do Sul.

O Trabalho está dividido em 3 partes, abaixo descritas.

A parte I, apresenta a pesquisa norteadora do nosso trabalho sobre a Harmonia Vocálica; seguida dos objetivos e hipóteses. Na seção seguinte, trazemos a definição de Harmonia Vocálica discutida em duas resenhas. Por fim, buscamos estudos do vocalismo do Português do Brasil (doravante PB), ressaltando as pretônicas.

Logo após, na parte II, buscamos um painel num panorama teórico sobre a Teoria da Variação, e finalizando essa etapa oferecemos uma síntese dos principais estudos sobre a Harmonia Vocálica (de agora em diante HV) no Brasil cujo cunho é preponderantemente variacionista.

Na parte III destacamos a metodologia que orienta nosso trabalho. Por fim, faz-se a análise referente ao alçamento verificado nos dados observados na comunidade (ver ANEXO A) em estudo.

Finalizando a dissertação, seguem-se as conclusões nas quais confrontamos nossas hipóteses com os resultados encontrados, predominantemente no sul do Brasil.

Contribuindo para nossa análise trazemos, no APÊNDICE A, os dados coletados dos informantes; e os resultados das rodadas obtidas pelo VARBRUL.

## PARTE I

### 2 A PESQUISA

#### 2.1 Objeto de Estudo: Harmonia Vocálica

O presente estudo pretende estudar o comportamento do alçamento das vogais /e,i/ em posição pretônica em palavras como *tecido*, *costume*, *vesícula e verruga*, a luz da Teoria Variacionista laboviana. A Harmonia Vocálica é um processo que consiste no levantamento variável de /e, o/ em [i, u], respectivamente, em pauta pretônica quando influenciados por condicionadores, como *menino ~ minino*; *coruja ~ curuja*; *pepino ~ pipino*.

Presente em muitas línguas do mundo, a harmonização vocálica se caracteriza como um processo fonológico, de caráter assimilatório, que muda a qualidade de uma ou mais vogais do vocábulo para *harmonizar-se* com outro vogal presente no mesmo vocábulo. (SCHWINDT, 2002, p. 162, grifo do autor).

Conforme Schwindt (2002), as vogais pretônicas podem também se elevar por razões outras, de natureza eminentemente fonética; por exemplo, em *pequeno ~ piqueno*, *compadre ~ cumpadre*, que não se caracterizam como casos de harmonia, por não haver uma vogal alta seguinte à vogal afetada. Para o presente trabalho, interessam apenas aqueles casos em que a vogal pretônica for seguida de vogal alta.

##### 2.1.1 Objetivo geral

– Contribuir para descrever as características da HV na fala na cidade São José do Norte/RS, identificando os condicionadores linguísticos e sociais para o processo em análise nesse estudo, através do estudo da amostra que faz parte do banco de dados do Projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL).

##### 2.1.2 Objetivos específicos

a) Verificar a taxa do fenômeno de alçamento vocálico na comunidade de São José do Norte/RS.

- b) Medir a frequência de aplicação da elevação vocálica nos diferentes contextos considerados.
- c) Identificar, através do programa computacional do Pacote VARBRUL, o papel dos condicionadores para a aplicação do alçamento.
- d) Observar o papel dos condicionadores sociais no alçamento.
- e) Propor uma interpretação dos resultados, tanto no que se refere aos condicionadores linguísticos quanto sociais.
- f) Apontar motivações para o alçamento, tanto do ponto de vista da fonologia teórica quanto do ponto de vista da Teoria da Variação.
- g) Apresentar uma análise comparativa com resultados de outras amostras investigadas, no sul do país como a de Bisol (1981) e de Schwindt (1995 e 2002).

### 2.1.3 Hipóteses

O trabalho que propomos, tem como hipóteses a respeito da HV:

- a) que não há uma mudança no sentido de aumento de aplicação; conforme as pesquisas apresentadas no capítulo parte anterior, a elevação parece estar ou em situação estável (Bisol, Schwindt) ou em regressão (Casagrande, 2003); isto quer dizer que se espera que variáveis extralinguísticas não tenham papel significativo na aplicação;
- b) que o principal condicionador de alçamento é a vogal alta em sílaba subsequente;
- c) que a tonicidade da vogal alta tem papel na aplicação da harmonia, ou seja, uma vogal alta tônica favorece a aplicação da elevação da vogal pretônica, ao passo que uma vogal átona não favorece a aplicação da elevação;
- d) que a distância da vogal alta em relação à vogal afetada tem papel na aplicação da harmonia, ou seja, quando ela seguir imediatamente a vogal afetada, a aplicação da harmonia será mais alta do que quando a vogal alta não estiver imediatamente na sílaba seguinte;
- e) que a semelhança de ponto de articulação da vogal gatilho em relação à vogal alvo tem papel na aplicação da harmonia, ou seja, quando as duas vogais tiverem o mesmo ponto de articulação (+ coronal ou + dorsal, ou, alternativamente, - posterior ou +posterior), a aplicação da harmonia será mais alta do que quando as duas tiverem pontos de articulação distintos; análises anteriores constataram que a vogal /i/ favorece a elevação tanto de /e/ quanto de /o/, indicando que a homorganicidade não parece ser fator principal; no entanto, postulamos a hipótese de que homorganicidade tenha papel;

f) que o comportamento da harmonia está relacionado à estrutura morfológica ou prosódica das palavras, no sentido de que a harmonia seja bloqueada através de fronteiras de palavras e, também, eventualmente, através de fronteiras de morfemas.

g) que há diferença de aplicação se a vogal alvo for oral ou nasal – aplica mais se a vogal for oral;

h) que há diferença de aplicação se a vogal alvo for consistentemente átona no paradigma flexional ou derivacional – vogais sempre átonas tenderão a ser mais elevadas, isto é, menos preservadas, do que as vogais átonas que também ocorrem como tônicas em palavras não-derivadas.

i) que determinadas consoantes intervenientes entre a vogal alvo e a vogal gatilho inibem o processo da Harmonia Vocálica e que outras consoantes atuam como facilitadoras da elevação da vogal, independentemente da harmonia.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE HARMONIA VOCÁLICA

O presente capítulo é constituído de uma breve revisão acerca da Harmonia Vocálica na literatura. A análise tem a intenção, de expor os resultados mais relevantes observados nos dados de harmonia vocálica no PB estudados por outros pesquisadores. Contudo, antes de nos atermos ao português, consideramos importante a construção de uma base conceitual sobre o fenômeno, que pode nos auxiliar no entendimento dos estudos descritivos e, depois, no entendimento dos dados que vamos analisar.

Diante disso, o presente capítulo inicia-se de uma breve resenha de dois textos que fazem uma revisão da HV na perspectiva teórica, Hulst e van der Weijer (1995) e Archangeli e Pulleyblank (2007). Em seguida, abordaremos os aspectos vocálicos do PB sob diferentes perspectivas: estruturalista, não linear e linear.

#### 3.1 CONSIDERAÇÕES FONOLÓGICAS

##### 3.1.1 A Harmonia Vocálica: Hulst e van derWeijer(1995)

Hulst e Weijer (1995) apresentam alguns conceitos sobre o fenômeno da HV e trazem um inventário de tipos e listam os traços que estão envolvidos no processo da HV. Os autores também levantam três questões que consideram importantes e merecem nossa atenção para o estudo da HV: i) o domínio da HV; ii) a natureza dos traços que participam na HV e iii) a localidade na HV, isto é, a adjacência entre os segmentos envolvidos (no caso da HV, os segmentos são não-adjacentes, isto é, há interferência de consoantes entre as vogais).

Inicialmente é feita uma ilustração de conceitos com base no fenômeno em Tangale. A língua tem nove fonemas vocálicos, como na figura 1:

Figura 1: Nove fonemas vocálicos

	frontal		posterior	
alto	i		u	fechado
	ɪ		ʊ	aberto
médio	e		o	fechado
	ɛ		ɔ	aberto
baixo		a		aberto

Fonte: Hulst e van der Weijer, 1995

Do ponto de vista da harmonia, as vogais subdividem-se em dois subconjuntos: vogais fechadas /i u e o / e abertas /ɪ ʊ ε ɔ/. A vogal /a/ não participa do processo, por isso, é chamada de neutra. Nos exemplos abaixo, a vogal do sufixo torna-se aberta e fechada em função da vogal da raiz, como mostra nas figuras 2(a) e 2(b) :

Figuras 2(a) e 2(b): A vogal do sufixo , aberta e fechada em função da vogal da raiz

	seb-u	“olhar (imperativo)
(2a)	kɛn- ʊ	“olhar (imperativo)
	Tug-o	“pesagem”
	wʊd-ɔ	“plantação, agricultura”
(2b)	(a) ped-na-n-gɔ	"desamarrou me"
	peer-na-n-gɔ	"obrigaram me"
	dʊb-na-g-gʊ	"chamou vocês" (pl.)
	dʊb-na-m-gʊ	"cozinhou para nós"
	(b) kulag-dɔ	"a frigideira dela"

Fonte: Hulst e van der Weijer, 1995

Os exemplos em (2a) mostram que, além de neutra, a vogal /a/ mostra-se opaca ao processo, ou seja, não permite que a harmonia atravesse para a vogal do sufixo; no caso, a vogal /ɔ/ ou /ʊ/ do sufixo continua aberta apesar da vogal fechada da raiz. O exemplo (2b) mostra que isso também acontece quando /a/ estiver na raiz. Nem todas as vogais neutras são assim opacas, há vogais neutras que não impedem que a harmonia aconteça, embora não participem da harmonia. Essas vogais são chamadas de transparentes.

Em Bisol (1981, p. 112) vemos que, nas palavras *nostalgia* ~ \**nustalgia* e *negativo* ~ \**nigativo*, a harmonia da pretônica não se aplica; constata-se, portanto que a vogal /a/ é opaca em português.

A respeito da questão do domínio da HV, Hulst e van der Weijer (1995) observam que, normalmente, se considera que a HV ocorra na palavra. Uma questão interessante que os autores trazem é se o domínio é a P $\omega$  (palavra fonológica) ou a palavra morfológica. No português, não existe harmonia entre os dois membros de uma palavra composta, o que sugere que o limite seria P $\omega$ .

No entanto, Hulst e van der Weijer (1995) consideram problemática a ideia de que a harmonia seja limitada pela P $\omega$  pois muitos processos de harmonia se aplicam no nível

lexical, no momento em que a estrutura representacional de  $P\omega$  ainda não estaria disponível. Além disso, os autores dizem que, embora em muitas línguas haja afixos que formam palavras independentes da base, não há notícias de processos de harmonia que distingam entre afixos que formam palavra com a base (*cohering affixes*) e aqueles que formam palavra independentemente (*non-cohering affixes*). Quando determinado afixo não apresenta harmonia com a base, isso normalmente é considerado como uma propriedade idiossincrática do afixo.

Para os autores, então, o domínio da harmonia pode ser também a palavra morfológica, embora não descartem a possibilidade de que a HV aconteça dentro de  $P\omega$ , ou mesmo de outros constituintes prosódicos, como o grupo clítico. Em Português, conforme Schwindt (2000) há evidências de que certas palavras formadas por prefixos *r[e]fiz ~ r[i]fiz* sofrem o processo de HV (*ri(fiz)ω*). Em sua análise, o processo ocorre entre o prefixo e a base, no entanto, a base seria uma  $P\omega$  e o prefixo estaria dentro da  $P\omega$  maior, formada recursivamente com a  $P\omega$  da base. Neste caso, podemos argumentar que a HV é sensível à estrutura morfológica, ou então, é preciso dizer que a harmonia não está limitada à  $P\omega$  interna de uma palavra prosódica recursiva.

Para dar conta de como o fenômeno acontece, o segundo ponto é a relevância da abordagem de traços. Antes de mais nada, Hulst e Weijer (1995) entendem a harmonia como um processo autosegmental no qual segmentos são levados a compartilhar algum traço dentro do domínio.

Duas questões concernem, segundo os autores, aos traços: a primeira é se os traços são binários ou monovalentes; a segunda, como são organizados os traços entre si.

Na Teoria Gerativa, Chomsky e Halle (1968), traços são entidades psicológicas que se combinam para formar os sons da língua. No nível fonético, são caracterizados como escalas físicas, que descrevem os eventos da fala (Chomsky e Halle, 1968, p. 297). Em nível fonológico, são marcadores classificatórios abstratos, que identificam os itens lexicais da língua, e são binários. Cada traço é definido por  $[\pm]$ , em que ‘+’ representa a presença de uma propriedade, ao passo que ‘-’ a sua ausência. Assim, o segmento vocálico /a/ do português é especificado como  $[-arr]$ , distinguindo-se de /u/, que é  $[+arr]$ <sup>1</sup>. Nesta perspectiva, a HV é o estado em que dois segmentos possuem o mesmo traço no interior de um determinado domínio.

---

<sup>1</sup> Traço arredondado (*round*).

Em desenvolvimentos posteriores da teoria dos traços, nem todos os traços estão especificados necessariamente. Por exemplo, o traço [-arr] não é distintivo para a vogal /a/ no português, pois não há vogal baixa arredondada na língua. Assim, a informação do valor do traço não precisa ser codificada (recebe o código zero). O valor ‘-’ é automaticamente preenchido por uma regra geral. Essa informação pode ser fornecida em estágios mais avançados ou no final da derivação fonológica. Então, a primeira abordagem de que falam os autores, se caracteriza pela possibilidade de os segmentos receberem um valor ‘+’ ou ‘-’, ou mesmo um valor ‘0’.

A outra abordagem é a dos traços monovalentes. Na Teoria de Subespecificação Radical defendida por Archangeli (1988), os traços são elementos que têm apenas um único valor. Com isso, a harmonia pode ser definida, segundo Hulst e van der Weijer, como um estado em que todos os segmentos têm ou carecem de um elemento particular. Os valores não especificados nunca estão fonologicamente ativos em nenhuma parte do nível fonológico. Nesta perspectiva, vogais neutras transparentes não possuem o traço relevante para o processo, por exemplo, num processo de harmonia de vogal de traço [+arredondado], as vogais [-arredondado] seriam neutras e transparentes.

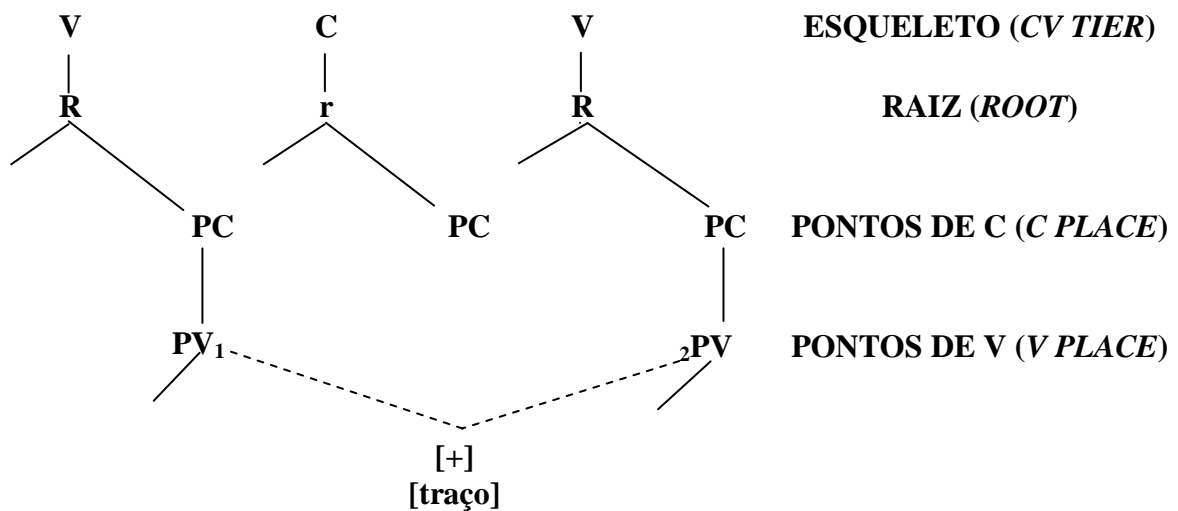
Outro ponto para explicar como ocorre o fenômeno refere-se à questão de como os traços se organizam entre si. A Fonologia Autossegmental permite que se representem a harmonia e outros fenômenos assimilatórios como situações em que segmentos, ou melhor posições esqueletais, concordam com respeito a um valor de traço, na forma de associação múltipla ou compartilhada. Assim, um determinado domínio, que contém segmentos que compartilham um determinado traço, apenas precisa de uma única instância desse traço, que se associa a todos os alvos potenciais no domínio.

No que se refere à localidade, há teoricamente um problema; pois, se um traço passou de uma vogal para outra, o que acontece com a consoante que está no meio? Para Hulst e van der Weijer (1995), uma interpretação considera que as consoantes não interferem na HV; como em (3) as consoantes estão em outro *tier* que as vogais. Outra explicação baseia-se na geometria de traços. Clements (1985), atentando para a constituição do som em conformidade com a sua articulação e produção, estabelece a árvore representativa dos segmentos (diagrama arbóreo). Os traços não estão associados diretamente a uma posição esqueletal, mas através de **nós de classes**, que agrupam diferentes propriedades, por exemplo [+posterior], [+arredondado], e esses nós, por sua vez, estão associados aos **nós de raiz, que**, por fim, está associado à *camada CV (CV tier)* ou esqueletal.



A organização do esquema arbóreo, segundo os autores, é importante, para a afirmação de que as vogais associam seus traços a nós de classes dos quais as consoantes carecem. Como as consoantes não possuem nó de classe *V Place* (ponto de vogal), o compartilhamento de traços pelas vogais é local porque seus nós de classes são adjacentes. Por exemplo a figura 3 abaixo, adaptada de Hulst e Weijer (1995):

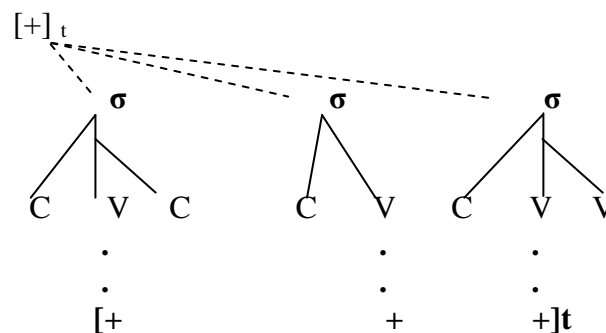
Figura 3: Abordagem da geometria de traços



Fonte: Hulst e van der Weijer, 1995

Outra hipótese que estava sendo elaborada na época em que o texto foi publicado é a abordagem da cabeça de sílaba, exposta na figura (4):

Figura 4: Abordagem da Cabeça de Sílaba



Fonte: Hulst e Weijer, 1995

O traço [+], ligado ao núcleo da sílaba, está, inicialmente, ancorado na primeira sílaba. Ele percola para o elemento que é o núcleo (V), mas não para os dependentes deste (Cs).

Depois segue para o nódulo seguinte e percola para o núcleo. Nesse caso o problema da adjacência não surge, pois a não adjacência só ocorre abaixo do *tier* silábico, no *tier CV*. Essa estrutura tem dificuldade, no entanto, de explicar o bloqueio consonantal, quando ele ocorre, porque teoricamente a harmonia poderia atingir sempre somente o núcleo das sílabas não importando quantas consoantes há no meio. Esta questão os autores apenas apresentam, mas não desenvolvem.

O modelo da geometria de traços proposto por Clements e Hume (1995, p. 221) prevê que consoantes com articulação secundária, isto é, com um nódulo vocálico, deveriam ser intransponíveis. Essa questão torna-se problemática, pois algumas consoantes com articulação secundária parecem permitir a HV. É possível também que diferentes consoantes possam comportar-se de diferentes formas na harmonia. Archangeli e Pulleyblank (2007) dizem que a questão da transparência das consoantes ainda está longe de ser resolvida. Essa questão nos interessa porque analisamos a interferência das consoantes no processo da harmonia vocálica nos dados coletados na pesquisa variacionista (ver Parte III).

### **3.1.2 A Harmonia Vocálica sob o ponto de vista das suas limitações: Archangeli e Pulleyblank (2007)**

Outro texto importante Archangeli e Pulleyblank (2007) faz uma discussão sobre a abordagem mais atual a respeito da harmonia e lança um olhar diferente para o processo. Os autores levantam diversos pontos importantes na análise da harmonia vocálica; porém, embora seu capítulo esteja inserido em um livro sobre Teoria da Otimalidade (TO), buscam mostrar-se neutros teoricamente, pois apontam mais dúvidas sobre o fenômeno da harmonia do que as respondem. Na verdade, os autores procuram entender em que sentido a HV seria diferente de outros processos assimilatórios. Seria válido defini-la por um rótulo específico? Ou seria a harmonia apenas um conjunto de propriedades que também caracterizam outros processos? Os autores consideram a harmonia como uma constelação particular de propriedades que ocorrem isoladamente em outros tipos de padrões fonológicos (Archangeli e Pulleyblank, 2007 p. 353).

Na situação canônica do processo de HV, espera-se que todos os segmentos dentro de um domínio tenham o mesmo do traço, conforme figura 5:

Figura 5 : Forma canônica da harmonia

(a)  $[X_F X_F X_F \dots X_F]$ (b)  $[V_F \dots V_F \dots V_F \dots V_F \dots]$ 

Fonte: Archangeli e Pulleyblank, 2007

Os autores mostram que, na verdade, não é assim que ocorre. Na maioria dos casos, o sistema canônico apresenta desvios, limitações, e, para explicá-los, os autores sugerem observar diversas propriedades tipológicas da harmonia. Há variações no que se refere a: condições sobre o segmento gatilho ou sobre o alvo, direção, possibilidade ou não de iteração e localidade. Essas propriedades variáveis poderiam ser interpretadas como parâmetros; mas, como são limitadoras do processo da harmonia, também poderiam ser consideradas restrições.

Quanto ao segmento alvo, traços delimitadores, dizem que um determinado segmento que tem um valor de traço X vai ser alvo (*target*), ao passo que os outros não. Da mesma forma, no que se refere ao gatilho, traços delimitadores dizem que um determinado segmento pode ser gatilho e outros não. No caso da harmonia da pretônica no PB, só são alvo as vogais [-bx], seguida por uma vogal alta no gatilho (*trigger*), exemplo *pepino*, ~*pipino*, *veludo* ~ *viludo*; então o traço [-bx] é delimitador do alvo e o traço [+alt] do gatilho para a HV; a delimitação dos traços de alvo e gatilho explica os desvios em relação à situação idealizada na qual todas as vogais da sequência pretônica (domínio) seriam uniformemente altas.

Há também condições que se referem à posição do alvo ou do gatilho. Como alvo, por exemplo, pode se ter apenas a vogal não acentuada e como gatilho apenas a vogal acentuada. Outro exemplo é quando o radical provoca harmonia no sufixo; se a posição do alvo está no sufixo, sofrerá harmonia; se estiver no radical, não. Os autores citam Beckman (1997, 1998) para dizer que os alvos podem ser delimitados por efeitos fonológicos. Por exemplo, em Ascrea, dialeto italiano a vogal postônica é gatilho no processo de harmonia de altura (Archangeli e Pulleyblank (2007).

Figura 6: Processo de harmonia de altura em Ascrea

(a)	<b>'sorda</b>	“deaf (f sg)”	<b>'surdu</b>	“deaf (m sg)”
	<b>'veste</b>	“this (f pl)”	<b>'vifti</b>	“this (m pl)”
(b)	<b>pre'fonna</b>	“profound (f sg)”	<b>pre'funnu</b>	“profound (m sg)”

Fonte: Archangeli e Pulleyblank, 2007

Em (6a) uma vogal alta eleva a vogal média acentuada a sua esquerda; e em (6b) vê-se que apenas as vogais acentuadas se elevam. Então, a posição do acento e a posição à esquerda de uma vogal alta são delimitadores prosódico e fonológico.

A posição em relação ao alvo pode ser morfológica, prosódica (acentuada) ou fonológica em localização em relação ao alvo. A posição também pode determinar os gatilhos; um conjunto variado de línguas determina o gatilho pela localização do acento. No Italiano Servigliano (Archangeli e Pulleyblank, p.361), vogais pretônicas concordam em altura com uma vogal mais acentuada alta. Isso é uma condição de posição e traço sobre o gatilho.

Quanto aos domínios, estes podem ser fonológicos, morfológicos ou sintáticos. Por exemplo, um domínio pode ser uma sílaba ou um pé, ou um morfema, ou uma frase. Além das condições de posição e do domínio, a direção de aplicação da harmonia é também delimitada, ou seja, qualquer análise deve permitir uma ancoragem em uma das bordas do domínio.

Uma vez dadas algumas condições dentro das quais uma língua pode variar, a harmonia vocálica poderia se aplicar livremente até onde fosse possível. Há, no entanto, casos em que harmonia acomoda-se ao segmento mais próximo, independentemente de direção e de posição de domínio; em outros, não, ou seja, a harmonia se aplica até o limite do domínio. Há, portanto, casos de iteração e de não iteração. Um exemplo para tal comparação vem das línguas, Akan, que é iterativa, e Lango, que é não iterativa. (Archangeli e Pulleyblank, 2007, p. 357):

Figura 7: Akan – Harmonia de  $[\pm\text{ATR}]$  e Lango – Harmonia de  $[-\text{ATR}]$

7 (a) Akan – Harmonia de $[\pm\text{ATR}]$	[e-bu-ɔ]    “ninho”    [ɛ-bu-ɔ]    “pedra”
	[o-kusi-e]    “ratazana”    [ɔ-kɔɖi-ɛ]    “águia”

Fonte: Pulleyblank, 2007, p. 357

7 (b) Lango – Harmonia de $[-\text{ATR}]$	/b̀̀ɲɔ́ + ní/    b̀̀ɲòní    “seu vestido”
	/òkwé' + ní/    òkwé'céní    “sua cachorra”

Fonte: Pulleyblank, 2007, p. 368

Esses dois tipos de caso, (7a) e (7b), são muitas vezes distintos na literatura com os termos de harmonia e *Umlaut*<sup>2</sup> implicando que os dois processos sejam inerentemente diferentes um do outro do outro. Para os autores, no entanto, eles poderiam ser apenas variações ao longo de uma escala. Por outro lado, por causa das delimitações de domínio que existem em qualquer tipo de harmonia, torna-se extremamente difícil de determinar se um efeito local é iterativo ou não, gerando ambiguidades.

Bisol (1981, p. 130) apresenta casos onde a harmonia parece não parar na vogal adjacente, *corregedoria* ~ *currigiduria*. Isto indica que o português admite a iteratividade. Porém, esses casos não são muito comuns, e, muitas vezes, a elevação em sílabas não adjacentes pode ser atribuída a outros fatores, fonéticos ou simplesmente sociais (variação lexical) vistos no exemplo *aposentadoria*, coletado em nossa pesquisa, no qual ocorre *apusentadoria*, mas não *\*aposintadoria* (ver ANEXO A).

Um processo harmônico iterativo envolve um gatilho que provoque a harmonia em uma determinada direção dentro de algum domínio, afetando cada alvo consecutivo. Se um alvo potencial for encontrado que não pode harmonizar porque não atende a determinada condição, então a propagação da harmonia para, caracterizando o efeito da *opacidade*. Para os autores, a opacidade é o efeito esperado, enquanto a transparência é o que é intrigante. Um exemplo é a harmonia vocálica em turco, conforme figura 8 em que as consoantes parecem ser irrelevantes e transparentes.

Figura 8: Harmonia vocálica em turco

nom.sg.	gen. sg.	nom. PL.	tradução
ip	ipin	Ipler	“corda”
kiz	kizın	kızlar	“menina”
jyz	jyzın	Jysler	“rosto”
pul	pulun	Pullar	“selo”

Fonte: Pulleyblank, 2007

Como apontam os autores, várias questões surgem. Segmentos transparentes são realmente pulados? Que tipos de segmentos podem ser transparentes? Quais são as propriedades prosódicas e melódicas de segmentos transparentes? Quão distante um gatilho pode estar do alvo? Quais são os mecanismos formais que tornam possível a transparência?

<sup>2</sup> Um condicionamento fonológico que muda a qualidade da vogal devido à influência de uma vogal adjacente (KATAMBA E STONHAM, 2006, p. 355)

Alguns autores consideram que consoantes nunca são puladas em processos de harmonia vocálica. Para estes autores, a transparência de consoantes seria apenas aparente, pois os traços harmonizados seriam redundantes nas consoantes e, por isso, não visíveis. Assim, na harmonia do turco, Ni'Chiosáin e Padgett, 2001 (apud ARCHANGELI E PULLEYBLANK, 2007, p. 369), defendem que a harmonia é estritamente local e que o espriamento não pularia as consoantes intervenientes. Archangeli e Pulleyblank (1997), no entanto, dizem que há muitos casos em que a harmonia parece de fato pular determinados segmentos, i.e. estes segmentos não parecem ter o traço harmônico.

Diferentemente de Hulst e van der Weijer, os autores não dão nenhuma informação sobre a representação formal do processo. Mesmo não dando respostas às inúmeras perguntas que levanta, o texto nos faz ver a HV de forma algo diferente da proposta que a tradição da Fonologia Autossegmental nos mostra. Condições alvo, gatilho, domínio, direcionalidade e a iteração são todas abordadas como propriedades que podem ser investigadas e descritas nos dados encontrados na língua, independentemente da harmonia. Por causa da neutralidade teórica dos autores, essas propriedades tanto podem ser interpretadas como parâmetros, como também poderiam ser entendidas como restrições ou combinações de restrições.

No próximo capítulo abordaremos os principais estudos sobre o inventário do sistema vocálico do PB.

## 4 ANÁLISE DO SISTEMA VOCÁLICO DO PB

Importantes abordagens para a descrição do sistema vocálico do PB serão consideradas, neste trabalho, como a Estruturalista de Mattoso Câmara Jr; (2007) Teoria Gerativa *standard* (Lopez, 1979); e a Teoria da Fonologia Não-Linear ou autosegmental, na proposta de análise de Wetzels (1991, 1992) e considerações, nessa vertente de Bisol (2003).

### 4.1 A ABORDAGEM ESTRUTURALISTA: MATTOSO CÂMARA JR.

Mattoso Câmara Jr. (2007) ao descrever o sistema fonológico, seguiu a Escola de Praga, adotando os conceitos de neutralização e arquifonema; e o Estruturalismo americano, quando traz para sua análise os conceitos de distribuição complementar e variação livre.

Para analisar o sistema das vogais, toma como referência a presença ou não do acento. De acordo com o autor:

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama <<acento>>, ou particular força expiatória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro do culto formal) os traços distintivos vocálicos.

Desta sorte, a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica. Daí se deduzem as vogais distintivas portuguesas (MATTOSO CÂMARA, 2007, p. 40 e 41).

Inicialmente, QUADRO 1, abaixo, o sistema vocálico do PB (adaptado de Mattoso Câmara Jr., 2007, p. 43 e 44):

**Quadro 1**  
**SISTEMA PLENO**

	POSTERIOR	CENTRAL	ANTERIOR
<b>ALTA</b>	/u/		/i/
<b>MÉDIA DE 1º GRAU</b>	/o/		/e/
<b>MÉDIA DE 2º GRAU</b>		/ɔ/	/ɛ/
<b>BAIXA</b>		/a/	

Fonte: Adaptado de MATTOSO CÂMARA JR, 2007, p.43

O sistema supracitado compreende sete vogais na posição tônica, três vogais anteriores /i, e, ɛ/; três vogais posteriores /u, o, ɔ/ e uma vogal central / a /, que seria posteriorizada

quando átona. Todas as vogais definidas em (8) manifestam-se na posição tônica criando oposições do tipo:

*s[a]co; s[e]de/s[ɛ]de; s[o]co/s[ɔ]co; s[a]ca/s[ɔ]ca; s[i]lo, s[u]co.*

Há uma redução no sistema quando em posição átona, o que é considerado por Mattoso Câmara Jr. como um processo de neutralização, isto é, perde-se a distinção entre dois fonemas.

Na posição pretônica ocorre a primeira neutralização (redução) de que resulta /i, e, o, a/, com o desaparecimento da média de segundo grau, exemplo:

*belo > beleza, mel > meloso, celeste > celestial*

No entanto, nessa pauta, constata o autor, existe também uma variação que não produz neutralização no sistema. Trata-se da regra harmonização com a vogal alta que torna também alta uma vogal média quando na sílaba seguinte houver uma vogal alta, seja /i/ ou /u/, que é o objeto de estudo deste trabalho. Exemplo:

*formiga ~ furmiga, pepino ~ pipino*

Vejamos como mostra o QUADRO 2 :

## Quadro 2 SISTEMA REDUZIDO DA PRETÔNICA

	POSTERIOR	CENTRAL	ANTERIOR
<b>ALTA</b>	/u/		/i/
<b>MÉDIA DE 1º GRAU</b>		o	e
<b>MÉDIA DE 2º GRAU</b>			
<b>BAIXA</b>		/a/	

Fonte: Adaptado de MATTOSO CÂMARA JR, 2007, P.44

Mattoso Câmara Jr. ressalta que a distinção entre *comprido* (longo) e *cumprido* (algo executado), que existe na escrita, não existe na fala, pois a pronúncia é a mesma nas duas, tendo em vista uma ocorrência de harmonização vocálica no primeiro vocábulo. Tal fenômeno não se trata de neutralização porque não há perda sistemática de contraste<sup>3</sup>; porém ocorre o que chamamos de variação, que não provoca alteração no sistema. Verificamos que a distinção entre vogais médias e altas é preservada em pares mínimos como *pelar x pilar, pecado x picado, corado x curado*.

<sup>3</sup> As vogais médias, na posição pretônica, assimilam o traço de altura da vogal alta da sílaba seguinte.



Para Mattoso (2007, P. 45), as vogais altas tendem a substituir as médias num processo de *debordamento*, que considera como *uma variação dentro do sistema, uma atrofia ou hipertrofia de elementos dele*. As vogais médias /e/ e /o/ pretônicas em hiato com um /a/ tônico, também podem alçar sem motivação aparente), apresentando flutuação no sistema, como *voar ~ vuar, passear ~ passiar*. Para Mattoso (2007, p. 45), as vogais altas tendem a substituir as médias num processo de *debordamento*. Nesse caso, não ocorre neutralização, conforme o autor; primeiro para manter a função comunicativa evidenciado por /soar/ (fazer som) em contraste com /suar/ (verter suor). Ainda, verificamos a distinção entre vogais médias e altas é preservada evidenciados nos casos como *pelar x \*pilar, pecado x \*picado, corado x \*curado*.

No que se refere à posição átona não-final, a distinção entre /o e u/, segundo o autor, é perdida, resultando um sistema assimétrico de quatro vogais /i, e, u, a/, como mostra o QUADRO 3 abaixo:

*fɔsf[u]ro, abɔb[u]ra, pɛr[u]la*

### Quadro 3

#### ÁTONA NÃO FINAL

	POSTERIOR	CENTRAL	ANTERIOR
ALTA	/u/		/i/
MÉDIA DE 1º G	/o/		
MÉDIA DE 2º G			
BAIXA		/a/	

Fonte: Adaptado de MATTOSO CÂMARA JR, 2007, P. 44

Contudo, nas variedades do Sul do Brasil, conforme Vieira (2002), a redução ocorre tanto em /e/ quanto com /o/, *córrego ~ córrego, alfândega ~ alfândiga, prótese ~ prótise*.

Na posição átona final, posição mais fraca, o sistema fica reduzido a três vogais: /a, i, u/, exemplos: *bosq[i], lob[u], lat[ə]*. Seguindo Vieira (2002, p. 153), a neutralização não ocorre de forma categórica no Sul do Brasil, – diferentemente do dialeto carioca confirmado nos estudos de Mattoso Câmara Jr.– isto é, ocorre uma realização variável que caminha em direção à neutralização já concretizada em grande parte do PB. A autora (op. cit, p. 128) destaca que no Sul do Brasil “são encontradas formas como pent[e] alternado com pent[i], bordad[o] como bordad[u]”. Vejamos, como mostra o QUADRO 4:

**Quadro 4**  
**ÁTONA FINAL**

	POSTERIOR	CENTRAL	ANTERIOR
<b>ALTA</b>	/u/		/i/
<b>MÉDIA DE 1º G</b>			
<b>MÉDIA DE 2º G</b>			
<b>BAIXA</b>		/a/	

Fonte: Adaptado de MATTOSO CÂMARA JR, 2007, P. 44

Por fim, retomamos a análise de Mattoso Câmara (2007, p. 43) que apresenta o sistema de sete vogais que se reduz a cinco (com uma variante posicional [â]) diante de consoante nasal na sílaba seguinte, exemplo: c[â]ma<sup>4</sup>. Veja o esquema no QUADRO 5:

**Quadro 5**  
**DIANTE DE CONSOANTE NASAL NA SÍLABA SEGUINTE**

	POSTERIOR	CENTRAL	ANTERIOR
	/u/		/i/
<b>ALTA</b>			
<b>MÉDIAS</b>	/o/		/e/
<b>BAIXA</b>		/a/ [â]	

Fonte: MATTOSO CÂMARA Jr., 2007, P. 43

Assim, quando uma vogal em posição tônica for seguida de uma consoante nasal, há a redução das vogais médias /ε, o/ e da baixa /a/, vogal anterior, tornando-se posterior [â].

#### **4.2 A ABORDAGEM GERATIVA: LOPEZ (1979)**

Lopez (1979) também analisa o dialeto carioca, e apresenta uma defesa a favor da ideia de neutralização, partindo da análise sob a luz do modelo gerativo *standard*. Para a representação das quatro alturas vocálicas, a autora considera os traços binários [alto] e [baixo] e acrescenta o traço [elevado] que permite a distinção entre os graus de vogais médias (1º e 2º graus). Nessa representação a vogal /a/ é considerada posterior.

<sup>4</sup> As vogais [i], [u], [e], [o] e [a] podem sofrer nasalização, recebendo, então, o diacrítico (~): [kâma] para /cama/.

Vejamos a representação do sistema em relação à posição tônica no QUADRO 6 abaixo:

**Quadro 6**  
**SISTEMA FONOLÓGICO DO PB**

- posterior		+posterior	
- arredondado		- arredondado	+arredondado
+alto, - baixo, + elevado	i		u
-alto, - baixo, +elevado	e		o
-alto, - baixo, - elevado	ɛ		ɔ
-alto, + baixo,- elevado		a	

Fonte: Lopez, p. 50

Na posição pretônica, que nos interessa neste momento, Lopez (1979, p. 88) interpreta o sistema vocálico como reduzido a cinco vogais: /i, u/ [+alta]; /e, o/ [- alta, - baixa, +elevada]; e /a/ [+baixa] que é considerada como posterior.

A formalização da regra de harmonia vocálica registrada na análise do dialeto carioca é descrita pela autora da seguinte forma na FIGURA (9):

Figura 9: Formalização da regra de harmonia vocálica registrada na análise do dialeto carioca

$$V[-baixa] \rightarrow [+alta] / \text{ \_\_\_\_\_\_ } C_1 V \left[ \begin{array}{c} +alta \\ +acentuada \end{array} \right]$$

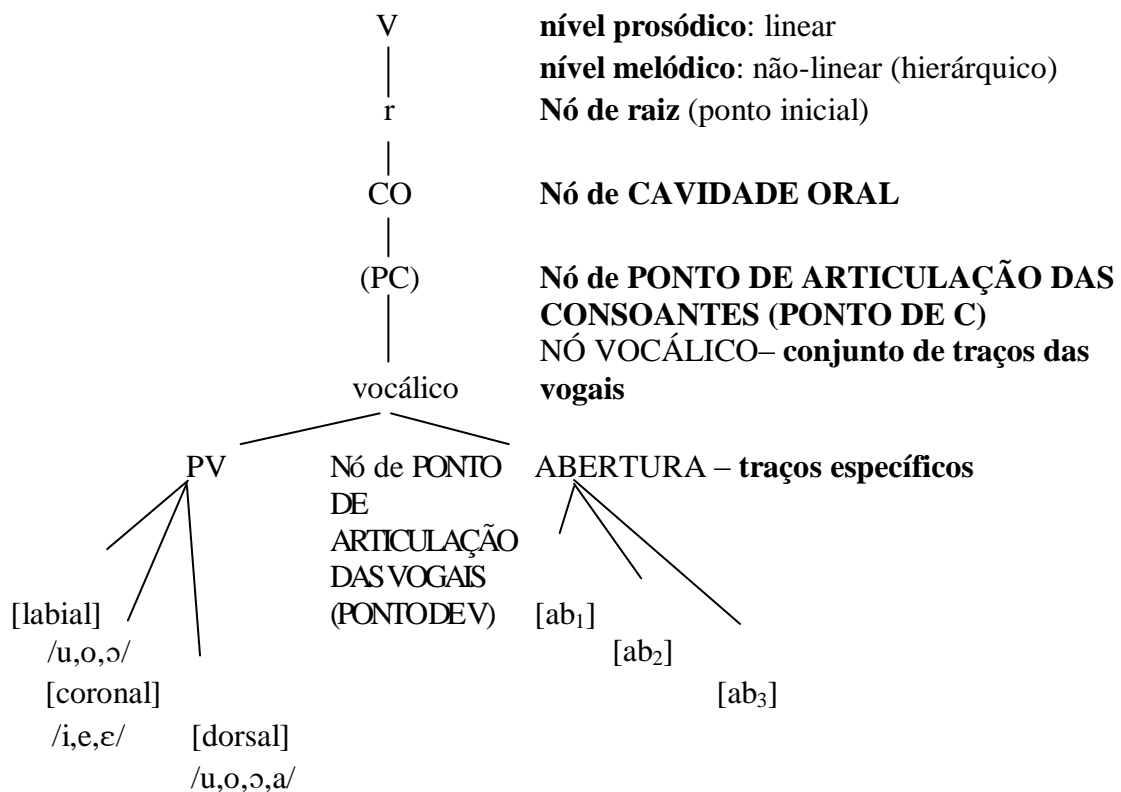
Fonte, Lopez, 1979, p. 133

Lê-se, a regra da seguinte forma: uma vogal que seja [-baixa] /e/ e /o/, torna-se uma vogal [+alta], [i, u] diante de uma sílaba seguinte cujo núcleo contenha uma vogal [+alta, +acentuada], como em *perigo* ~ *pirigo* ou *costume* ~ *custume*. Vê-se, portanto, que a autora considera a harmonia vocálica restrita aos casos em que a vogal alta é acentuada. Como veremos a seguir, nas pesquisas sobre a harmonia vocálica no dialeto gaúcho, a harmonia também ocorre se a vogal alta for não-acentuada, como em *perigoso* e *convidado*, razão por que, na regra variável formulada em Bisol (1981), a condição de acento não seja colocada.

### 4.3 A ABORDAGEM AUTOSSEGMENTAL: WETZELS (1992)

A Geometria de Traços, proposta por Clements (1985, 1989, 1991), e ampliada em Clements e Hume (1995), considera um novo modelo para a organização dos traços distintivos, como autossegmentos, dispostos hierarquicamente e organizados em *tiers*, como exposto na seção 2.1. Configurados em formato de árvore, os traços estão agrupados em grandes classes em conformidade com o papel que representam na articulação, os **nós**, que agrupam diferentes propriedades, como se vê em (9), adaptado de Clements e Hume (1995). No alto X, o **nó de raiz**, é a base da estrutura que marca a linha temporal<sup>5</sup> de um segmento, que se inclui em uma das grandes classes de sons (obstruintes, consoantes nasais, líquidas e vogais), de acordo com os valores dos traços [soante], [aproximante] e [vocóide]. **Nós de classe** estão em maiúsculas como **nó VOCÁLICO**, **PONTO DE VOGAL** e **nó de ABERTURA**. Os nós terminais são os traços fonológicos. Devemos nos lembrar (seção 2. 1), que as consoantes, geralmente, não possuem NÓ VOCÁLICO nem os traços a ele subordinados.

Figura 10: Representação estrutural da vogal



Fonte: adaptado de CLEMENTS e HUME, 1995, p. 292

<sup>5</sup> Possibilita a definição de segmentos independentemente da sua complexidade (WETZELS, 1991, p. 27).

De acordo com a FIGURA (10), os traços estão organizados em seus respectivos *nós*. Devemos nos lembrar (seção 2.1), que as consoantes, geralmente, não possuem NÓ VOCÁLICO nem os traços a ele subordinados. Nota-se que o segmento vocálico subdivide-se em Ponto de V, que classifica o som vocálico em [labial], [coronal] e [dorsal], distinções que nas especificações anteriores eram tratadas através dos traços [arredondado] e [posterior]. No que diz respeito à abertura, conforme proposto por Clements (1989), o traço [aberto] caracteriza a altura das vogais que, no modelo de Chomsky e Halle (1968) era distinguida pelos traços binários [alto] e [baixo], definidos com base na altura do corpo da língua. No modelo de Clements e Hume (1995), os graus de abertura não são fixos, mas podem variar de acordo com as exigências de cada língua, no caso, como veremos a seguir ilustrado para o PB.

Wetzels (1992) reanalisa o sistema vocálico do PB, no que refere-se às suas alternâncias, sob a perspectiva da Teoria Autossegmental. Faz um estudo sobre as vogais médias e evidencia que há um contraste em relação à abertura na posição tônica. Segundo o autor, as vogais médias fechadas /e,o/ são especificadas pelo traço [+ab2] e as médias abertas /ɛ,ɔ/ pelo traço [+ab3]. Vejamos no próximo quadro (6) as especificações dos graus de abertura das vogais, expostas por Wetzels (1992) apoiado em Clements (1989, p.25).

**Quadro 7**  
**MATRIZ DAS SETE VOGAIS**

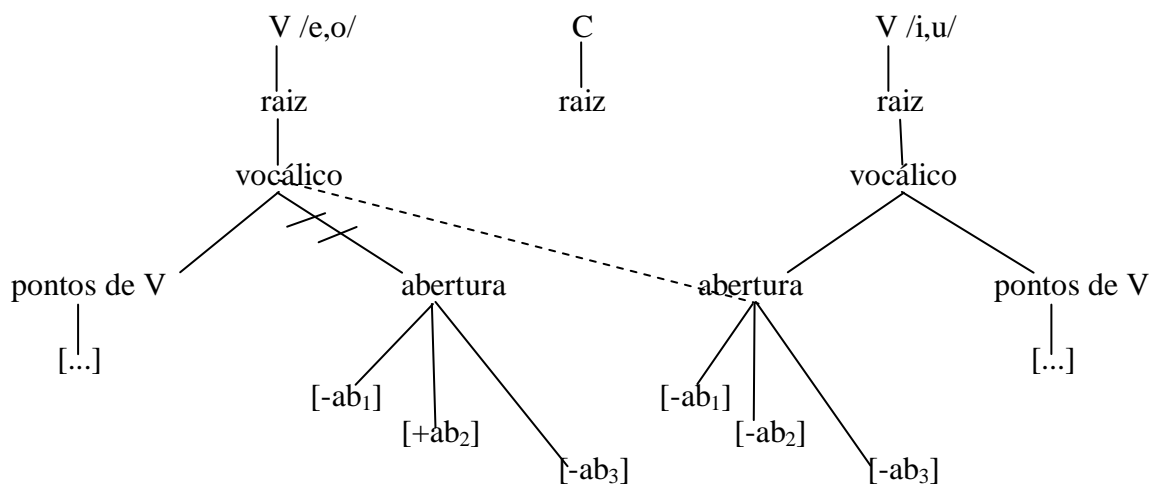
<b>abertura</b>	<b>i/u</b>	<b>e/o</b>	<b>ɛ/ɔ</b>	<b>a</b>
<b>aberto<sub>1</sub></b>	-	-	-	+
<b>aberto<sub>2</sub></b>	-	+	+	+
<b>aberto<sub>3</sub></b>	-	-	+	+

Fonte: Wetzels, 1992, p. 22

Na Teoria Autossegmental, diferentemente da Fonologia Estruturalista, em que a neutralização é expressa por um arquifonema, o traço fonológico é desligado, isto é, é apagado, ficando o segmento com uma especificação a menos. As sete vogais reduzem-se a cinco na pauta pretônica /a,e,i,o,u/, pela perda do traço fonológico que distingue as médias o traço [aberto3] Wetzels (1992, 24).

O desligamento também pode ser decorrente de um processo de assimilação ou de dissimilação<sup>6</sup>. Na fonologia autossegmental, a assimilação é descrita como espraçamento de traços. Seguindo esse modelo, a HV se dá por espraçamento de um traço da vogal seguinte, conforme a figura 11, fica assim representada para o PB (Wetzels, 1991, p.37), com adaptações. Trata-se de uma HV diferente do nosso objetivo; contudo gostaríamos de expressar essas considerações para enriquecermos a pesquisa:

Figura 11: Processo de assimilação



Fonte: adaptado de Wetzels, 1991, p.37

Wetzels analisa a harmonia verbal, acima, representando o desligamento do nó de abertura, envolvendo a harmonia da vogal temática com a vogal da raiz. O autor define, ainda, como elementos que desencadeiam a harmonia a classe de vogais [-ab1], ou seja, todas as vogais temáticas, exceto /a/; pois a harmonia não tem efeito de abaixamento, apenas levantamento, nem na primeira conjugação (/vibr+a+o → \*[v-{e, E}bru]), nem na segunda (mov+e+o → \*[mɔvo]), porém na terceira (vogal alta), (perseg + i+o → \*[persego], mas [persigo ~ pirsigo]). O autor defende que as vogais médias da raiz verbal são todas médias-baixas antes da aplicação da regra de HV.

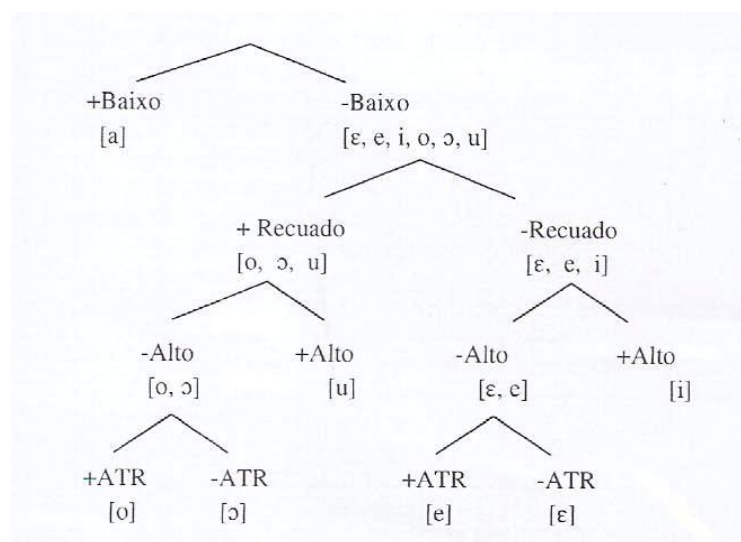
Lee (2008) propõe uma interpretação baseando-se na Hierarquia Contrastiva dos Traços Geometria de Traços para explicar as alternâncias das vogais do PB e apresenta um

<sup>6</sup> Não nos interessa, no momento, aprofundar-nos a respeito da dissimilação, por não se tratar do processo referente à HV. Porém, deixamos esclarecido que no processo de dissimilação ocorre um desligamento de determinado traço devido à presença de um traço semelhante na vogal seguinte.

sistema vocálico utilizando o traço ATR (*Advanced Tongue Root*)<sup>7</sup> para distinguir /i,u,e,o/ [+ATR] e /a, ε,ɔ/ [-ATR] na posição pretônica. Discute o sistema proposto por Mateus (1975) e Lopez (1979), entre outros que atribuem o traço [±alto], [±baixo] e [±posterior], e a relação entre alvo e gatilho que envolve os processos fonológicos. Para explicar os fenômenos de flutuação das vogais médias pretônicas do PB (*moderno ~ mɔderno ~ muderno*) é acrescentado mais um traço e permite um sistema de quatro alturas que caracteriza-se pela utilização do traço [±ATR]; ao invés dos traços altura, como [baixo] usa [±ATR] para a distinção entre as vogais médias.<sup>8</sup>

A Hierarquia Contrastiva dos Traços (HCT) no PB (Lee, 2008) apresenta-se da seguinte forma, de acordo como ilustrada na figura 12:

Figura 12: Hierarquia constrativa dos traços das vogais do PB



Fonte: Lee, 2008

Os traços que estão na posição mais baixa da hierarquia são os que mais facilmente são perdidos em um processo de neutralização e também são aqueles adquiridos por último no processo de aquisição dos traços. Assim, os traços [Baixo] e [Recuado] são mais estáveis do que o traço [Alto] no sistema vocálico do PB e este, por sua vez, é mais estável do que o traço [ATR].

Os contrastes vão sendo estabelecidos por divisões sucessivas dos segmentos em conjuntos a partir da distinção binária de traços. Assim, o traço [baixo] estabelece uma

<sup>7</sup> Sons produzidos com a raiz da língua avançada. Ver mais sobre o assunto consultar em *Vowel Harmony*: Archangeli e Pulleyblank, 1995; Hulst e Weijer, 2007.

<sup>8</sup> Para maior detalhamento ver: Lee, S.H. *Contraste das Vogais médias do PB*. v. 5, 2008, p. 201-22.

primeira divisão entre /a/ e as demais vogais. Em seguida, o traço [recuado] distingue entre as vogais /i,e, ε/ por um lado, e /u, o, ɔ/ por outro. Este traço, é distintivo somente para estes dois conjuntos de vogais e é redundante para o /a/

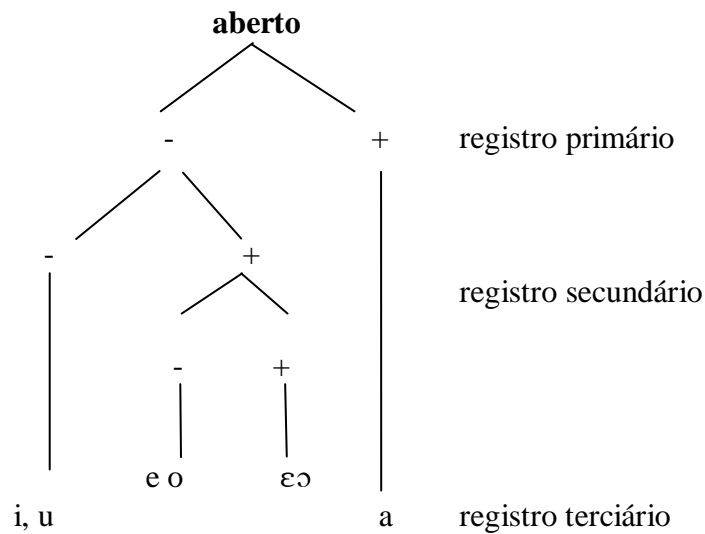
A vogal /a/ somente é especificada como [+baixa]; por isso, ela é neutra nos processos que envolvem os traços [alto] e [ATR]; /i,u/ estão marcados na superfície como [-baixo], [+alto] e [±recuado] evidenciando a prevalência na posição ocorrendo, por exemplo *gulosa* ~ \**gɔlɔsa*. Dessa maneira só nas vogais médias faria sentido a especificação do traço [±ATR] nas vogais médias, isto é, as vogais que têm o traço [- Alto].

Lee conclui que as vogais baixas e altas são fiéis à marcação especificadas no input, enquanto que somente as vogais médias são sensíveis a flutuações. Entre elas, há a evidência de um conjunto não marcado no sistema. E isso explica por que faz uma crítica a outros estudos que não explicam porque tanto as vogais médias altas e médias quanto as médias baixas sofrem e engatilham os processos fonológicos como vistos nos dados de abaixamento *r[ε]cibo* ~ *r[e]cibo* e na metafonia *p[o]rc[u]* VS. *p[ɔ]rcos* ~ *r[i]cibo* (o autor ressalta o trabalho de Miranda, 2007 sobre metafonia nominal). Além disso, a proposta explica por que as vogais altas engatilham processos (harmonia vocálica), mas não sofrem processos e, por outro lado, a vogal baixa não engatilha nem sofre processos.

Bisol (2003) baseando-se nos estudos da Teoria Autossegmental (Wetzels 1992; Clements, 1991), reinterpreta a disposição fonológica das vogais proposta por Câmara Jr. (2007) e propõe um sistema fonológico do PB com duas regras de neutralização em favor da vogal alta e não três como antes postulado. “Para as línguas românicas, vemos que o português se classifica como uma língua de registro terciário, sete vogais, que se reduz a registro secundário, cinco vogais, no subsistema da pretônica e a registro primário, três vogais, no subsistema da átona final”. (BISOL, 2003, p. 269). Vejamos o modelo exposto por Clements (1991) apresentado no artigo de Bisol, 2003 (p. 269) exposto na figura 13:



Figura 13: Línguas Românicas



Fonte: adaptado de BISOL, p. 269

De acordo com Bisol conforme o modelo exposto por Clements (1991) o PB é uma língua de registro terciário, com sete vogais que se manifestam na posição tônica: *sede/sede*; *soco/soco/saca* e *suco/sico*. As sete vogais reduzem-se a cinco na pretônica e conseqüentemente em toda pauta átona perde-se o traço fonológico que distingue as médias pela regra de neutralização que desliga [ab3]: *belo/beleza*, *mada/moderno*. O sistema das átonas finais com o desligamento do traço de [ab2], fica reduzido a três vogais /a,u,i/: *porto>portu*, *bolo>bolu*, *leme>lemi*. Bisol conclui da seguinte maneira:

[...] o português brasileiro conta com duas regras de neutralização não três como se vinha postulando. Trata-se de um sistema vocálico de sete vogais que se manifesta plenamente em posição tônica e dois subsistemas átonos de cinco e três vogais, que estão representados no esquema de Clements (3). O sistema de cinco vogais tem sua plenitude na pretônica e o sistema de três vogais na átona final. Na postônica não-final, flutuam os dois sistemas átonos, o de cinco e o de três vogais (BISOL, 2003, p. 274).

Para Bisol (2003), a regra de HV, consiste no espraçamento do traço [aberto] da vogal seguinte que converte a média precedente em vogal alta, exemplo: *bonito ~ bunito*, *menino ~ minino*, registrado em vários estudos realizados no Brasil. Como se pode ver, a proposta de Bisol baseia-se na análise de Wetzels para reinterpretar a análise do sistema vocálico do português de Câmara Jr.

Nossa finalidade até o momento era de situar, através de uma breve descrição, as diferentes teorias que descrevem o comportamento das vogais pretônicas /e,o/ transformadas

em [i,u] respectivamente. Não pretendemos aprofundar a discussão entre as diversas propostas teóricas, pois este não é o foco do nosso trabalho. Apenas buscamos uma compreensão da interpretação fonológica apresentada por diversos autores para o processo em estudo.

A exposição dessas teorias foi feita principalmente para fins de entendimento dos fenômenos de uma perspectiva fonológica, sem buscar polemizar sobre qual a abordagem seria a melhor; pois como já foi dito anteriormente, nosso trabalho tem foco na Teoria da Variação; para tanto apresentaremos no próximo capítulo questões importantes e pesquisas relevantes no PB que contribuíram para a construção do modelo da Teoria Variacionista que nos interessa no momento para realizarmos nossa análise empírica.

## PARTE II

### 5 VARIAÇÃO FONOLÓGICA

Após analisarmos o sistema vocálico do PB e a Harmonia Vocálica sob algumas perspectivas teóricas, pretendemos, neste momento, situar nosso estudo em relação ao modelo Sociolinguístico Variacionista, o qual adotamos para analisar nossos dados.

#### 5.1 AS LÍNGUAS VARIAM

Durante muito tempo, foi notado pelos estudiosos da linguagem o fato de que as línguas mudam. É fato também que há variação dentro de uma língua, e suas manifestações não são consideradas como línguas diferentes e sim peculiaridades; e, sobretudo que os falantes de certa região ao expressar suas particularidades linguísticas continuam entendendo e se comunicando com o restante dos indivíduos que partilham uma mesma língua.

Variação e mudança não se caracterizam como o mesmo fenômeno, há sempre variação, isto é, indivíduos adotam certos comportamentos de fala, alternam pronúncias e atribuem significados diferentes às mesmas palavras que já existem. Não poderíamos dizer que alguns desses aspectos sejam considerados como mudança, porque mudança exige necessariamente generalizações ordenadas que partam de todos os membros de um grupo para adquirir o *status* de diferenciação linguística, como evidenciados nos diferentes dialetos, podendo-se, a partir disso, concluir conforme Weinreich et al. (1968) que “toda mudança implica variação, mas o contrário não ocorre”.

Pode se falar de um jeito numa parte do país, ora de outra, e continuamos a perceber diferentes pronúncias de uma mesma palavra falada no Brasil, como em *[d]ia ~ [dz]ia*; ou podemos fazer referência a um léxico diferente; assim, diversos levantamentos constataram o emprego de itens lexicais distintos para designar uma mesma coisa, como *aipim*, *mandioca*, *macaxeira*, significando a mesma planta.

As coisas não foram sempre vistas dessa maneira, conforme Trask (1996, p. 267). Para os neogramáticos, a língua consistia numa coleção de elementos individuais: sons da fala, palavras etc. Era a visão atomista das mudanças, isto é, a língua podia ser interpretada como uma substituição de um elemento por outro. Ainda assim, foram os neogramáticos que estabeleceram a idéia de que as mudanças eram regulares e não idiossincráticas. No entanto, a idéia de gramática, de sistema constituído por vários subsistemas, ou seja, de um sistema

complexo, como a temos hoje ainda não fazia parte da perspectiva dos neogramáticos. Ferdinand de Saussure, no século XX, propõe uma maneira integrada de ver a língua, que ficou conhecida como estruturalismo. Para o estruturalismo, a língua é um sistema de relações e nenhuma forma é isolada. Essa perspectiva também permite ver que as mudanças não são isoladas, que uma mudança em um subsistema, por exemplo, o fonológico, pode levar a mudanças em outro subsistema, por exemplo, o morfológico.

Porém, o estruturalismo produz um quebra-cabeça conhecido como paradoxo de Saussure: “se a língua é um sistema de relações ordenadas, como ela pode mudar sem interromper o sistema? Como a língua pode ser usada como um veículo efetivo para a comunicação e expressão enquanto ela está no meio de uma mudança, ou num número maior de mudanças?”. (TRASK, 1996, p. 267). No estruturalismo, pressupunha-se uma oposição forte entre estrutura e heterogeneidade; esta era uma característica da fala, aquela uma característica da língua, entendida como um sistema homogêneo, o único que podia ser tomado como objeto da linguística científica. A existência dessas duas dimensões da realidade linguística (fala e língua) cria uma contradição: “se é verdade que as estruturas das línguas garantem que haja comunicação efetiva entre os seus falantes, como acontece a mudança de um estágio de língua para outro, se esse estágio se caracteriza por estágios de menos homogeneidade?”(WEINREICH et al., 2006). Sob uma visão de língua homogênea, seria preciso caracterizar cada estágio de uma língua independentemente e a seguir explicar como ocorreria a substituição de um estágio por outro. Seria impossível que todos os falantes de uma mesma comunidade mantivessem um acordo tácito de mudar de uma hora para outra. Portanto, deve-se considerar a existência de estágios intermediários, em que variantes linguísticas antigas coexistem com as variantes novas; mas para isso é preciso aceitar a heterogeneidade. Essa ideia dá origem a uma série de estudos para poder entender como a língua muda sem necessariamente interromper o sistema, i. é, como a língua pode ser um sistema homogêneo ao mesmo tempo em que mudanças estão em curso, dando a esse sistema um caráter heterogêneo.

Em *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, Weinreich, Labov e Herzog (2006)<sup>9</sup> defendem a mudança linguística como um processo contínuo e um subproduto inevitável da interação linguística. Weinreich, Labov e Herzog propuseram que a língua pode ser percebida, tanto diacrônica como sincronicamente, como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. A partir daí, surgiram as bases para uma teoria da mudança

---

<sup>9</sup> Obra de 1968 traduzida por Bagno (2006) como *Fundamentos empíricos para uma nova teoria da Mudança Linguística*.

linguística que superava a limitação de que só o que era homogêneo poderia ser objeto da investigação linguística. Fez-se necessário, portanto, um modelo de mudança e de variação linguística capaz de resolver esse paradoxo, repensando a relação entre estrutura e heterogeneidade.

Para Weinreich ; Labov e Herzog. (2006, p.122), “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”. Portanto, esse processo de mudança não ocorre de um sistema inteiro para outro, mas ocorre através de um conjunto limitado de variáveis que alteram os seus valores gradualmente.

O estudo da mudança, conforme os autores supracitados, compreende a investigação de cinco problemas fundamentais, a saber:

a) **O problema dos fatores condicionantes:** é preciso determinar quais variantes linguísticas são possíveis e quais são os fatores condicionantes que estão envolvidos no processo da mudança.

b) **O problema da transição:** é preciso determinar os caminhos pelos quais uma língua muda e os motivos que levam a língua a mudar, bem como as maneiras como se dá a transição ou transferência de traços de uma geração para outra, e como isso ocorre.

c) **O problema do encaixamento:** é preciso determinar como a mudança se relaciona com a estrutura linguística e com a estrutura social a que está inserida.

d) **O problema de avaliação:** é preciso observar e entender as respostas subjetivas dos indivíduos de uma determinada comunidade linguística diante de uma mudança e de como ela é avaliada por eles.

e) **O problema da implementação** diz respeito à forma pela qual a mudança é implementada e principalmente por que determinada mudança linguística pode ocorrer em uma determinada língua em um determinado momento. Os autores (op. cit. p. 124) sugerem que a variação possa se difundir através de um grupo social específico e deste para os outros subgrupos.

O novo modelo, embasado em estudo empírico, pressupõe que: (i) mudanças linguísticas não são meras variações inerentes à fala; uma mudança começa quando uma determinada alternância toma um rumo, isto é deixa de ser aleatória; (ii) estrutura não implica homogeneidade, em uma comunidade linguística real, os falantes têm comando de estruturas linguísticas heterogêneas, caracterizadas por uma variação ordenada; (iii) nem toda variação implica mudança, mas toda mudança implica variação; (iv) uma mudança linguística não é

generalizada de maneira instantânea, nem uniforme; essa generalização envolve covariação de mudanças associadas por períodos de tempo significativos; (v) mudanças linguísticas ocorrem em gramáticas da comunidade, não em gramáticas individuais, visto que as estruturas variáveis das línguas são determinadas por questões sociais; (vi) mudanças linguísticas são transmitidas pela comunidade como um todo, não estando confinadas à transmissão entre gerações dentro da família. (vii) em uma mudança linguística, encontram-se relacionados fatores linguísticos e sociais.

Independentemente de diferenças entre teóricos, a língua não é “vista como algo que caminha aleatoriamente e às cegas[..]”. (KIPARSKY 2003, p.314). Com William Labov, linguista americano há o desenvolvimento, na década de 60, do modelo teórico-metodológico chamado de Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa. É nesse contexto que surge o objetivo de (re)observar a relação entre estrutura e heterogeneidade e empreender uma visão de forma mais dinâmica da variação e da mudança linguística tal como ocorre de fato na língua

Nesse modelo, o objeto de estudo é a língua falada em situações legítimas de uso, ou seja, em situações nas quais os falantes interagem com seus interlocutores, fazendo uso, do comportamento linguístico natural.

## **5.2 UMA NOVA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DA TEORIA DA VARIAÇÃO: LABOV, 1972 (2008)<sup>10</sup>**

O estudo de Labov realizado, em (1963, [2008]), com a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts. Nessa localidade – bastante frequentada por veranistas – foi constatado que a vogal base dos ditongos [aw] como em *out e house*, e [ay] como em *white e right* não era produzida sempre da mesma forma, apresentando três alternâncias perceptíveis em direção a uma pronúncia mais centralizada - [a], [ɐ] e [ə]. A primeira caracterizava a pronúncia padrão do estado de New England e a última, [ə], a mais centralizada, remontava ao inglês do século XVII e XVIII.

A observação, sobre a centralização de (ay) e (aw), ocorreu em duas épocas distintas: em 1933, com base no Atlas Linguístico LANE (*Linguistic Atlas of New England*); e em 1969 entrevistas coletadas entre 1961 e 1962. Labov, com a ideia que toda a variedade de uma língua pode ser observada, formula duas estratégias em relação ao fator tempo, resolvendo de

---

<sup>10</sup> *Sociolinguistic Patterns*, William Labov, 1972: obra traduzida: Padrões Sociolinguísticos, 2008.

certo modo o *problema da transição*: a análise em tempo real e tempo aparente. Quanto ao estudo em *tempo real*, Labov distingue duas abordagens básicas na coleta de dados: o recontato dos mesmos falantes em um período posterior – *estudo de painel*; e a constituição de uma amostra nova e semelhante à de um estudo já realizado – *estudo tendência*. De acordo com o autor, quanto à primeira abordagem, localizam-se os mesmos informantes da primeira amostra para acompanhar qualquer mudança ocorrida em um determinado espaço de tempo e aplica-se o mesmo método de coleta de dados. Na segunda abordagem, o pesquisador enumera a população geral de acordo com a primeira amostra analisada, conduzindo a coleta e análise dos dados com os mesmos procedimentos realizados anteriormente – apenas com a diferença cronológica entre as duas amostras.

Labov também organizou os falantes de Martha's Vineyard de acordo com a idade, possibilitando a realização de um estudo em *tempo aparente*, que envolve apenas um período no tempo. Nesse tipo de estudo, os falantes são selecionados por meio de um recorte da população em diferentes faixas etárias. Dessa forma, o autor encontrou evidências de que a centralização era mais marcada na fala dos adultos (entre 31 e 45 anos de idade) do que na fala dos jovens ou mais velhos, obtendo, portanto, um parâmetro do comportamento da regra variável sincronicamente.

Outros importantes trabalhos de Labov contribuíram para o entendimento da análise da regra variável; um deles é análise da presença ou ausência de [r] em posição pós-vocálica (*car, card, four, fourth*) na fala dos funcionários de três diferentes lojas de departamento de Nova York, relacionando-as com a estratificação social Labov ([1973], 2008). Em 1969, Labov analisa o apagamento da cópula entre os adolescentes negros do Harlem na cidade de Nova York. Esses estudos demonstraram que os métodos da Sociolinguística Quantitativa podem ser utilizados na investigação de qualquer variável linguística.

### 5.2.1 Regra Variável

Para o estudo das flutuações de um sistema, entendidas como parte de uma gramática, Labov elaborou uma metodologia conhecida como análise de regra variável. A regra variável é uma regra de reescrita que contém um conjunto de variantes, tais como  $x \langle y \rangle$  (x torna-se variavelmente y). Neste caso, quando a regra é aplicada, tem-se 'y', mas quando a regra não é aplicada tem-se 'x'. Como veremos, na análise do trabalho de Bisol (1981), uma regra variável será elaborada para expressar a harmonia vocálica (ver seção 6.1.1).

Os elementos que podem afetar a aplicação ou não da regra em um contexto são organizados em grupos de fatores que podem ser sociais ou linguísticos. De acordo com Guy:

A análise de regra variável foi desenvolvida na linguística como uma maneira de explicar a variação estruturada e regida por regras no uso da língua, isto é, variação que regularmente apresenta maior ou menor grau de ocorrência em ambientes particulares, ou que frequentemente está presente em grupos sociais particulares ou em estilos de fala particulares. (GUY, 1998, p.26).

A investigação desse tipo de regra envolve a quantificação de dados e a descrição estatística do índice de variabilidade e dos fatores, sociais e linguísticos envolvidos. Labov, no seu estudo sobre o apagamento e contração da cópula, com base em técnicas estatísticas, apresentou o primeiro modelo formal para o estudo da regra variável, conhecido como modelo aditivo:  $P = P_0 + P_1 + \dots + P_n$ . Onde  $P_0$  é a probabilidade de input comum a todos os ambientes e  $P_i$ , a probabilidade de contribuição do traço  $i$  à aplicação da regra, com valores entre 0 e 1. O modelo aditivo, entretanto, geralmente falhava ao calcular valores probabilísticos de aplicação além do intervalo entre 0 (quando a regra nunca aplica) e 1 (quando a regra sempre aplica) em casos nos quais as frequências de aplicação eram muito diferentes em diferentes contextos (Romaine, 1982, p.185), ou havia um número muito grande de contextos diferentes, uma vez que as probabilidades eram somadas.

Por esse motivo, Cedergren e Sankoff (1974, p.339) – que aperfeiçoaram o método probalístico de Labov (1966) - sugerem que se faça uso de modelos multiplicativos, de acordo com os quais as probabilidades passam a ser multiplicadas, e não mais somadas:  $P = P_0 \times P_1 \times P_j \times P_n$ .

Os autores (op. cit, 1974, p. 337). ofereceram, ainda, outra equação que constitui a contraparte negativa do modelo acima descrito, o modelo multiplicativo de não-aplicação. Assim como  $P$  é a probabilidade de aplicação,  $1 - P$  constitui a probabilidade de que a regra não se aplique.

Rousseau; Sankoff, (1978, p.62), nos traz o terceiro modelo denominado logístico, proposto para substituir os três modelos anteriores.

$$\frac{P}{(1 - P)} = \frac{P_0}{(1 - P_0)} \times \frac{P_1}{(1 - P_1)} \times \frac{P_i}{(1 - P_i)} \times \dots \times \frac{P_k}{(1 - P_k)}$$

Esse modelo é mais usado na análise de dados binários, pois é simétrico no que diz respeito a probabilidades de aplicação e não-aplicação. Além disso, possui a vantagem de ser suscetível a *knockout*, uma vez que, em se tratado de dados de variação linguística, pode haver fatores que estão presentes somente quando a regra é aplicada, bem como haver fatores



cuja presença inibe a aplicação da regra por sua presença constante. De acordo com esse último modelo, pode-se, portanto, dizer, que há *knockout* quando um fator  $i$  é equivalente a  $\mathbf{p_i} = 1$  (aplicação categórica na presença do fator) ou  $\mathbf{p_i} = 0$  (não-aplicação categórica na presença do fator). De acordo com Rousseau, (1978, p.66) a análise desses fatores torna-se, desse modo, estatisticamente inútil, sendo necessário identificá-los e removê-los.

Os valores dos pesos dos fatores em um grupo são distribuídos acima e abaixo de 0,50. Esses valores representam o efeito relativo de um fator, ou seja, se ele está associado a uma aplicação acima ou abaixo da média; é favorecedor (acima de 0.50 ) e não-favorecedor (abaixo de 0.50). A totalidade dos dados é caracterizada pelo “input”, que representa a medida global de aplicação da regra.

Observamos que a partir do modelo aditivo proposto por Labov em 1966, foi gradativamente, se desenvolvendo novos modelos, até chegar a um modelo mais prático, o qual pode ser facilmente implementado através dos programas computacionais que compõem o Pacote VARBRUL (ver seção 5.4.1).

Muitos dos estudos realizados sobre a HV no Brasil sob a perspectiva da Teoria da Variação apoiaram-se na análise pelo programa VARBRUL. Apresentaremos no próximo capítulo algumas dessas pesquisas.

## **6 ESTUDOS VARIACIONISTAS NOS DIALETOS DO PB ACERCA DA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA: HARMONIA VOCÁLICA**

Trataremos, neste capítulo de apresentar de forma breve os principais trabalhos realizados no Brasil que contribuem para o esclarecimento sobre a produtividade da elevação da vogal média na pauta pretônica, em especial, os casos de Harmonia Vocálica. Dentre as pesquisas relacionadas ao estudo variacionista da HV, no Brasil, examinaremos os estudos realizados por Bisol (1981); Viegas (1987); Battisti (1993); Silva (1989); Castro (1990); Callou, Leite & Coutinho (1991); Schwindt (1995; 2002); Callou, Leite & Moraes (2002); e Casagrande (2003). Não temos a finalidade, no momento, de comparação com os resultados da nossa pesquisa. Isso pretendemos realizar no parte III, como consta na Introdução. O capítulo divide-se em duas seções, uma com os trabalhos realizados para o Rio Grande do Sul e outra para trabalhos que analisaram a HV nas demais regiões brasileiras.

## 6.1 RIO GRANDE DO SUL

### 6.1.1 Harmonização Vocálica: Uma Regra Variável – Bisol 1981

Bisol (1981), pioneira nos estudos da HV no dialeto gaúcho, analisou em sua tese de doutorado, de forma qualitativa e quantitativa, todas as vogais médias internas em pauta pretônica, inclusive aquelas em que não havia vogal alta, como *menino e cortina*, em sílaba subsequente; como em *boneca e semana*. Com base na Teoria da Variação laboviana, averiguou os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que alça a pretônica e sua probabilidade de uso na fala gaúcha (considerando a fala de quatro localidades distintas).

O *corpus* utilizado compôs-se de duas amostras num total de 44 informantes: na primeira, que denominou amostra principal (fala popular), foi constituída de 04 grupos étnicos, principais formadores do povo gaúcho, a saber: açorianos, italianos e alemães, e um grupo de informantes de Porto Alegre (metrópole); todos os informantes possuíam nível primário incompleto<sup>11</sup>; a segunda constitui-se de uma amostra de informantes de nível superior completo, entrevistados pelo projeto *Norma Culta Urbana* (NURC), que Bisol denominou de amostra suplementar (fala culta). A amostra ficou assim distribuída por etnia e sexo:

1 – Amostra principal: Metrópole (Porto Alegre) – 08 informantes monolíngües: 04 homens e 04 mulheres; Zona italiana (Veranópolis) – 08 informantes bilíngües: 04 homens e 04 mulheres; Zona alemã (Taquara) – 08 informantes bilíngües: 04 homens e 04 mulheres; Zona fronteira (Santana do Livramento) – 04 homens e 04 mulheres.

2 – Amostra suplementar: Metrópole (Porto Alegre) – 06 homens e 06 mulheres.

As amostras foram coletadas a partir de entrevista realizada de forma dirigida e livre por aproximadamente 60 minutos. Foram registrados um total de 15.496 contextos da vogal analisada, em ambos os grupos: 11.004 para a amostra principal (5.743 para a vogal **e**; 5.261 para **o**) e 4.192 para a amostra suplementar (2.364 para **e**; 2.128 para **o**). Os princípios dessa análise seguem o modelo probabilístico de Cedergren e Sankoff (1974).

---

<sup>11</sup> A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 de 1996 (LDBEN 9394/96) as modalidades de ensino denominam-se em: Ensino Fundamental (séries iniciais, que equivale ao antigo ensino primário e séries finais o antigo ginásio); Ensino Médio (antigo 2º grau) e Ensino Superior (equivalente ao 3º grau).

Foram excluídos da análise dados com a vogal alvo em posição inicial como em *ensino* quando seguido de /N/ e *escola* /S/; a vogal em hiato *teatro* ~ *tiatro*, *real* ~ *rial* e em posição prefixal e vocábulos compostos, em que a memória da sua formação não está perdida, e nos quais a vogal gatilho esteja presente na segunda palavra, como em *televisão*. A autora analisou as seguintes variáveis linguísticas e extralinguísticas:

### Variáveis Linguísticas

a) **Nasalidade** da vogal alvo (classificada em oral e nasal). Observou-se que a nasalidade é uma condição altamente favorável à elevação de /e/, mas com ação inibidora em /o/.

b) **Tonicidade da vogal alta (gatilho) e contiguidade entre vogal alvo e vogal gatilho**. Constatou que a **contiguidade** é um traço obrigatório na regra de harmonização ao passo que a **tonicidade** tem papel menos significativo. Em trabalhos subsequentes, como o de Schwindt (2002), essa variável foi desmembrada em duas.

c) **Paradigma** - partindo do pressuposto de que uma vogal pode ser alterada por força da analogia em função de um paradigma com base alternante, a análise dividiu os dados em vocábulos com parentesco e sem parentesco, tais como: de base variável, *dormir* ~ *durmo*; e base não variável *sorri* ~ *sorriso*. Os resultados revelaram que o paradigma é um dos meios condutores do processo. Há maior probabilidade de ocorrer a regra em palavra de base variável do que em palavra de base invariável.

e) **Atonicidade** - diz respeito ao *status* da vogal alvo, a qual pode ser átona permanente, átona casual e vogal sem *status* definido; para exemplificar, na forma *América*, a vogal média é tônica, ao passo que, na forma *Am[ε]rica* < *americano*, é átona, ou seja, a vogal é classificada como átona casual; já em *p[e]rigo* < *p[e]rigoso*, a vogal média é sempre átona, portanto, é classificada como átona permanente; finalmente, em *p[o]der*, *p[ɔ]sso*, *p[u]de* a vogal não tem *status* acentual definido. A análise apresentou o resultado de que a átona permanente é a condição mais favorecedora da elevação acompanhada de perto pela condição de vogal sem *status* acentual definido.

f) **Sufixação**- busca verificar se a composição do vocábulo com a categoria sufixal intercepta ou permite a assimilação da vogal alta. Classificando-se para a análise as palavras em: sem sufixo, com sufixo nominal, com sufixo adjetival, verbal e com sufixo *Mattoso* (entendido esse como as terminações em -inho, -zinho e -mente). A pesquisa conclui que nos dados em que a vogal alta não está no sufixo, há favorecimento da aplicação da regra,

enquanto que nos dados em que a vogal alta está em um sufixo *Mattoso* o processo é inibido. Um resultado interessante na pesquisa é o de que sufixos verbais mostram-se mais favorecedores para o processo do que sufixos nominais.

g) **Contexto precedente:alveolar:** com exceção do grupo dos metropolitanos, a variável não se mostrou significativa para os dados de /e/; e mostrou-se desfavorecedora para /o/ em todos os grupos, ou seja, o fator alveolar parece favorecer a preservação da vogal média; **palatal:** a amostra apresentou uma oscilação próxima de 0.50 para /e/, enquanto que, para /o/, apresentou valores uniformemente muito baixos; **velar:** mostrou-se favorecedor para o açamento de ambas as vogais /e/ e /o/; **labial:** figurou-se um valor relativamente expressivo de 0.47 em /e/ no grupo da amostra culta, mas a vogal /o/ com valores mais preponderantes, mostrando-se superior a 0.50 na mesma amostra.

h) **Contexto seguinte: alveolar:** apresentou índices baixos tanto para /e/ quanto para /o/; **palatal:** apresentou valores comparativamente altos, embora com uma atuação menos expressiva na amostra suplementar e dos fronteiriços; **velar:** para a vogal /o/, os valores são predominantemente baixos, enquanto que para /e/ os índices altos mostram-se favorecedores da elevação; **labial:** exibem valores baixos para /e/ e relativamente altos para /o/.

#### Variável extralinguística

a) **Etnia** – Essa variável subdividiu-se em dois grupos: amostra principal (metropolitanos, açorianos, italianos e alemães, com ensino primário) e suplementar (metropolitanos de nível superior). Os valores mostram-se altos para os metropolitanos e baixos para os açorianos na regra que eleva tanto /e/ quanto /o/. Entre os dois grupos se colocam os bilíngues, primeiro numa hierarquia, os italianos, depois os alemães.

b) **Sexo** – A amostra de cada etnia está composta de homens e mulheres. Os resultados do conjunto não permitiram atribuir ao homem ou à mulher o papel de promovedor da regra variável. No grupo dos fronteiriços, as mulheres apresentam valores mais altos para a elevação de ambas as vogais, o que deixa entender que as mulheres estão mais suscetíveis à mudança do que os homens.

c) **Situação** – As gravações realizaram-se em duas partes: teste (dirigido), com uma série de perguntas e respostas, e entrevista livre (conversação de forma mais descontraída). A pesquisa deixa evidente o favorecimento da aplicação da regra para /e/ quando feita de

forma livre. Segundo a autora, o falante parece ter consciência da regra que eleva a pretônica /e/, mas não da regra de /o/.

d) **Idade** – Os informantes foram divididos nas seguintes faixas etárias: 25-35, 36-45, 46-55, 56 anos em diante. Os resultados mostraram que os mais jovens são os que menos aplicam a regra de elevação da vogal pretônica.

A partir dos resultados encontrados, a autora define HV como uma regra variável que provoca a elevação das vogais médias pretônicas /e,o/ por influência de uma vogal alta /i,u/ em sílaba seguinte, descrevendo-a suas conclusões da seguinte maneira, conforme especificadas para as vogais /o/ e /e/ na figura 14, Bisol (1981, p. 154).

Figura 14 : Regras para /e/ e /o/ respectivamente. Ambiente de vogal alta contígua.

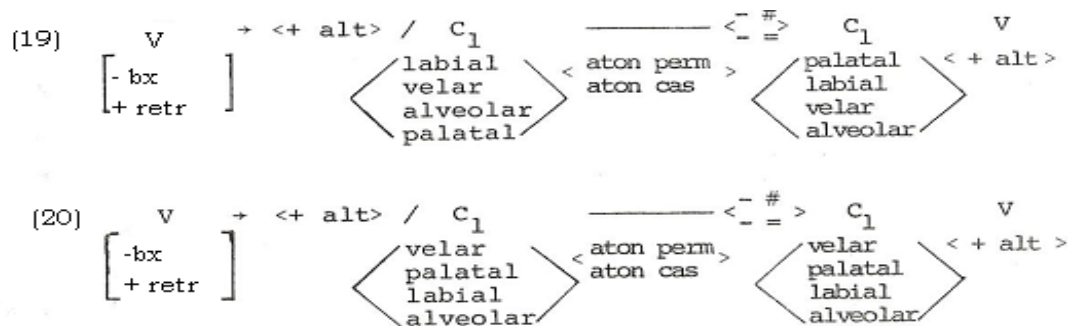


Figura Fonte Adaptação Bisol, p. 154

Conforme a autora, a regularidade com que a mudança da pretônica ocorre em certos ambientes permite depreender a sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo como uma regra gramatical. As vogais /o/ e /e/ estão representados respectivamente em (19) e (20), onde os fatores de cada grupo estão colocados de forma hierárquica, e está associado à aplicabilidade da regra no contexto analisado.

Para Bisol (1981), o dialeto gaúcho dispõe-se entre aqueles que apresentam o fenômeno moderadamente, o que se explica com base no fato de que a presença de várias etnias no Sul do Brasil foi dando características peculiares ao dialeto, entre as quais a tendência de preservar as vogais médias na posição pretônica.

A regra não evidenciou estigma social, pois ocorreu tanto na fala popular quanto na culta. Por fim, a autora diz que parece possível afirmar que a regra se encontra em equilíbrio nos quatro grupos sociolinguísticos. Conforme (BISOL, 1981, p. 262) “[...] A alternância no alçamento de /e/ e /o/ para /i/ e /u/ é moderada, concluindo que se trata de uma regra variável, sem indícios de expansão ou regressão”.

### 6.1.2. Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha: Battisti (1993)

Outro estudo que citamos é o de Battisti (1993), no qual se analisou a elevação da vogal média pretônica em sílaba inicial de vocábulo, portanto, os contextos não analisados em Bisol (1981) aqueles em que a vogal média é inicial seguida de /S/ e /N/ como em *estudo* e *ensino*. A análise fonológica do alicamento vocálico deu-se sob a perspectiva da Teoria Autossegmental. O corpus foi constituído com os dados de fala de 35 informantes distribuídos em dois grupos. O primeiro formado por 28 indivíduos selecionados da amostra de Bisol (1981), e outro constituído de 07 indivíduos metropolitanos de nível superior de instrução pertencentes ao Projeto Norma Urbana Culta (NURC), com faixa etária de 25 a 50 anos. Os fatores analisados foram: a) variáveis linguísticas – prefixação; tipos de sílaba; distância da sílaba tônica; vogal da sílaba seguinte; contexto fonológico precedente e seguinte; b) variáveis extralinguísticas – etnia e sexo.

Conforme a análise, a ausência do contexto precedente favorece o alicamento de /e/, mas não de /o/, que tem maior probabilidade de elevar-se se a sílaba inicial for contígua à tônica .

No que se refere ao contexto fonológico seguinte, a consoante palatal favorece a elevação de /e/ e /o/, ao passo que labial somente favorece a elevação de /o/. As consoantes nasais e sibilantes (s, z) favorecem a elevação de /e/ de maneira quase categórica. Uma vogal alta em sílaba seguinte favorece a elevação de /e/ e /o/. Nas palavras cujas sílabas iniciais são prefixos, há favorecimento para a elevação de /e/. A autora ressalta que, nesse contexto, não é o prefixo o favorecedor do alicamento, mas a presença de /N/ e /S/ na coda silábica; diante do índice muito alto de elevação constatado observa (Battisti, 1993, p. 119) *que se trata de uma regra em vias de tornar-se categórica, de perder seu caráter variável*. Os contextos de vogal alta confirmaram-se favorecedores da elevação; conforme Battisti (1993, p. 120) isso possibilitou a conclusão de que os mesmos princípios que regem a HV das vogais /e/ e /o/, em posição interna, não se aplicam às mesmas vogais em início de palavra.

Na discussão à luz da Teoria Autossegmental, a autora conclui que se trata de um processo de espraiamento de traço que conseqüentemente altera o traço de abertura da vogal média.

### 6.1.3 A Harmonia Vocálica em Dialetos do Sul do País: uma análise variacionista – Schwindt (1995); A Harmonização Vocálica no Dialeto Gaúcho (2002)

Schwindt (1995) pesquisa a elevação das vogais médias /e,o/ por influência de uma vogal alta subsequente presente até a sílaba tônica da palavra. Alicerçado na Teoria laboviana, reuniu uma amostra com 36 informantes das 03 capitais– Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba – que integram o banco de dados do Projeto VARSUL<sup>12</sup>, divididos em duas faixas etárias 25 a 50 anos e mais de 50 anos e com nível de instrução primário, ginásio e de 2º grau. A análise que utilizou o pacote computacional VARBRUL (Sankoff, 1986) observou as variáveis linguísticas e extralinguísticas que apresentamos a seguir, com a observação de seus resultados.

#### Variáveis linguísticas analisadas

a) Homorganicidade das vogais – a variável refere-se ao ponto de articulação da vogal alta em relação à vogal alvo, se **homorgânica** (caso em que a vogal alta possui o mesmo ponto, como e/i em perigo, o/u em coruja) e **não-homorgânica** (caso em que a vogal alta possui ponto diferente, como em: e/u *nenhuma* e o/i *domingo*). Schwindt observou que a vogal /i/ é o fator que mais contribui para a elevação tanto de /e/ quanto de /o/.

b) Relação de vizinhança – dividida em **tônica imediata** (*bonita*); **átone imediata** (*convidado*); **tônica não-imediata** (*relativo*) e **átone não-imediata** (*repartição*). Constatou-se que as vogais altas imediatas têm maior poder de alçar a pretônica do que as vogais altas não-imediatas.

c) Nasalidade da vogal alvo – dividida em **oral** (*perigoso*) e **nasal** (*nenhum*). Os resultados mostraram que a regra se aplica principalmente nas vogais orais tanto para /e/ quanto para /o/. No entanto, a nasalidade parece bloquear a elevação apenas no caso de /o/.

d) Atonicidade da vogal alvo – dividida em **átone permanente** (*segunda*); **status indefinido** (*qu[e]rer ~ qu[ε]ro ~ qu[i]s*) e **átone casuais** (*am[ε]rica ~ am[e]ricanos*). Constatou-se que os fatores *status* indefinido e vogal átone permanente são favorecedores para a elevação de /e/ e /o/, enquanto as átonas casuais inibem o processo.

<sup>12</sup> O VARSUL foi desenvolvido a partir de 1988 com o objetivo de criar um banco de dados linguístico para possibilitar a descrição da variedade linguística urbana do Sul do país. Formado, então, pelos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e suas respectivas Universidades Federais incluindo a Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Para mais aprofundamento sobre a organização do banco, ver BISOL e BRESCANCINI (org.): EDIPUCRS, 2002.

e) Contexto fonológico precedente – dividida em **consoante alveolar** (*cerimônia*); **palatal** (*devia* ~ [*dʒi*]via); **labial** (*felicidade*); **vogal inicial precedida por pausa** (*#equilíbrio*). Os resultados demonstraram que a elevação da vogal /e/ pode ser favorecida quando estiver precedida por pausa, por consoante velar ou por labial; os ambientes inibidores para a ocorrência da regra, no caso dessa pretônica, são as palatais e alveolares. Para /o/, a elevação é favorecida por consoante velar, palatal e labial, enquanto a pausa e a consoante alveolar tendem a preservar essa pretônica.

f) Contexto fonológico seguinte – dividida em **consoante alveolar** (*vestir*); **líquida alveolar** (*feliz*); **palatal** (*modista*); **labial** (*temido*); **velar** (*corrida*) e **vogal** (*teatrinho*). Constatou-se que a presença de uma consoante velar, palatal e labial favorece a elevação de /e/. A vogal /o/ não encontra obstáculo para elevar-se nos ambientes de consoantes alveolar, palatal ou labial.

g) Vogal alta em terminações – dividida em sufixo **nominal** (*pegadinha*); **verbal** (*servir*) e **sem sufixo** (*retirar*). Os resultados indicam que a presença de uma vogal alta em terminações verbais favorece a elevação de /o/, enquanto que nos sufixos nominais tende a inibir o processo. Para /e/, a variável não foi selecionada pelo programa computacional.

### Variáveis extralinguísticas

A variável **faixa etária** demonstrou que os mais velhos (0.53), apesar dos resultados próximos ao ponto neutro, têm uma pequena vantagem sobre os mais novos (0.47). Referindo-se à variável **escolaridade**, o autor observou uma ordem decrescente do primário para o 1º grau e deste para o 2º grau; o autor pondera que a escola parece exercer papel no uso da regra, uma vez que os resultados mostraram que os mais escolarizados tendem a utilizar menos a regra. A variável localização **geográfica** foi selecionada para, ambas as vogais, indicando que os valores crescem à medida que se distancia do extremo Sul do país. A variável **sexo** foi eliminada pelo programa VARBRUL por não apresentar relevância estatística para ambas as vogais.

Outro trabalho importante é Schwindt (2002), que revisita a HV no dialeto gaúcho, utilizando-se do banco de dados do Projeto VARSUL, com uma amostra de 64 informantes, divididos igualmente entre as cidades do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha (colonização italiana); Panambi (alemães); São Borja (fronteiriços) e Porto Alegre (metropolitanos).

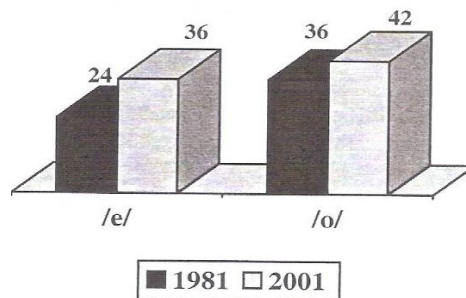
Tal como no estudo anterior, a análise considerou apenas o contexto de pretônica seguida de vogal alta /i, u/ em sílabas subseqüentes. As variáveis linguísticas independentes



examinadas foram definidas, conforme expressam propriedades em relação à vogal alvo, em relação à vogal gatilho, ou em relação a ambas as vogais. As variáveis em relação à vogal alvo são nasalidade, contexto precedente e seguinte. As variáveis em relação à vogal gatilho são tonicidade e localização morfológica. As variáveis que levam em conta a relação alvo-gatilho são contiguidade, homorganicidade, Esse último fez uma distinção entre alveolares líquidas e alveolares sibilantes<sup>13</sup>. As variáveis extralinguísticas seguiram a classificação do banco de dados do projeto VARSUL, a saber: escolaridade (diferentemente do trabalho de 1995, excluem-se da amostra os informantes do nível ginásial); faixa etária, entre 25 a 50 anos e mais de 50 anos; e, finalizando, a variável região.

Referindo-se à comparação com o estudo de Bisol (1981), ilustra-se na figura 15 o gráfico com os resultados dos dois trabalhos, tanto para /e/ quanto para /o/. O autor ressalta que em seu trabalho foram consideradas apenas as ocorrências com contexto de vogais médias pretônicas seguidas de vogais altas em sílaba subsequente, diferentemente do trabalho de Bisol que não restringiu as ocorrências dessa forma.

Figura 15: Porcentagem de aplicação geral da regra de HV no RS



Fonte: Schwindt, 2002, p. 169

O autor inferiu a partir dos resultados que houve um moderado aumento no uso da regra no período compreendido pelas duas pesquisas e, que esse aumento atingiu as vogais médias pretônica de forma regular; todavia continuou aplicando-se mais a /o/ do que a /e/. Os demais resultados expressos pela referida pesquisa serão comparados, mais adiante, aos do nosso trabalho (seção 8).

<sup>13</sup> Alveolares (t, d, s, z, l, r, n), subdividindo-se em: líquidas (l, r) e sibilantes (s, z).

### 6.1.2 Harmonização Vocálica: Análise Variacionista em Tempo Real – Casagrande (2003).

Esta dissertação realiza dois estudos: um de tempo real e um de tempo aparente, seguindo os mesmos critérios de coleta e análise de dados de Bisol (1981). Nesse sentido, complementa os resultados observados na coleta de dados dos anos 70 de fala culta da cidade de Porto Alegre comparando-os com os dados dos mesmos falantes coletados em 90. A pesquisa buscava verificar o *status* da HV, como regra variável em progresso ou uma como em situação de variação estável<sup>14</sup>.

De acordo com a análise dos dados de painel e tendência a autora fez as seguintes conclusões, como ilustrada na figura 16, conforme páginas, a elevação das vogais médias /e/ e /o/ respectivamente:

Figura 16: Porcentagem de aplicação para /e/ e /o/ em final de 70 e final de 90.

Amostra de final de 70				Amostra de final de 90			
/e/		/o/		/e/		/o/	
Total Aplic	%	Total Aplic	%	Total Aplic	%	Total Aplic	%
503/2.364	21	465/2.128	22	300/2.121	15	271/1.930	14

Fonte: Casagrande 2003, p. 72

Casagrande sugere que a HV na cidade de Porto Alegre passa por um processo de mudança comunitária com possível tendência à diminuição de uso da regra. Em relação ao estudo de Bisol(1981) em tempo aparente, são confirmadas que a vizinhança da vogal média com a vogal alta, seja tônica ou átona, é favorecedora do processo de alçamento.

Além das constatações quanto ao status da regra de HV, o trabalho também contribui com uma observação de caráter fonológico baseada na Geometria de traços de Clements e Hume (1995). Considerando que a altura vocálica seja determinada pelos traços de abertura propostos, a distinção entre /e/ e /o/, por um lado, e /i/ e /u/, respectivamente, é feita pelo traço [-ab2]. Verificou-se que o espraçamento do traço de abertura não encontra obstáculos quando houver segmentos consonantais simples intervenientes. Além disso, a presença de segmentos

<sup>14</sup> Atentamos para o fato de que assim como o estudo de Bisol (1981), Casagrande também analisou todas as vogais na pauta pretônica.

complexos formados por dupla articulação como em [ɲ] e [ʎ] não impede o traço [-ab2] de associar-se ao nó Vocálico das vogais em pauta pretônica.

## 6.2 RIO DE JANEIRO

### 6.2.1 Callou, Leite e Coutinho – Elevação e Abaixamento das vogais pretônicas no Dialeto do Rio de Janeiro (1991) – Callou, Leite e Moraes – A Elevação das vogais pretônicas no Português do Brasil: processo(s) de variação estável (2002).

O trabalho de Callou, Leite e Coutinho estudou as vogais médias pretônicas para verificar a ação da regra de HV no *corpus* do Projeto NURC/RJ (Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro). A pesquisa contou com 18 informantes, 09 de cada sexo, distribuídos em 03 faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 50 e 51 em diante).

A metodologia utilizada foi a teoria laboviana. As variáveis linguísticas foram: a) tipo de vogal (oral anterior, e posterior, nasal anterior e posterior, ditongo); b) distância em relação à tônica (distância de 1 a 4); c) tipo do segmento tônico (alta não-homorgânica, baixa, média e ditongo); d) tipo de pretônica subsequente; e) tipo de atonicidade; f) tipo de segmento seguinte e estrutura silábica; g) tipo de segmento precedente e estrutura silábica; h) estrutura da palavra e i) tipo de vogal tônica na palavra base. As variáveis extralinguísticas consideradas foram sexo, idade e zona de residência. Os dados foram submetidos ao programa computacional Varbrul 2s e SWAMINC (NARO, 1980).

O estudo também analisa o abaixamento e conclui que a vogal no contexto pretônico não apresenta abaixamento significativo. As autoras apresentaram os percentuais de elevação das vogais médias e nasais, indicando um índice muito baixo da aplicação da regra, conforme verifica-se na figura (15) abaixo:

Figura 17 : Elevação das vogais orais e nasais. CALLOU; LEITE; COUTINHO

	<b>frequência</b>	<b>probabilidade</b>
<b>geral</b>	<b>32%</b>	<b>.322</b>
<b>e</b>	<b>32%</b>	<b>.317</b>
<b>o</b>	<b>29%</b>	<b>.312</b>
<b>ẽ</b>	<b>58%</b>	<b>.588</b>
<b>õ</b>	<b>15%</b>	<b>.190</b>

Fonte: Adaptado de Callou,;LEITE;COUTINHO, 1991, p. 72

A eliminação de palavras que apresentam elevação quase categórica do tipo *especial* ~*ispecial*, *desfile* ~*disfile*, *então* ~*intão*; vogal em hiato *duença*, *rechiado*, justifica-se pela diferença de grau de aplicação em relação ao percentual geral. As autoras limitaram-se a análise somente das vogais orais devido ao fato de as nasais apresentarem baixa aplicação, especialmente a vogal nasal posterior.

Callou et al. (1991) afirmam que os resultados sobre a elevação das vogais coincidem com os de Bisol (1981) e Viegas (1987). No que se refere às variáveis linguísticas, para a vogal anterior /e/ revelou-se importante a presença da vogal tônica alta homorgânica como favorecedora do processo de HV. Para a vogal posterior /o/, mostrou-se relevante a variável modo e ponto de articulação de articulação da consoante precedente com exceção da consoante lateral e vogal.

As variáveis extralinguísticas não se mostraram relevantes para o alteamento das vogais médias, embora tenha se apresentado uma elevação um pouco mais frequente na faixa etária dos mais velhos. Os homens elevam mais do que as mulheres; e os residentes da zona Sul mais do que os de outras regiões da cidade. Dessa forma conclui-se que a regra encontra-se numa possível tendência a perda de produtividade, pois os indivíduos mais velhos e os homens aplicam com mais intensidade a regra do que os mais jovens e as mulheres.

Callou, Leite e Moraes (2002) resgatam as contribuições dos estudos anteriores sobre vogais médias e apresentam um estudo em tempo aparente e real, com base nos dados do dialeto carioca. Foram utilizadas 03 amostras: 01 dos anos 70 e 02 dos anos 90. Os dados foram estratificados por idade e gênero somando um total de 3.200 ocorrências da regra. A partir desse estudo conclui-se que não houve perda da regra de HV como se havia suposto; mas continua variável e estável.

## 6.3 BAHIA

### 6.3.1 Um traço regional na fala culta de Salvador – Silva (1991)

O presente artigo de Silva (1991) refere-se a um recorte da sua tese de doutorado (1989) sob o título de *As pretônicas no falar baiano*. A autora descreve em detalhes a alternância entre as vogais arredondadas /u, o, ɔ/ e entre as recuadas /i, e, ε/<sup>15</sup>; e a variação entre as vogais de ambos os grupos na sílaba pauta pretônica, apoiando com informações

<sup>15</sup> A autora preferiu distinguir às vogais médias e baixas pelos diacríticos (ô, e ê para as médias e ò e è, para as baixas).

acerca da HV que nos interessa para fomentar nosso estudo, no momento. Vejamos os seguintes exemplos trazidos por Silva (p. 80):

<b>i</b> xiste ~ <b>e</b> xiste	<b>o</b> riente ~ <b>ɔ</b> riente
<b>i</b> sgoto ~ <b>ɛ</b> sgoto	<b>cur</b> rida ~ <b>ɔ</b> rrida
<b>e</b> xerce.~ <b>ɛ</b> xerce	<b>mu</b> vimento ~ <b>mɔ</b> vimento
apreciar ~ <b>a</b> preciar	<b>ro</b> busto ~ <b>rɔ</b> busto
<b>bi</b> liche ~ <b>bɛ</b> liche	<b>as três vogais</b>
deficiente ~ <b>dɛ</b> ficiente	<b>pruf</b> essor ~ <b>prɔ</b> fessor ~ <b>prɔ</b> fessor
	<b>isp</b> icial ~ <b>i</b> special ~ <b>i</b> special

A amostra constituiu-se de um *corpus* pertencente ao Projeto NURC SSA, distribuídos entre 24 informantes, divididos igualmente pelas variantes sexo (masculino, feminino) e faixa etária (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante). Mais adiante a autora confronta os dados iniciais como uma amostra de informantes com as mesmas características sociais (mostra auxiliar de Sergipe)<sup>16</sup> com exceção da escolaridade que representou com um grupo de não-escolarizado.

A autora recorreu à hipótese mais freqüente para explicar a altura da vogal pretônica que é a de Harmonia Vocálica, já observada em outros dialetos. Porém, verificaram-se nos dados que, no dialeto de Salvador, as vogais inacentuadas subsequentes exerciam influência sobre as vogais médias, reformulando, então, suas hipóteses de que não somente a interferência das vogais em sílaba subsequente; mas também por outros fatores linguísticos e sociais, interpretados como interferência de outros dialetos vizinhos sobre a altura das vogais médias pretônicas. Em vista disso, a autora propõe a existência de três regras para o estudo da variação das vogais médias (o traço [baixo] distingue nesta análise as vogais médias baixas das médias altas):

- 1) **Regra categórica de Timbre:** determina a realização das vogais médias pretônicas como médias altas quando precedem vogal de mesma altura na sílaba seguinte,
  - contexto de vogal da mesma altura: [-bx] cerveja, correio, moer.
  - Demais contextos: [+bx] esp[ɔ]rtivo, pr[ɔ]ibido, [ɛ]clipse, pr[ɔ]priedade.
- 2) **Regra Variável de Elevação:** determina a realização das vogais médias pretônicas como altas, preferencialmente em contexto de vogais altas e em certos contextos de consoantes: [i]/[u] – br[**u**]chura, c[**u**]rtina, g[**u**]verno.

<sup>16</sup> A amostra de Sergipe compreendida dentro dos limites geográficos propostos por Nascentes (1953, p.25) citado pela autora. Ver Silva (op. cit, p. 79).

3) **Regra Variável de Timbre:** De âmbito restrito no dialeto baiano, podendo ser interpretado como um caso de interferência.

- Troca o sinal do traço [+baixo] antes de vogais altas e também de outras vogais e num determinado **contexto** social: n[ɛ]blina, [ɔ]p[ɔ]rtunidade, m[ɔ]rava.

A autora, conclui que a Regra Categórica de Timbre é responsável pelo traço regional do falar baiano, “*que nos diferencia dos irmãos do Sul, nos une aos do Norte*” (p. 89).

## 6.4 MINAS GERAIS

### 6.4.1 O Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem Sociolinguística–Viegas (1987); As pretônicas na variedade mineira juizdeforana – Castro (1990)

No dialeto mineiro Viegas (1987) analisou o alçamento das vogais médias na posição pretônica na fala da região metropolitana de Belo Horizonte. Utilizou cerca de quase 4.000 dados que foram submetidos à análise da teoria laboviana. A autora observa a elevação por força de uma vogal alta em sílaba seguinte *m[i]nino* e também por outros fatores com em *s[i]mestre*.

O estudo permite que a autora formule regras de alçamento envolvendo contextos diferentes para /e/ e para /o/. A vogal alta subsequente favorece o alteamento de /e/ e consoantes adjacentes o de /o/ com relevância para as oclusivas. Nos casos em que não há contexto a para a elevação, sugere-se que a regra atue em alguns itens lexicais mais freqüentes, mas que isso não indica uma difusão lexical conforme cita Kiparsky (1995). O alçamento observado pela estratificação da faixa etária e grupo social indica que a regra de HV encontra-se variável e estável no dialeto.

Castro (1990) em sua dissertação de mestrado descreve as vogais médias pretônicas na comunidade de Juiz de Fora também no dialeto mineiro. O autor analisa a fala culta representada por estudantes de graduação e pós-graduação num total de 12 informantes, masculinos e femininos em 03 faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55 e 56 anos em diante) investigados sob o escopo da Teoria da Variação laboviana.

Conforme a análise, o autor nos diz que a tendência no dialeto é de preservar as vogais médias como evidenciado no dialeto gaúcho. Outras questões semelhantes a estudos que precederam, tais como: a vogal alta subsequente atua como favorecedora do processo de HV, sendo que a vogal /i/ é mais propulsora do que a /u/. As consoantes velares tendem a

e elevar a vogal média; outro ponto é a atonicidade permanente da pretônica /o/ que tende a favorecer a elevação da vogal média.

Ao analisar os fatores extralinguísticos, para a vogal /e/ a regra mantém-se estável. mostra, porém, um indício de mudança em progresso devido aos resultados apresentados pelos mais jovens masculinos. Para a vogal /o/, demonstra-se também uma estabilidade com um sinal de regressão, pois os mais velhos apresentam significativos resultados de elevação. Entretanto quando os dados das faixas etárias são cruzados com a variável sexo, aparece uma tendência a uma possível perda da produtividade do processo de HV, tendo em vista que as mulheres mais velhas tendem a elevar mais do que as outras e também do que os homens.

Procuramos, neste capítulo, mostrar algumas considerações de outros trabalhos que precederam a nossa pesquisa, com o intuito de desenvolvermos uma análise sociolinguística semelhante a desses autores que possa assim contribuir com os estudos da HV no PB.

## PARTE III

### 7 METODOLOGIA

O trabalho insere-se na perspectiva da Sociolinguística, baseando-se nos pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria da Variação Labov (1966). Será apresentada, neste capítulo a metodologia aplicada na realização do estudo. Primeiramente, apresentamos o recorte do banco de dados com os indivíduos da nossa pesquisa Logo após, indicaremos a delimitação da análise da nossa pesquisa dando ênfase à definição das variáveis que serão analisadas para a construção dos nossos resultados. E, finalmente, o detalhamento da análise computacional do pacote Varbrul ao qual as variáveis serão submetidas.

#### 7.1 A AMOSTRA

O corpus do nosso estudo constitui-se da amostra coletada por Amaral (2002) integrante do Banco de Dados do Projeto VARSUL, estabelecido de 40 entrevistas gravadas, estabelecendo-se em 08 células, de acordo com as variáveis sociais *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, a saber: 20 homens e 20 mulheres; em duas faixas etárias: 20 a 50 anos e mais de 50 anos; e em dois níveis de escolaridade: 0 a 4 anos e mais de 4 anos. As entrevistas foram realizadas de outubro de 1997 a fevereiro de 1998, cada uma delas tem em média 45 minutos e dividem-se em duas partes: num primeiro momento de conversa dirigida e num segundo momento de entrevista livre. Amaral coletou informações na fala desses informantes da zona rural do município para analisar o fenômeno de síncope ou supressão da vogal postônica não-final das proparoxítonas, como nos exemplos *abóbora* > *abobra*. Segundo Amaral, a zona rural apresenta na linguagem características próprias do conservadorismo de regiões isoladas. Desta maneira, considera-se que as características da fala da comunidade possam contribuir para entender a evolução do fenômeno na língua portuguesa<sup>17</sup>.

Como vimos anteriormente, o município de São José do Norte tem como uma das principais fontes de renda a prática pesqueira. Brandão (2003) diz que “a linguagem da pesca nos revela um caráter de identidade cultural de um grupo que encara essa atividade como um meio longe de gerar riquezas, mas como o de subsistência”. Muito pescadores jovens não seguem a profissão de seus pais porque preferem buscar novas oportunidades de empregos em

---

<sup>17</sup> Os informantes são da zona rural, agricultores que durante época da pesca do camarão, principalmente ( a maioria) mudam-se para o litoral.



outras cidades e principalmente pelo fato da prática da pesca predatória que vem adquirindo enormes proporções durante muito tempo relatadas pelos informantes. Tudo isso pode favorecer uma ruptura da identidade do grupo social.

Embora o presente trabalho não pretenda realizar uma pesquisa aprofundada sobre o desenvolvimento das relações linguísticas na comunidade, o levantamento pode contribuir para pesquisas futuras na área.

### 7.1.1 A Comunidade de fala

Labov ” (1972 [2008], p. 211) “define comunidade como um grupo que compartilha o mesmo conjunto de valores normativos acerca da língua. As considerações acerca da comunidade de São José do Norte têm como embasamento: os últimos dados (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; os dados do estudo de Amaral (2002) obtidos da prefeitura e de Bunse (1981), e das informações fornecidos pelos indivíduos da amostra.

O Município de São José do Norte, distante cerca de 372 quilômetros da capital do Estado, faz parte de uma península situada entre o oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, região sul do Rio Grande do Sul. Possui uma população estimada em mais de 25 mil habitantes, segundo os últimos dados do IBGE (2010), sendo 12.512 mulheres e 13.011 homens. A população urbana é de 17.403 e o número de moradores na zona rural é de 8.120<sup>18</sup>. De acordo com Bunse (1981) foi primeiramente habitada por índios carijós, modificando-se posteriormente em fins do século XVII com a fundação da Colônia de Sacramento. Dessa maneira, constitui-se de um povoado formado por famílias descendentes de imigrantes europeus, com destaque para o português (açoriana); mas onde podemos também, hoje, encontrar com relativa facilidade, ingleses, holandeses, libaneses e italianos, entre outros.

A cidade guarda importante parte da história do Rio Grande do Sul, pois servia de ponto estratégico de vigilância da defesa da costa brasileira<sup>19</sup>; durante o século XVI, após o descobrimento do Brasil, havia um constante confronto entre Portugal e Espanha pelo domínio do território. Outro ponto importante é a rota criada, na época, para se chegar até a Colônia de Sacramento, que deu início ao povoamento. Segundo Bunse (1981, p. 21) “é certo que já existiu a povoação do Estreito habitada por casais de açorianos anteriormente instalados na Estância Real do Bojuru”<sup>20</sup>. Além disso, foi palco de um importante combate da

<sup>18</sup> Na década que foi elaborada a referida pesquisa de Amaral o IBGE de 1991.

<sup>19</sup> Hoje, ainda existem faróis pela costa do município.

<sup>20</sup> Moradia Real Portuguesa durante o Império. Outra questão é a grafia de Bojuru (vogal média posterior /o/ em posição pretônica, seguida de vogal alta), atualmente grafada como Bujuru; com isso foi descartada da nossa

Revolução Farroupilha e devido a esse episódio recebeu o título de *Mui Heróica Villa*, por meio do Decreto Imperial de 25 de outubro de 1841. Em 31 de março de 1938, a vila de São José do Norte foi elevada a categoria de cidade.

Fatos históricos, econômicos e sociais auxiliam na construção do processo de crescimento de uma cidade. Hoje, a economia do Município está apoiada na agricultura, na pesca e no turismo ecológico e litorâneo, sendo a cebola, o arroz e as florestas de pinus, as principais riquezas agrícolas, e o camarão, o mais nobre fruto do mar. Na ocasião da coleta de dados de Amaral (2002), a principal fonte de economia era o cultivo da cebola e pesca artesanal. Havia um projeto para uma instalação de serraria, para o fomento da geração de empregos; porém pela falta de postos de energia elétrica não foi adiante. Segundo informantes do *corpus* a cidade era mundialmente conhecida como capital da cebola, recebendo um prêmio na Espanha de melhor cebola do mundo. Motivo de orgulho para os moradores; todavia queixavam-se, durante a entrevista, de mais rigor no que se diz respeito ao comércio e pagamento pelas cargas de cebola. Muitos produtores eram enganados principalmente pela falta de conhecimento e formas de pagamentos ilícitas por compradores de fora, exigia-se das autoridades governamentais a criação de cooperativas e melhoria das estradas para escoar melhor a produção uma das principais estradas que liga o município, a parte nordeste era conhecida como “estrada do inferno” hoje, pronta. Havia também uma fábrica que produzia conservas; pó de cebola para a produção de sopas e temperos, que eram comercializados no Estado e todo o Brasil. Em relação à pesca os moradores mais antigos contam que havia em torno de 04 empresas responsáveis pelo pescado e que principalmente empregava a população. A produção diminuiu por falta de investimento, embarcações maiores de outros estados faziam a pesca, a maioria das vezes não respeitando o tempo da “desova” o que acarretou em desequilíbrio em algumas espécies e dificultou, assim, o trabalho da população que vivia da pesca para o seu sustento.

O cultivo da cebola uma das principais fontes de renda dos moradores, segundo relato dos informantes sempre foi muito exaustivo e com um saldo não compensador, devido às más condições das estradas e falta de apoio da prefeitura e do governo do estado. O preparo do cultivo é feito pelos donos da propriedade, tanto homens quanto mulheres trabalham no cultivo, desde novos, esses agricultores, auxiliam os pais. Um fato interessante relatado na fala dos informantes é de alguns filhos, principalmente os mais velhos, que não concluem o ensino fundamental para ajudarem os pais na agricultura. Reforçam o fato de que não

---

análise (consideramos os dados de escrita atuais do Censo/2010 e da prefeitura); todavia é um registro de grande importância para a evidência da mudança linguística.

precisam de mais instrução para ficar na cidade, se for o caso de sair (ir para Rio Grande, cidade vizinha), então precisariam ter um nível de instrução melhor. Outra questão é a das mulheres, que cuidam da casa e dos filhos; acreditamos pelo relato delas ser algo de que se orgulham, visto em todas as faixas etárias, principalmente entre as de mais de 60: [*tra'baio des'dʒɪ 'nɔva, 'sẽĩprɪ, 'sẽĩprɪ*]. A maioria das informantes da idade intermediária reforça a renda familiar lecionando em classes do ensino primário da comunidade, admitidas pela prefeitura e a secretária do Estado<sup>21</sup>. Os valores e respeito dos filhos aos pais são enaltecidos, sendo de alguma forma, comparados com as crianças e jovens de outras cidades.

A pesca artesanal, é outra atividade da região, devido à posição privilegiada na costa brasileira, a Lagoa dos Patos e o canal de Rio Grande. Além de muitos peixes, como bagre, tainha. Na Lagoa do Peixe são encontrados, com facilidade, camarões. Essa localidade tornou-se ponto turístico da cidade, pois os pescadores formaram uma espécie de acampamento (com casas construídas ou barracas) no local, a Barra, como é conhecida, durante a época da atividade pesqueira.

Os informantes mais velhos relatam com grande emoção da época das suas juventudes, quando a comunidade realizava festas religiosas que duravam até oito dias. A comunidade construía pequenas casinhas para poderem permanecer o maior tempo na cidade, principalmente aqueles que moravam em outros distritos do município. Casais designados como os “festeiros” (sorteados no ano anterior à festa), organizavam os bailes, a comida era distribuída gratuitamente à comunidade, no baile de encerramento sorteava-se outro casal. Outro fato relatado pelos informantes de mais de 60 anos é de que havia uma separação entre brancos e negros (os de *cor* como alguns diziam) nos bailes. Atualmente, a festa é controlada pela igreja com a união entre agricultores e pescadores. Os moradores do distrito de Bujuru ostentam com muito orgulho o rodeio (Rodeio de Bujuru), hoje divulgado no calendário Estadual de eventos, que acontece no início de cada ano e recebe cerca de 10.000 pessoas no parque e é promovido com o auxílio da prefeitura e do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Estância Real do Bojuru.

Conforme informações do IBGE/2011, na área do turismo pode-se observar casarões antigos e seculares onde a arquitetura Colonial Portuguesa encontra-se estampada. A futura instalação de Estaleiro para construção de plataformas e do Terminal da Empresa Aracruz

---

<sup>21</sup> Apenas uma das informantes do banco possui o ensino Fundamental primário (antigo 1º grau). Algumas das informantes da nossa pesquisa possuem apenas a 4ª, outras a 5ª. Muitas delas se aposentaram na profissão, pois já haviam garantidos seus direitos pelo tempo de permanência no cargo; para isso o Estado realizou atividades de estudo continuada. Além de lecionar limpavam a escola e preparavam a merenda.

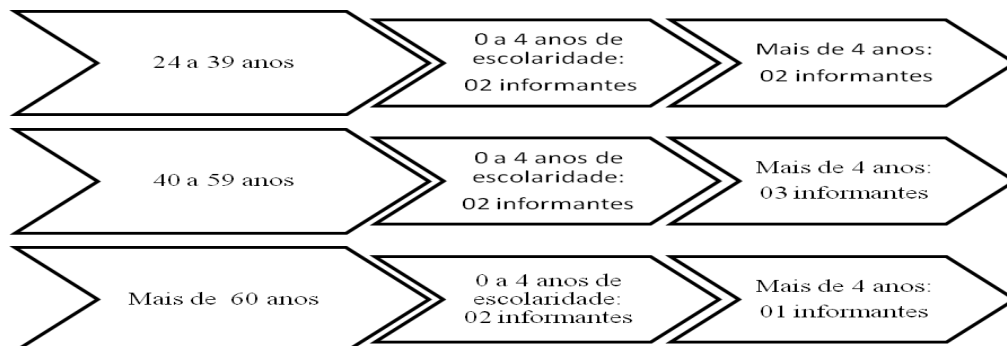
Celulose surgem como possíveis atrativos econômicos para a cidade. Como resultado, esses investimentos devem ser analisados como um incentivo de crescimento populacional pontual, ou seja, em um curto espaço de tempo o Município estará gerando um grande número de empregos.

Numa posição litorânea privilegiada, São José do Norte oferece aos visitantes toda a beleza e as possibilidades de aventura e esportes na Praia do Mar Grosso. Além é claro de possibilitar toda a infraestrutura de uma pequena cidade turística com hospedagem, gastronomia baseada em frutos do mar e um aparato histórico e cultural. Seis lanchas, para o transporte de passageiros, fazem o trajeto ligando as duas cidades pelo canal Miguel da Cunha, o mesmo acontece com a travessia de veículos, em duas balsas que operam por este canal. Planeja-se a construção de um túnel ou ponte para a ligação com a cidade vizinha, Rio Grande, uma obra que certamente trará mais turismo e desenvolvimento para a cidade.

## 7.2 Os informantes

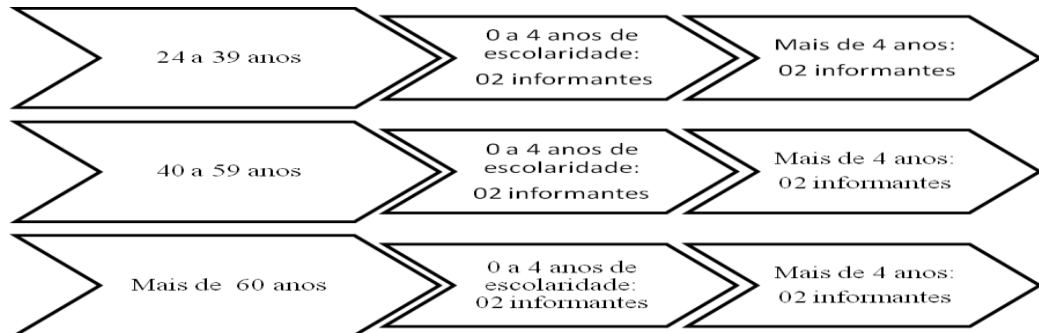
O *corpus* da nossa pesquisa foi construído a partir da audição de 24 informantes realizada com os dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística do Sul). A classificação dos indivíduos seguiu as variáveis sociais elaboradas por Amaral (2002), com apenas uma modificação que elaboramos na faixa etária, a idade intermediária; dessa forma, as células para nossa análise ficaram desta maneira determinadas em 12 células<sup>22</sup>:

### – MULHER



<sup>22</sup> Na célula feminina, as informantes ficaram desta maneira distribuídos porque não encontramos, na faixa etária de 60 ou mais, 2 mulheres com as mesmas características para a escolaridade.

– **HOMEM**



Foram analisadas 1.787 ocorrências das vogais médias num total de 986 para a vogal /e/ e de 801 para /o/, que foram estatisticamente analisadas separadamente. Realizaram-se 19 rodadas: 10 rodadas para a vogal /e/ e 11 para /o/, o que influenciou na exclusão e amalgamação de alguns resultados (ver capítulo 6). A audição dos dados foi realizada de forma completa (cerca de 45 minutos); porém como a pesquisa de Amaral (2002) tinha um objetivo diferente do nosso, a primeira parte (parte dirigida resultou em poucos dados, com exceção das palavras *bexiga* ou *vesícula*, que foram obtidas quando lhes eram perguntado: “*Algumas pessoas criam pedra nos rins outros na ...?*”, então, esperava-se uma dessas respostas. Partindo disso, utilizamos com maior cuidado a segunda parte da entrevista (parte livre) onde podíamos ouvir os relatos de forma espontânea dos informantes. Em conjunto nessa etapa, transcrevemos os dados, pois não encontramos esse trabalho realizado Das 24 entrevistas. Foram encontradas apenas 08 transcritas pelo Projeto VARSUL (PUC/RS). Dessas utilizamos somente 02, o restante foi por nós transcrito (ver anexo A).

### 7.3 DELIMITAÇÃO DA ANÁLISE

Nesta seção será apresentado o grupo de variáveis analisadas para a elaboração da nossa pesquisa. Segundo a exposição dos objetivos deste trabalho, algumas das variáveis são propostas por Schwindt (1995; 2002), outras foram propostas a partir de outras pesquisas Bisol (1981). Algumas das variáveis foram excluídas da análise mediante a importância de como foram tratadas em resultados baseados na literatura anterior ao nosso trabalho.

O primeiro ponto a ser considerado em nossa análise são as palavras que possuíam mais de uma vogal média /e,o/ em pauta pretônica, essas foram analisadas individualmente para cada pretônica existente como em: *conhecido*. Outro caso é das palavras que possuíam mais de uma vogal alta, como em: *felicidade*, optamos por analisar somente a subsequente à vogal alvo; pois os resultados apresentados em estudos anteriores apontam esse fato como principal condicionador da regra do processo de HV; isso significa que, no caso de *felicidade* a vogal gatilho foi classificada como átona.

Palavras iniciadas por /e/ seguida de *N* ou *S*, *ensinar*, *exterior*, ficaram de fora da análise, devido ao comportamento de *elevação quase categórica* (Schwindt, 2002, p. 165). Da mesma maneira, descartaram-se as vogais constitutivas de ditongos, como *bozinhos*.

Diferentemente de Schwindt (2002) e Bisol (1981), não foram excluídos os casos de hiatos como em: *reunir*, *proibido*. Também incluímos palavras compostas por prefixo, como em *reunia*, isto é, palavras em que o prefixo guarda relativa independência morfológica da base. Não foram excluídas também, as palavras constituídas pelo sufixo *-zinho*, em *redezinha* que foram somadas às ocorrências de *-inho*<sup>23</sup>; e palavras compostas cuja vogal alvo, no caso a pretônica, estivesse no primeiro vocábulo e a vogal gatilho, a alta, no segundo como em: *televisão*, e *sobrevive*. Mesmo concordando com o que nos diz Schwindt (2002, p. 165) que *esses morfemas têm sido, muitas vezes, interpretados como palavras fonológicas independentes, impondo, assim, uma barreira prosódica a determinados processos*, temos o intuito de averiguar como esses vocábulos se comportam na comunidade<sup>24</sup> com suas peculiaridades rural e pesqueira (conforme seção 6.2.1).

<sup>23</sup> Não temos o intuito de discutir com a literatura que envolve discussões acerca do *status* de *-inho* e *-zinho* como sufixo dependente ou independente.

<sup>24</sup> A palavra *televisão*, principalmente, consideramos na análise por ser percebido pela fala dos informantes que se trata de algo novo na comunidade; pois na época da coleta das entrevistas (Amaral, 1999) não havia abastecimento de luz na região. Quando acontecia, era de forma precária, num intervalo de tempo para que os moradores pudessem ligar seus motores para manter cheias as caixas de água. Alguns moradores tinham televisão à bateria, dessa forma eram utilizadas à noite para o descanso da família. Uns gostavam da programação como novelas; outros não, por mostrar notícias relacionadas à violência, e isso poderia

### 7.3.1 Definição da variável dependente

A Harmonia Vocálica é o processo que consiste no alçamento das vogais médias pretônicas /e, o/ alterando-se para quando seguidas do contexto de vogal alta [i, e u] respectivamente: *vestido ~vistido* e *corvina ~curvina*.

### 7.3.2 Definição das variáveis linguísticas independentes

#### 7.3.2.1 Homorganicidade da Vogal Alvo/Gatilho

Na literatura, como sabemos Schwindt (1995, 2002), a homorganicidade diz respeito ao ponto de articulação do alvo e do gatilho da regra. A questão é observar se a vogal /i/ sendo frontal favorece a elevação de /e/, que também é frontal. O mesmo vale para a vogal /o/ que é posterior com relação a /u/.

- Alta homorgânica: vesícula, costume
- Alta não-homorgânica: peludo, comida

#### 7.3.2.2 Nasalidade da vogal alvo

Segundo Schwindt (2002), a motivação para a observação deste grupo diz respeito à qualidade do timbre da vogal. A nasalidade pode provocar alterações perceptíveis muitas vezes como abaixadas, centralizadas ou até mesmo abaixadas e centralizadas simultaneamente. A vogal foi classificada em:

- Oral: bexiga, produção
- Nasal: mentira, conjunto

#### 7.3.2.3 Tonicidade e contiguidade da vogal gatilho

De acordo com alguns estudos, como o de Bisol (1981), a combinação da vogal alta tônica e vogal alta imediata configura como possível motivador do alçamento da vogal pretônica. A análise dessa variável diz respeito à tonicidade da vogal gatilho e a sua distância em relação à sílaba alvo. Com esse intuito, preferimos observar este grupo a partir de Schwindt (1995)<sup>25</sup> em que não foi tomada como independente a contiguidade (imediate, não-

---

influenciar os jovens da região, porque como diziam os informantes: *Aqui não chegou isso! Aqui é bom de viver*. Havia, apenas, uma antena comunitária mantida pela RBS TV.

<sup>25</sup> Em Schwindt (2002, p. 167) esse grupo foi tomado como independente do grupo da contiguidade para verificar com maior precisão se a vogal tônica tem maior influência sobre a elevação da pretônica.

imediate) e a tonicidade da vogal em estudo. Dessa maneira, consideramos os seguintes aspectos:

- Tônica imediata: sofrída, boníta verdúra, competíndo
- Átona imediata: movímento, condução
- Tônica não-imediata: conseguía, competíndo, melancía
- Átona não-imediata: comercíante, localidáde, repartição

#### 7.3.2.4 Atonicidade da vogal alvo

Atentando para o fato de que a vogal candidata à elevação pode manter ou perder seu caráter de átona durante o processo de derivação, consideram-se como classificação os fatores estabelecidos em Bisol (1981):

- Átona permanente: mantém sempre seu status de átona – meníno, menínice
- Átona casual: torna-se átona por meio da derivação – f[ɛ]rro, ferrugem, div[ɛ]rso, diversificáção, t[ɛ]rmino, terminar
- Sem *status* definido (refere-se ao paradigma flexional): ora se realiza como vogal média, ora como vogal baixa – seguir, sigo, s[ɛ]gue.

#### 7.3.2.5 Contexto fonológico precedente e seguinte

Em se tratando de uma regra assimilatória (Schwindt, 1995), os segmentos que precedem e seguem a vogal alvo podem exercer influência sobre as vogais. Os segmentos consonantais que estão seguintes à vogal alvo podem também exercer influência, mas principalmente, por intervirem entre alvo e gatilho poderiam exercer papel bloqueando a elevação da vogal. Classificamos, então, de acordo com o ponto de articulação, como se verá a seguir.

#### 7.3.2.6 Contexto precedente

- Labial: pepíno, bexiga
- Alveolar (s,z, t,d): serviço,
- Palatal: chovia, cachorrinho
- Velar: comigo, recurso
- Líquida alveolar (r, l): precisa, florido



Além disso, consideramos também os casos em início de palavra, que distinguimos em Início de palavra com pausa: [#educativa] e início de palavra sem pausa: [não#existe]. Posteriormente, veremos que os dados dos grupos: início de palavra precedido por pausa e sem pausa, relacionados à vogal /o/ foram excluídos da análise numa segunda rodada. O primeiro por haver poucos dados, o que poderia prejudicar a análise futuramente; e o segundo pela incidência de *knockout* (ver próxima seção 5.4.1). Referindo-se aos fatores **início de palavra por pausa e sem pausa**, não consideramos, na nossa análise o contexto anterior, isto é, as vogais ou consoantes das palavras que precediam os dados analisados.

Para o contexto precedente e seguinte – como veremos a seguir – optamos por uma subclassificação: alveolares (s, z, t, d) e líquidas alveolares (r, l), pois queremos analisar se esses segmentos teriam um papel distinto, já que sua estrutura fonológica é diferente das obstruintes alveolares. Schwindt (1985, p. 56) faz essa distinção somente no contexto seguinte para avaliar o papel diferenciado na aplicação da regra. O referido autor em (2002) separa as alveolares (l, r, t, d) *terminar, lombinho* das alveolares sibilantes (s, z) *solução, serviço* em ambos os contextos, no entanto, não fizemos esta distinção em nossa pesquisa, algo que poderá ser retomado em reanálises posteriores.

#### 7.3.2.7 Contexto seguinte

- Labial: comida, profisção
- Palatal: nenhuma, colhia, pedia, região
- Alveolar (s,z,t,d): vestido, Jesus, Rodrigo
- Velar: legumes, categoria
- Líquida alveolar (r, l): perigoso, português, cebolinho
- /R/ velar: corrida, cachorrinho
- Vogal em hiato: reúne, proibido

Alertamos para o fato de ocorrer *knockouts* no grupo Vogal em hiato nos dados da pretônica /e/, conseqüentemente retirados da análise.

#### 7.3.2.8 Localização morfológica da vogal gatilho

Com base em Schwindt (2002), pretende-se averiguar se a fronteira morfológica da palavra influenciaria positivamente ou negativamente a assimilação da vogal. Diante disso, utilizamos a seguinte classificação:

- Sufixo verbal: vendia, seria
- Sufixo nominal: nordestino,
- Radical: menino, bateria
- Sufixo diminutivo: joguinho, sombrinha
- Vocábulo composto: televisão, sobreviver

O grupo Vocábulo Composto relacionado à vogal /o/, no caso a palavra *sobrevive*, *sobreviver*, foi excluído da rodada, também por ocorrer *knockout*, valendo registrar a não-aplicação da elevação de 100%.

### 7.3.3 Variáveis extralinguísticas

#### 7.3.3.1 Sexo

Consideramos a variável sexo, *masculino* e *feminino*. De acordo com Labov (1972, [2008]), as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio. Embora não haja estudos a respeito das formas de prestígio nesse caso, considera-se que as formas que preservam as vogais médias sejam as mais prestigiadas na fala cuidada, pela associação com a escrita.

#### 7.3.3.2 Faixa etária

Resolvemos distribuir os informantes em três faixas etárias para verificar o padrão que se estabelece entre os informantes.

- 24 a 39 anos
- 40 a 59 anos
- 60 ou mais

Na faixa etária intermediária (40 a 59 anos) são aqueles informantes que estão mais em contato com a escrita (Amaral, 2002, p. 122), isto é, que possuem um nível maior de ensino, mulheres que desempenham a função de professora nas séries iniciais; são mulheres e homens que lideram os trabalhos junto à comunidade como a organização das festas religiosas, são homens que são presidentes de clubes de futebol e até vereadores.

### 7.3.3.3 Escolaridade

Seguindo Schwindt (1995) e (2002), pretende-se verificar a influência do nível de escolaridade na regra da HV. Faz-se saber que, no primeiro trabalho do autor, o grupo foi dividido em três grupos: primário, ginásio e segundo grau; no seguinte estudo em primário e segundo grau (ver seção 4.1.3). Pretendemos verificar essa variável seguindo a mesma classificação de Amaral (2002); pois devido às condições precárias de ensino e sua extensão no referido município tornou-se difícil fazer um tipo mais detalhado dessa variável em nossa análise. Segue, portanto, a seguinte categorização:

- 0 a 4 anos de escolaridade
- Mais de 4 anos de escolaridade

### 7.3.3.4 Informantes

Para uma melhor análise dos dados, resolvemos separar individualmente os informantes; porém como a variável não foi selecionada nas primeiras rodadas, indicando que os informantes têm um comportamento razoavelmente homogêneo, optamos por excluí-la das demais rodadas.

## **7.4 CODIFICAÇÃO DOS DADOS**

Para o estudo da regra variável, o pesquisador deve definir a variável dependente, seu objeto de estudo; as variáveis independentes, possíveis fatores condicionantes daquela regra, delimitar a amostra, obter dados, transcrever e codificar estes dados, quantificá-los e interpretá-los (BRESCANCINI, 2002). Para a tarefa de quantificação, o pesquisador dispõe como ferramenta de trabalho de um pacote de programas computacionais que faz cálculos matemáticos dos dados, cabendo ao pesquisador fazer a interpretação linguística destes resultados (SCHERRE, 1996).

### 7.4.1 O pacote VARBRUL

Em seguida à audição e transcrição dos dados, iniciamos a análise de regra variável (Brescancini, 2002), com o uso da versão Goldvarb 2001<sup>26</sup>, do pacote de programas computacionais VARBRUL para a análise da regra variável, a verificação e a frequência de aplicação e os condicionamentos linguísticos. O presente trabalho utiliza-se da versão em sistema operacional WINDOWS.

Para procedermos a esta análise, o primeiro passo é criar um arquivo de dados, o que, no Goldvarb é conhecido como TOKEN *file* (arquivo de ocorrências). Para cada ocorrência, deve estar digitada uma entrada (uma nova linha) no TOKEN *file*, na qual, os valores para as variáveis expostas na seção anterior, são digitados, sendo atribuído a cada valor um código, que deverá iniciar em abre parênteses, conforme indicado abaixo. Ilustramos a digitação de duas linhas extraídas do arquivo de dados (São José do Norte) do Goldvarb:

**Informante 1 (fem. 33 anos, 4ª série)**

(1HoTepd&347! vIsícula

(1GoTezv&347! Hgumes

Na primeira linha ocorreu, **(1)** a elevação da vogal média /e/ para /i/; **(H)** refe-se à homorganicidade da vogal gatilho em relação ao alvo, ela é homorgânica; **(o)** a vogal alvo é oral; **(T)** a vogal gatilho é tônica imediata; **(e)** a vogal alvo é átona permanente; **(p)** contexto precedente, uma consoante labial; **(d)** contexto seguinte, consoante alveolar; **(&)** localização morfológica da vogal gatilho, no radical. Variável extralinguística: **(3)** é mulher; **(4)** segunda faixa, de 24 a 39anos; **(7)** possui nível de escolaridade, 0 a 4 anos e finalmente **(!)** identifica o informante (posteriormente retirada da análise).

Logo após a codificação dos dados e a sua digitação no Goldvarb, acionamos um comando **CHECK TOKENS** (no *menu* que acompanha o *Token File*) que analisa os dados digitados com a codificação específica e lista os possíveis erros de digitação do pesquisador que, por conseguinte, poderá retificá-los manualmente. Recorre-se a existência do TOKEN *file para gerar* do arquivo de condições que nos permite a criação de um arquivo de células que possui (1) por **aplicação** e (0) por **não-aplicação** da regra. A partir dessa etapa, pode ser feita a análise propriamente dita, selecionando-se uma das formas previstas pelo programa. O arquivo de condições pode ser gerado automaticamente através do comando **NO RECOD file** (também no *menu* que acompanha o *Token File*). Com esse arquivo, pode ser feita a criação

<sup>26</sup> Essa versão pode ser obtida no site <[HTTP://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm)>.

do arquivo de células acionando o LOAD TO CELLS MEMORY, o MAKECELL, que tem como função construir as células que auxiliarão o pesquisador a retificar, caso haja necessidade, o arquivo de condições como amalgamar (juntar) ou excluir fatores. O comando LOAD TO CELLS MEMORY faz parte de outro *menu* do programa Goldvarb, chamado de *Results*.

Para cada arquivo de ocorrências, muitos tipos de análises diferentes podem ser feitos, dependendo das variáveis que serão consideradas, de quais fatores dessas variáveis serão levados em conta e de se há conjunções (amalgamas) entre os fatores de uma variável ou cruzamento entre variáveis. Essas alterações são feitas no arquivo de condições e podem ser geradas manualmente, por digitação das condições seguindo a sintaxe da linguagem computacional empregada pelo programa, ou então são geradas através do comando *Recode setup* (também no *menu* do *Token File*).

Em seguida à construção das células, pode-se realizar a primeira rodada, executando o comando BINOMINAL UP & DOWN, que nos permite uma leitura mais detalhada dos resultados. Caso haja alguma ocorrência de *Knockout* (quando há 0% de não-aplicação ou 100% de aplicação da regra em algum subfator), recorre-se ao arquivo de condições descrito acima para eliminar as ocorrências do arquivo ou recodificar as condições de forma a permitir que o programa rode sem obstáculos.

Na realização de uma rodada, podem ocorrer inversões de valores entre peso relativo e porcentagem dos resultados dos fatores. Nessa hipótese, o pesquisador poderá recorrer a outros procedimentos para o refinamento da análise. Além da exclusão dos dados, sugere-se que se realize a amalgamação dos resultados, juntando os resultados de pesos relativos próximos; mas para isso, precisa ter o cuidado de juntar fatores semelhantes linguísticos e socialmente.

De acordo com Tagliamonte (2006, p.181-186) para verificar a distribuição ortogonal (distribuição equilibrada dos resultados), o pesquisador aciona a função CROSS TABULATION no *menu* de Resultados, colocando o número dos grupos que deseja cruzar, o aplicativo mostrará a distribuição dos dados entre os fatores cruzados.

## 8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

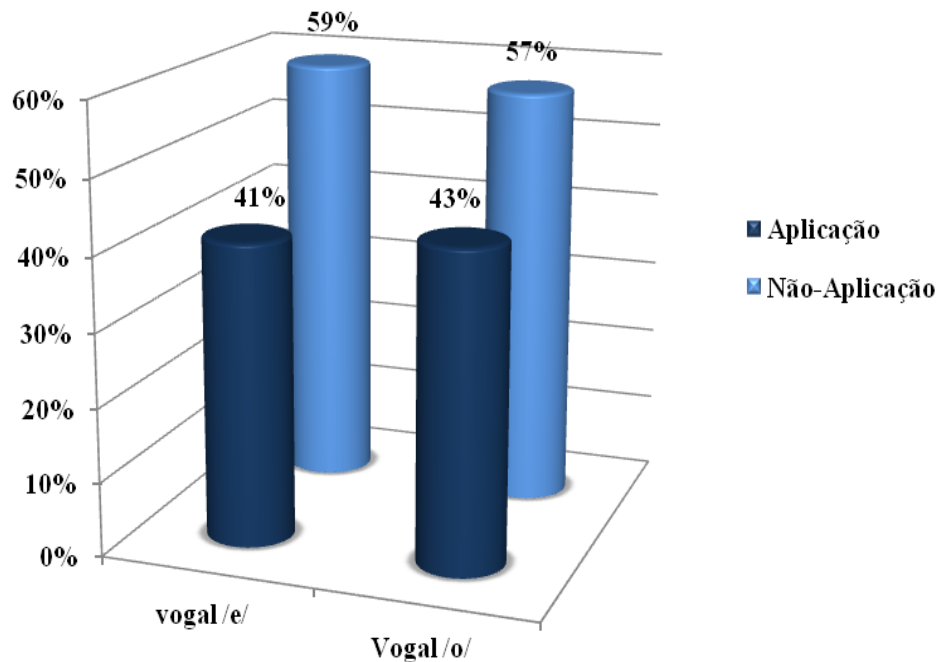
Apresentaremos, neste capítulo, os resultados da análise estatística quantitativa obtidos pelo programa Goldvarb para o fenômeno da HV na comunidade de São José do Norte/RS. Primeiramente, analisaremos o gráfico que mostra de maneira geral a porcentagem da frequência de aplicação da regra das vogais /e/ e /o/ na comunidade. Em seguida, analisaremos e discutiremos a elevação das vogais médias nos contextos linguísticos e extralingüísticos selecionados pelo programa que estão expostos em tabelas combinadas sempre para /e/ e /o/; mas que serão discutidos separadamente. Deixamos claro, que nosso objetivo é o de descrever o funcionamento dos condicionadores que operam no fenômeno em estudo.

### 8.1 RODADA GERAL

Para /e/, em 986 dados, os resultados apurados evidenciaram uma aplicação de elevação de 41%. O programa selecionou as seguintes variáveis favorecedoras à aplicação do fenômeno: tonicidade e contiguidade da vogal gatilho (doravante VG); contexto fonológico seguinte à vogal alvo (de agora em diante VA); nasalidade da VA, contexto fonológico precedente à VA, homorganicidade A/G; atonicidade da VG e localização morfológica da VG. O programa não selecionou nenhuma variável extralingüística.

Para a vogal /o/, em 801 dados, gerando 282 células, os resultados são de 43% de elevação. Foram selecionadas pelo programa as seguintes variáveis, por ordem de seleção: tonicidade e contiguidade da VG; contexto seguinte à VA, nasalidade da VA; contexto fonológico precedente à VA; faixa etária; localização morfológica da VG; homorganicidade da vogal A/G e sexo. Para uma melhor visualização da distribuição, vejamos o gráfico, baixo:

Gráfico 1 – Resultados do Goldvarb para vogais /e/ e /o/



Fonte: Dados da Pesquisa, rodadas GOLDVARB em 2011

Verificamos, nesta análise, que há mais preservação do que elevação das vogais médias pretônicas /e, o/na comunidade de São José do Norte. Também permite constatar que, embora /e/ tenha menor taxa de elevação do que /o/, em linhas gerais, os resultados são muito próximos para ambas as vogais. A seguir analisaremos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que tiveram influência em nossa análise.

### 8.1.1 Homorganicidade da vogal

<b>Tabela 1 – Homorganicidade da vogal alvo/gatilho para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Homorganicidade (i) - <i>menino</i>	332/805	41	.53
	Não-homorganicidade (u) - <i>peludo</i>	68/181	38	.35
<b>Input: 0.365</b>		<b>Significância: 0.034</b>		
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Homorganicidade (u) - <i>coruja</i>	49/187	26	.36
	Não-homorganicidade (i)- <i>domingo</i>	292/614	77	.54
<b>Input: 0.386</b>		<b>Significância: 0.039</b>		

A vogal homorgânica /i/, como observamos, na Tabela 1, favorece a elevação da pretônica /e/ (*vestido* ~ *vistido*). Para /o/, a mesma vogal /i/ também exerce um papel

favorecedor, embora seja não-homorgânica (*polícia* ~ *pulícia*). A vogal /u/ pouco favorece, seja homorgânica à vogal alvo (*solução* ~ *\*sulução*) ou não (*pelúcia* ~ *\*pilúcia*).

Schwindt (1995, 2002), bem como Bisol (1981) e Silva (1989), encontraram resultados semelhantes, para esta variável. No que diz respeito ao maior poder assimilatório de /i/ sobre ambas vogais pretônicas, Bisol (1981) explica que o que está envolvido é a altura da vogal. Argumenta que a mais alta posição da língua é a que corresponde à emissão da vogal /i/, enquanto a altura para /u/ se põe em diagonal com /e/, não se distanciando tanto em altura do /o/ quanto /i/ se distancia de /e/. Portanto, de acordo com Schwindt (2002, p. 172), o poder assimilatório de /i/ sobre as médias pretônicas /e, o/ não se estabelece pela homorganicidade, mas pela altura do gatilho.

Callou, Leite e Coutinho (1991), ressaltam que a vogal não-homorgânica /i/ é um fator que produz resultados significantes (.73) à aplicação da regra de HV, e a homorgânica /u/ bloqueia, com um valor de (.44).

### 8.1.2 Nasalidade da vogal alvo

<b>Tabela 2 – Nasalidade da vogal /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Oral - <i>vesícula</i>	343/821	42	.56
	Nasal - <i>mentira</i>	57/165	34	.21
<b>Input: 0.365</b>			<b>Significância: 0.034</b>	
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Oral - <i>costume</i>	277/554	50	.62
	Nasal - <i>condução</i>	64/247	23	.25
<b>Input: 0.386</b>			<b>Significância: 0.039</b>	

Observando-se a tabela 2, os dados coletados indicam que a elevação tanto para a vogal /e/ quanto para /o/ é favorecida pela vogal oral ao passo que a vogal nasal parece ser inibidora do processo. Encontramos resultados semelhantes no trabalho de Schwindt (1995, p. 49) embora entre as nasalizadas, a vogal /e/ apresentou um peso relativo de 0.42 mostrando-se mais favorecedora do que a vogal /o/.



### 8.1.3 Tonicidade e contiguidade da Vogal Gatilho

<b>Tabela 3 – Contexto fonológico precedente à Vogal Alvo para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Tônica imediata - <i>precisa</i>	303/588	51	.64
	Átona imediata/ não - imediata	91/314	29	.39
	<i>precisar/comerciante</i>			
	Tônica não – imediata - <i>alternativa</i>	6/84	7	.10
	Tônica imediata - <i>precisa</i>	303/588	51	.64
	Átona imediata/ não - imediata	91/314	29	.39
	<i>precisar/comerciante</i>			
	<b>Input: 0.365</b>			<b>Significância: 0.034</b>
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Tônica imediata - <i>bonita</i>	216/355	61	.67
	Tônica não-imediata - <i>formatura</i>	53/120	44	.51
	Átona imediata/ não-imediata	72/326	22	.31
	<i>movimento/ comerciante</i>			
	Tônica imediata - <i>bonita</i>	216/355	61	.67
	Tônica não-imediata - <i>formatura</i>	53/120	44	.51
	Átona imediata/ não-imediata	72/326	22	.31
	<b>Input: 0.386</b>			<b>Significância: 0.039</b>

Os resultados mostram que as vogais gatilho tônicas imediatas favorecem o alçamento de ambas as vogais, enquanto as átonas e as tônicas não-imediatas não favorecem, ou, mesmo, desfavorecem. Dessa análise podemos verificar que tonicidade exerce mais influência do que a contiguidade (expressa pelo fator “ser imediata”). O sub-fator átona não imediata, com um resultado inicial para /e/ de 6% e peso relativo de 0.20 e para /o/ de 22% e peso relativo de 0.21, foi amalgamado à átona imediata (ver 7.4.1, p.76).

Encontramos na literatura duas hipóteses relacionadas ao papel da vogal gatilho: (a) a de que a tonicidade da vogal seria o condicionante do alçamento da pretônica (Câmara Jr., 1969); e (b) a de que o fato de a vogal alta ser contígua é que seria o propulsor da regra (Silva Neto, 1970). Schwindt (1995) observa resultados expressivos para as vogais altas tônicas imediatas e abaixo de 0.40 para os demais ambientes. Em estudo posterior Schwindt (2002) separa a variável em tonicidade e contiguidade a fim de verificar a atuação individual de cada fator. Partindo disso, encontrou valores significativos para a contiguidade como fator

favorecedor para a elevação de ambas as vogais. No que se refere à tonicidade, os resultados mostraram o favorecimento do gatilho tônico e o desfavorecimento do átono, mas o papel da tonicidade é secundário em comparação ao da contiguidade conforme ordem de seleção determinada pelo programa de análise quantitativa.

As autoras, Callou, Leite e Coutinho (1991), afirmam que no caso das vogais posteriores o alicamento é determinado principalmente por ajustamento ao modo e ponto de articulação da consoante precedente e apenas secundariamente pela altura da vogal tônica. Silva (1991) explica que no dialeto de Salvador a tonicidade não é relevante à elevação das pretônicas; tem-se o contrário, na nossa pesquisa, a vogal átona subsequente não exerce influência sobre elas. O interessante, do presente estudo, é de notar que esse fator abre a lista de grupos selecionados pelo programa computacional, então parece ser o mais importante.

Bisol (1981) considera a contiguidade como um traço obrigatório do condicionador da regra de harmonização vocálica e a tonicidade da vogal imediata como traço variável. Na pesquisa de Schwindt (2002), mesmo separando os fatores contiguidade e tonicidade, os resultados do autor evidenciam a elevação de ambas as vogais em contexto de contiguidade e tonicidade. O primeiro confirma a hipótese em Silva Neto (1970), a qual também encontra respaldo em Schwindt (1995) e Bisol (1981). O segundo confirma as hipóteses de Câmara Jr. (1969). O interessante da nossa análise é de notar que esse fator abre a lista de grupos selecionados pelo programa computacional, então parece ser o mais importante.

#### 8.1.4 Atonicidade da vogal alvo

<b>Tabela 4 – Atonicidade da vogal alvo para /e/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
E	Átona permanente - <i>menino</i>	304/723	42	.53
	<i>ferro, ferrugem</i>	96/263	36	.41
	Átona sem <i>status</i> definido	---	---	----
	<i>conseguimos, consigo, consegue</i>			
<b>Input: 0.365</b>			<b>Significância: 0.034</b>	

A tabela 4 mostra resultados da vogal /e/ somente para a átona permanente e átona casual, os dados de átonas sem *status* definido foram retirados da análise, pois percebemos uma distribuição desequilibrada dos dados gerando células vazias (zeradas); após realizar análise do *crosstab* (ver seção 7.4.1), reanalizamos este fator. Isso, provavelmente, pode acontecer devido à repetição e baixa ocorrência de dados encontrados na análise ou um

mesmo dado como no caso da átona sem status definido *podia ~ podíamos ~ p/∅/sso*. Contudo, é importante registrar que os valores representaram um percentual de 59% e o peso relativo de 0.65 para a vogal anterior; e de 82% e peso relativo de 0.35 para a posterior.

A conclusão dessa análise é que a elevação da pretônica encontra contexto favorecedor nas vogais átonas permanentes e que as átonas casuais tendem a impedir o processo de HV. Essa informação encontra respaldo em Schwindt (1985) e Bisol (1981).

A questão de as átonas permanentes estarem mais sujeitas às flutuações é o fato de que, na forma base, elas são átonas e permanecem desse modo durante a derivação. A vogal átona casual era em sua base acentuada, perdendo esse *status* na derivação. Para Bisol (1981, p. 101), “é o acento forte subjacente que se superficializa como fraco”, e o falante, por não perder essa memória subjacente do acento da palavra primitiva, tende a não aplicar o processo de elevação da vogal.

### 8.1.5 Contexto fonológico precedente à VA

<b>Tabela 5 – Contexto fonológico precedente à Vogal Alvo para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Velar - <i>querida</i>	16/85	19	.22
	Palatal - <i>germina</i>	57/90	63	.70
	Líquida alveolar - <i>precisa</i>	82/147	56	.52
	Alveolar - <i>serviço</i>	90/266	34	.48
	Labial - <i>pepino</i>	124/339	37	.50
	Início por pausa/ sem pausa	31/59	52	.61
	[#existe] / [não é ##educativa]			
	<b>Input: 0.365</b>		<b>Significância: 0.034</b>	
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Velar - <i>comida</i>	168/439	38	.58
	Palatal/Alveolar	63/110	57	.43
	<i>chovia, cachorrinho/ sobrinho</i>			
	Líquida alveolar - <i>florido</i>	10/94	11	.16
	Labial - <i>mochila</i>	100/158	63	.56
	Início por pausa – [#Oriente]	---		---
	Início sem pausa - [no## Oriente]	---		---
	<b>Input: 0.386</b>		<b>Significância: 0.039</b>	

Apresentamos, na tabela acima<sup>27</sup>, os resultados respectivos, do contexto fonológico seguinte e precedente, os valores estão expostos de acordo com o ponto de articulação das consoantes. Logo em seguida, discutiremos algumas observações comuns referentes ao desempenho das vogais médias pretônicas.

Na tabela 5, o ambiente das consoantes palatais tem resultados altos para /e/, mas apresenta um valor baixo para /o/. A velar tem índices baixos para /e/, por outro lado, relativamente alto para /o/. Para as alveolares, subcategorizadas em: líquida alveolar (l, r) e alveolares (t,d,s,z e n), para /e/, as duas apresentaram um valor em torno do ponto neutro; ainda um mais alto para as líquidas. Para /o/ combinamos os fatores alveolar e palatal por haver a ocorrência de poucos dados; após esse recurso, os resultados apresentaram um valor baixo. As labiais têm valores em torno do ponto neutro para ambas as vogais. Por fim, os valores relativos a **pausa** (almagamado a **sem pausa**) são elevados para a pretônica /e/; para /o/<sup>28</sup>, foram excluídos da análise devido à ocorrência de *Knockout* por escassa ocorrência de dados.

Percebe-se, diante desses resultados para a vogal /e/ que a elevação pode ser favorecida quando estiver precedida por consoante palatal e em início de palavra, e tende a ser bloqueada quando antecedida por velar. Contextos precedentes de líquida alveolar, labial e de obstruente alveolar/palatal nem favorecem nem bloqueiam o processo. Esperávamos um comportamento semelhante nos resultados, principalmente no que diz respeito aos pontos de articulação em que a língua é mais elevada, mas não foi isso que constatamos, pois a velar, cuja articulação alta levaria a presumir um papel importante na elevação da pretônica, não se mostrou favorecedora da elevação, pelo contrário, se mostrou desfavorecedora.

Para /o/, a elevação tem maior força quando a pretônica está precedida por labial e velar. A hipótese de Bisol (1981) é de que este favorecimento se explique por similaridade fonética entre a consoante e a vogal: a vogal posterior /o/ compartilha com as labiais o traço de labialidade [+arr] e com as velares o traço [+posterior] (ou dorsal).

Schwindt (2002, p. 174) diz, quanto ao papel das consoantes precedentes, que “as consoantes podem nos fornecer dados sobre motivação de natureza fonética que se combinam à regra de HV para elevar a pretônica”. Ou seja, se as consoantes desempenham um papel importante na elevação, não é certamente por harmonia, já que somente o contexto

<sup>27</sup> Os fatores estão dispostos em ordem do lugar de articulação dos segmentos consonantais relevantes para descrição do português.

<sup>28</sup> Para a vogal /o/, na primeira rodada, as ocorrências para o fator *início de palavra sem pausa*, num total de 48 ocorrências, obtiveram um resultado de não-aplicação gerando *knockout*. E o fator *início de palavra precedido por pausa* com uma aplicação em 17 ocorrências, com percentual de 6%. Partindo desses poucos expressivos resultados, decidimos eliminar essas ocorrências da análise.

interveniente entre alvo e gatilho poderia influenciar o processo. Neste caso, haveria a atuação de outro processo de *assimilação*, entre consoante e vogal nos contextos precedentes analisados.

Em outros termos, as vogais altas, as mais convexas, são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole (u) seja em direção ao palato duro (i). Então presume-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer o processo assimilatório [...]. (BISOL, 1981, p. 93).

Espera-se diante do exposto que as consoantes com articulação mais alta contribuam para a elevação das vogais médias pretônicas; nesse ponto, a nossa análise mostrou que as palatais em contexto precedente à vogal /e/ confirmam essa hipótese; no entanto, para /o/ são apresentados valores baixos.

Estabelecendo um comparativo, Schwindt (2002, p. 174) observa para a vogal /e/ que a palatal precedente alcança o peso relativo 0.32 e para a vogal /o/, um valor mais significativo de 0.69. No âmbito das consoantes palatais, observa-se um desempenho curioso; pois, demonstra favorecimento para /e/ e pouco favorecimento para /o/, o contrário do que observa Schwindt (1995 e 2002). É surpreendente esse último resultado; pois contraria a justificada explicação que encontramos em Bisol (1981), a qual sugere que a palatal, por possuir uma articulação alta favoreceria a elevação de ambas as vogais pretônicas. Outro comportamento estranho foi encontrado nos resultados das consoantes velares, que não se coadunam aos de Schwindt (1995 e 2002): os valores mostram que a consoante não favorece a aplicação de elevação de /e/; contudo, evidenciam um número relativamente elevado para /o/.

Bisol (1981, p. 92) considera que a alteração fonética por decorrência da HV é uma alteração simplificadora, isto é, lei do menor esforço causada pela força da articulação alta de uma vogal seguinte. Evidentemente as consoantes com a mesma articulação alta tenderão a exercer um papel relevante no citado processo e, logicamente, as consoantes de articulação mais baixa funcionarão ao contrário.

Dessa maneira as consoantes alveolares, em função de sua articulação não ser alta, impediriam a elevação da vogal média. As consoantes alveolares foram consideradas com a seguinte subcategorização para ambas as vogais: alveolares (t,d,s,z,n) e líquidas alveolares (l,r). Ocorrências do primeiro grupo mostraram uma tendência à preservação da vogal média. Abaixo apresentamos palavras que encontramos, divididas segundo a aplicação ou não da elevação<sup>29</sup>:

---

<sup>29</sup> No GRUPO C, consideramos como consoantes palatalizadas. Ver anexo (informante 22).

**QUADRO 8 - PALAVRAS QUE ENCONTRAMOS, DIVIDIDAS SEGUNDO A APLICAÇÃO OU NÃO DA ELEVAÇÃO**

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C
serviço ~*sirviço,	segunda ~ sigunda	debulhava~ [dʒi]bulhava
incentivar ~*incintivar,	seria ~ síria	devia ~ [dʒ]ivia
sequinho ~*siquinho	benzedura ~benzidura	
	nenhuma ~ninhuma	
	terminar ~ *tirminar	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2011. Ver anexo A

Salvo em alguns casos, como mostram os vocábulos do grupo B, nos quais a vogal pretônica sofre elevação, talvez a força da consoante que a precede ser categorizada como alveolar sibilante (s, z, n) e favorece o alçamento da vogal /e/ justificada por uma proximidade fonética que essas consoantes têm com /i/ e /n/ por ser uma nasal, encontramos respaldo, para confirmarmos, isso nos resultados de Schwindt (2002, p. 174). Diferentemente do referido autor, não separamos na nossa análise as alveolares sibilantes do resto. O que os exemplos mostram é que mesmo se esse fator estivesse sido separado, ele provavelmente não teria papel na aplicação da regra de HV.

Nos vocábulos em que a vogal era precedida por /t/ e /d/, encontramos resistência; lembramos que os vocábulos não sofreram palatalização, isto é, não é dito *terminou* ~ \*[tʃ]iminou, o que nos confirmaria o papel inibidor das alveolares no processo de HV, mais precisamente o que ocorre no quadro C; porém, esses vocábulos receberam uma classificação como consoantes palatais.

Os resultados encontrados para /o/ reforça a hipótese de semelhança fonética à vogal /i/, os baixos resultados em ambas vogais sugerem que as consoantes alveolares não são contextos que condicionem um panorama favorável à regra de elevação.

Para as consoantes labiais no contexto precedente, os resultados analisados, próximo ao ponto neutro para /e/ e um pouco maior para /o/, são semelhantes ao de Schwindt (2002). Com relação a /o/, esperava-se uma maior influência, pelo traço labial que está presente nas vogais posteriores, em função da sua articulação [+arr], esperando, então, que a vogal /o/ pudesse apresentar maior elevação. Porém, constatamos que esse tipo de consoante não tem influência significativa sobre o processo nos dados analisados.

Com referência à pausa, os resultados encontram respaldo em Schwindt (2002, p. 175) segundo o qual “era de esperar que a pausa favorecesse e não o, considerando a vulnerabilidade dessa vogal em início absoluto de vocábulo”. Devemos lembrar que desconsideramos os casos de /e/ seguido de nasal e de fricativa sibilante em coda, pela

evidência de aplicação categórica ressaltada na literatura. Uma análise posterior mais aprofundada, do ponto de vista fonológico e variacionista, da fala dos Açores pode nos ajudar a encontrar alguma evidência do tratamento de vogal inicial.

Conferido um comparativo aos estudos de Schwindt (1995, 2002) interpretamos que o contexto analisado das consoantes alveolares denotou um papel desfavorecedor ao alçamento das vogais pretônicas; as palatais e velares seguiram estranhamento e desencontro com a referida pesquisa: ainda que as palatais exponham valores altos para /e/ e baixo para /o/ e as velares o contrário. As labiais mostraram menor aplicação à vogal /e/ com o resultado de 0.50; e um pouco maior à vogal /o/ 0.56; o que sugere que essa vogal compartilhe com as labiais o traço de labialidade.

### 8.1.6 Contexto fonológico seguinte à vogal alvo

Nesse momento, salientamos que a HV é um processo de assimilação regressiva, condicionada pela articulação alta de uma vogal em sílaba seguinte; espera-se, dessa forma, que as consoantes com articulação alta cooperem para a aplicação do processo e que as demais consoantes tendam a inibir o processo. Deduz-se disso, que por compartilharem aspectos fonológicos com as vogais, as consoantes possam desempenhar um papel facilitador, ou inibidor, na elevação das vogais pretônicas.

<b>Tabela 6 – Contexto fonológico seguinte à Vogal Alvo para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Velar/ Velar /R/	51/104	49	.68
	<i>legumes/ serraria</i>			
	Palatal/Alveolar	277/548	50	.62
	<i>nenhuma/vestido, vesícula</i>			
	Líquida alveolar - <i>perigoso</i>	54/219	20	.24
	Labial - <i>tempinho, pepino</i>	18/61	29	.38
	Vogal em hiato - <i>reúne</i>	----	---	---
<b>Input: 0.365</b>			<b>Significância: 0.034</b>	
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Velar, /R/ Velar	6/50	12	.10
	<i>Legumes, corrida</i>			
	Palatal - <i>colhia</i>	80/103	78	.82
	Alveolar/Líquida Alveolar	163/448	36	.48

	<i>costurar/coluna, cebolinho</i>			
	Labial - <i>comprido, comida</i>	92/200	46	.48
	Vogal em hiato - <i>proibido</i>	---	---	---
	<b>Input: 0.386</b>			<b>Significância: 0.039</b>

As consoantes velares, em conformidade com o trabalho de Schwindt (1995, p. 58), seguem a subcategorização em velares (k e g) e fricativa velar /R/, por suspeitarmos que essas consoantes pudessem comportar-se de forma diferenciada.

Cabe trazer aqui os resultados do /R/ velar, nas primeiras rodadas, antes da amalgamação. Para /e/ atingiu o peso relativo de 0.49 num total de 1/8 ocorrências; e para /o/ um peso relativo de 0.29 em 4/21 ocorrências. As velares (/k/ e /g/) separadamente geraram valores altos de peso relativo, 0.76 num total de 104/160 dados, para a vogal média anterior, e mais baixo para a posterior: 0.36, em 3/35. De qualquer maneira, quando os fatores foram observados em separado, a fricativa R velar mostra-se desfavorecedora para a elevação de ambas as vogais. Tal constatação pode se analisada diante dos seguintes dados coletados com contexto de fricativa /R/ velar, conforme quadro abaixo:

#### QUADRO 9 - DADOS COLETADOS COM CONTEXTO DE FRICATIVA /R/ VELAR

QUADRO A	QUADRO B
Vogal /e/	Vogal /o/
serraria ~ *sirraria	corrida ~ currida
	corrida ~ curridinha

Fonte: Dados da Pesquisa, 2011. Ver Anexo I

Avaliando as palavras em que a regra se sobrepõe o R velar mesmo em posição de ataque (SCHWINDT, 1985, p. 58) aplica-se somente para /o/. No outro caso bloqueia a elevação de /e/. Uma questão que pode ser vista em outras oportunidades, haja vista, que no exemplo do quadro A, a distância do gatilho esteja agindo para o desfavorecimento da aplicação da regra e que realmente no caso desse fator a contiguidade atue. No entanto, as velares (/k/ e /g/) demonstraram um ambiente partidário para a elevação de /e/.

As labiais mostraram valores próximos ao ponto neutro (0.50), sugere-se dessa amostra que são inibidoras da regra de elevação; portanto, aqui o traço [+alto] parece não ter papel.



Gostaríamos de destacar a informação dos resultados obtidos antes de optarmos pela junção dos fatores<sup>30</sup>, isto é, nas primeiras rodadas: as alveolares mostraram-se inibidoras da regra de HV com pesos relativos de 0.47 para /o/; porém mostra um papel relativamente forte na aplicação da regra de /e/ com o peso de 0.62. Por sua vez as líquidas alveolares 0.24 para /e/ e para /o/ de 0.37. Esses resultados estabelecem comparação aos resultados de Schwindt (1995, 2002), tais resultados podem ser vistos nos vocábulos coletados como, por exemplo, *precisa ~ pricisa* (ver anexo I) em que ocorrem valores relativamente altos para /e/ em contexto precedente, o que é diferente no contexto seguinte em que encontramos informações do tipo: *perigo ~ pirigo*, *percisa ~ \*pircisa* ou *português ~ \*purtuguês*; *florido*, *\*flurido*; porém encontramos casos de ocorrências como *coluna ~ culuna* e *corvina ~ curvina*. Contudo, resolvemos amalgamá-los a fim de solucionar possíveis casos de distribuição de dados.

O grupo das vogais em hiato tanto para /e/ em *reúne*, *reunir*, quanto para /o/ em *proibi*, *proibir* foram excluídos da nossa análise por gerarem enviesamento dos resultados, por se tratar de vocábulos com uma insignificativa frequência de ocorrência.

O que podemos tomar como geral nesse contexto é o desempenho das alveolares juntamente com as palatais (ambas com o traço redundante [+alto]) têm papel favorecedor na elevação de /e/. Para a vogal /o/, a amostra apresentou índice alto para as consoantes palatais e valor baixo para as velares.

O papel das consoantes na HV é um aspecto ainda obscuro nos estudos da fonologia, pois sua interveniência entre as vogais alvo e gatilho poderia ter papel limitador da regra, mas não fica certo qual o seu quinhão nessa demanda. Sabemos que, o compartilhamento de traços pelas vogais é local porque seus nós de classe (aberto) são adjacentes. Temos evidências do espriamento através de consoantes, sugerindo que estas sejam transparentes; no entanto, é possível observar também que diferentes consoantes comportam-se de diferentes formas na harmonia. Hulst e Weijer (1995). Archangeli e Pulleyblank (2007) dizem que a questão da transparência das consoantes ainda está longe de ser resolvida. Sabemos que, algumas consoantes ora bloqueiam a HV, ora permitem que o processo se espraie.

Em relação ao domínio da HV, Archangeli e Pulleyblank (2007) nos dizem que um processo harmônico iterativo envolve um gatilho que provoque a harmonia em uma determinada direção dentro de algum domínio, afetando cada alvo consecutivo. Se um alvo potencial for encontrado que não pode harmonizar porque não atende a determinada condição,

---

<sup>30</sup> Schwindt (1995) comparou as alveolar líquida (r) e consoante velar fricativa (R velar).

então a propagação da harmonia para, caracterizando o efeito da *opacidade*. Para os autores, a opacidade é o efeito esperado, enquanto a transparência é o que é intrigante.

Assim como em Bisol (1981), palavras do tipo *aposentadoria*, cujo gatilho /i/ foi classificado como fator *Tônica não-imediata* nos deixam aparentemente sem explicação, pois ocorre *apusentadoria*, mas não *\*aposintadoria*. A solução talvez seja a explicação de Schwindt (2002, p. 175) de que existe uma regra “que atua combinada à harmonia, mas que pode atuar sozinha, tendo em vista que atinge vocábulos sem vogal alta (*cumpadre*, *buneca*.e *bulacha*)”. Ou que realmente deparamo-nos com um caso de opacidade sob influência da vogal /a/, evidência também relatada em *melancia*, *\*milancia*.

Encontramos dados como *conhecia* ~ *conhicia* ~ *cunhicia*. Conforme Bisol (1981, p. 148)

Por ser a harmonização vocálica uma regra variável, a probabilidade de uma, várias ou todas as vogais adjacentes serem atingidas é o resultado direto da frequência de uso da alternância no dialeto em questão. Diante disso a probabilidade de ocorrer piregrino é mínima, enquanto pirigrino tem grande probabilidade de ocorrência. Por outro lado, cunhecido é forma mais provável do que piregrino, em razão da pretônica da primeira palavra encontrar-se entre consoantes que funcionam na regra como fatores altamente positivos. (BISOL, 1981, p. 148).

Estabelecendo uma comparação com o resultado de nossa pesquisa e o que foi expresso pela autora, no caso das velares, em nossa pesquisa não se obteve resultados significantes; contudo, em contexto seguinte, as palatais mostram valores significativos. Se há realmente um tipo acordo tácito entre os constituintes da estrutura silábica, isso merece futuros estudos mais cautelosos – pois, ora bloqueia, ora permite a expansão do processo. Além de tudo é tão perfeito esse pacto que continua permitindo a ocorrência da variação na língua de forma eficaz, sem prejuízo, na comunicação e, principalmente, referindo-se à regra variável, que não tem registro na literatura como forma estigmatizada.

### 8.1.7 Localização morfológica da Vogal Gatilho

<b>Tabela 7 – Localização Morfológica da Vogal Gatilho para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Sufixo verbal - <i>vendia</i>	97/195	50	.58
	Radical - <i>menino</i>	226/555	41	.50
	Sufixo nominal - <i>adventista</i>	77/236	33	.42
	Sufixo diminutivo - <i>baldezinho, terreninho</i>	---	---	---
	Vocábulo composto - <i>televisão</i>	---	---	---

<b>Input: 0.365</b>		<b>Significância: 0.034</b>		
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Sufixo verbal - <i>podia</i>	72/130	55	.54
	Radical - <i>comigo</i>	210/521	40	.54
	Sufixo nominal - <i>nordestino, conhecido</i>	59/149	40	.33
	Sufixo diminutivo - <i>namoradinho</i>	---	---	---
	Vocábulo composto - <i>sobreviver</i>	---	--	---
<b>Input: 0.386</b>		<b>Significância: 0.039</b>		

Na tabela 7, apresentamos valores para os contextos com sufixos verbais, sufixo nominal e radical para ambas as vogais. Os vocábulos com sufixo diminutivo -inho/-zinho e vocábulo composto foram retirados da análise, pelas considerações apresentadas a seguir. No caso de palavras com sufixo no diminutivo como em *rede* ~ *redizinha*, *balde* ~ *baldinho* ~ *baldizinho*, encontramos, durante as primeiras rodadas, baixa quantidade de dados e constatamos a aplicação de 100% de elevação, todas envolvendo o subgrupo tônicas imediatas, o que resultou no enviesamento dos resultados. Como vimos na discussão a respeito dos aspectos fonológicos envolvidos na harmonia vocálica, existe a suposição de que a harmonia não atravessa fronteira vocabular. No caso de -inho/-zinho, consideramos que existe fronteira vocabular entre a base e o sufixo. Em outras análises, como a de Schwindt (2002), essas palavras não foram levadas em conta no levantamento por essa mesma razão. O nosso objetivo em considerá-las era verificar se o comportamento dessas formas, de alguma maneira, poderia trazer resposta para as indagações de Hulst e Weijer (1995). No entanto, os dados não se prestam a uma resposta porque as formas de diminutivos como *rede* e *balde* nos remetem a outro fenômeno que chamamos de redução da vogal média final, pois a forma no diminutivo faz uma analogia à pronúncia da base [*redi*] e [*baldi*]. Para a vogal /o/, nos vocábulos compostos (*sobreviver*, *sobrevive*), o total de ocorrências foi de 08 em 954 dados e observou-se um resultado de 100% de não-aplicação resultando um *Knockout*. Para a vogal /e/, na palavra composta [[*tele*]<sub>ω</sub> [*visão*]<sub>ω</sub>] ~ *tel[i]visão*, foram transcritas em média 3 a 5 ocorrências para cada um dos 24 informantes (anexo I), o que resultou, nas primeiras rodadas, uma aplicação com o percentual de 10% e peso relativo de 0.25. Optamos por excluí-la da análise por considerarmos se tratar realmente de uma palavra composta cujos morfemas são independentes, isto é, duas palavras fonológicas, inferindo disso, que uma eventual elevação da vogal *tele* seria resultado de redução de átona final e não de harmonia vocálica. O falante não perdeu a memória de que se trata de vocábulo composto, como Bisol (1981) ressalta. Vale

dizer, para efeito de comparação, que o mesmo não ocorreu em outro vocábulo considerado composto: *telefone*, *\*telifone*, *\*tilifoni*.

Schwindt (1995, 2002) encontrou resultados semelhantes. Tanto para a vogal média /e/ quanto para /o/ os valores mais significativos são observados em palavras em que o gatilho está na terminação verbal e em vocábulos cuja vogal alta gatilho está no radical, e a regra não encontra força nos sufixos nominais.

Supomos, da tendência maior de aplicação com o gatilho no ambiente do radical ou do sufixo verbal, que a regra encontra obstáculos em sufixos derivacionais, encontrando maior força no interior de um morfema lexical ou quando a fronteira morfológica for meramente flexional, como nos exemplos dos dados encontrados, tais como (podem ser vistos no anexo I): *organizado*, *organizada*, *acostumada*, *alcoholizada*. Porém, outras explicações alternativas são encontradas na literatura.

Quanto à aplicação constante da regra com sufixos verbais, duas questões são importantes: a primeira, a influência da regra diacrônica de harmonização vocálica. Segundo Mira Mateus (*apud* Bisol, 1981),

[...] a metafoia, a regra diacrônica que também é um caso de harmonização vocálica, consiste na alteração da vogal do radical por efeito da vogal temática quando essa se encontra diante de outra vogal que lhe provoca a queda. A vogal temática não aparece na superfície, mas deixa vestígios no radical: *fer + i + o > firo*; *dorm + i + o > durmo*. (BISOL, 1981, p. 103)<sup>31</sup>.

A influência da metafoia verbal aumenta o número de vogais altas no paradigma de certos verbos, o que motiva a aplicação da regra de HV: ex. *preferir /prefiro ~ prefirir/prifiro*, *sentir/sinto/sentia ~ sintir/sinto/sintia*. A segunda questão é a abundância de condicionadores na flexão verbal que cria naturalmente vogais altas e as espalha pelo paradigma *querer/queria ~ quiria*, *pedir ~ pidir*, *ceder/cedido ~ cido*.

Em relação à raiz, Schwindt (2002) afirma que *se a harmonização vocálica prefere contextos de contiguidade, a raiz será seu âmbito predileto*. Lembrando que a variável tonicidade, em nossa pesquisa, sobrepuja os valores da vogal imediata e átona, resolvemos testar a hipótese do autor produzindo cruzamentos entre os fatores Homorganicidade/Tonicidade e Contiguidade da Vogal Gatilho<sup>32</sup>, e em seguida, Contiguidade

<sup>31</sup> Esta questão também pode ser vista em WETZELS, W. L. *Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 19 – 55, 1992.

<sup>32</sup> Deixamos claro que essa observação não integra nossas hipóteses. Agradecemos a contribuição lançada pelo Prof. Dr. Schwindt durante a apresentação dos resultados deste trabalho no Círculo de Linguística – UFRGS/201– nos sugerindo verificar o cruzamento desses fatores.

e Tonicidade/ Localização morfológica. Partindo disso, obtivemos os seguintes resultados, que mostram a importância da vogal tônica imediata como fator favorecedor:

### 8.1.7.1 Cruzamento – Homorganicidade/Tonicidade e Contiguidade

<b>Tabela 8 – Cruzamento – Homorganicidade/Tonicidade e Contiguidade</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Homorgânica/ tônica imediata	254/474	54	68
	Não- homorgânica/tônica imediata	49/114	43	47
	Homorgânica/átona	68/223	29	42
	Não-homorgânica/átona	19/59	32	31
	Homorgânica/tônica não - imediata	6/80	7	10
	<b>Input: 0.365</b>			<b>Significância: 0.150</b>
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Homorgânica/ tônica imediata	16/59	27	68
	Não-homorgânica/tônica imediata	200/296	68	66
	Homorgânica/átona	33/122	27	49
	Homogância/tônica não - imediata	---	---	---
	Não-homorgânica/tônica não-imediata	---	---	---
	<b>Input: 0.388</b>			<b>Significância: 0.047</b>

Da análise acima, pode-se dizer que talvez os dados poderiam ser melhor avaliados se vistos separadamente os fatores de contiguidade e tonicidade como fez Schwindt (2002). Consta relatar que papel do fator contiguidade e tonicidade são de relevância, tendo em vista a seleção pelo VARBRUL para ambas as vogais como primeiro da lista e que, no cruzamento, o fator corresponde, também, como o mais significativo na seleção do programa<sup>33</sup>. Diante dos resultados podemos concluir que as combinações reforçam a preponderância de Homorganicidade/Contiguidade e Tonicidade o que sugere que a harmonia prefere o contexto de homorganicidade imediata para /e/, como o exemplo da palavra na palavra *querida* ~ *quirida*; já nos casos dos verbos como em *necessitar* < *necessito* podemos supor que o acento que recai sobre a vogal temática esteja envolvido. Contudo, outro fato que motiva a pretensão de futuros estudos diz respeito à observação dos resultados de /o/ e que pode-se mais uma vez reforçar que a vogal /i/ tem maior poder de elevação, independente da vogal pretônica envolvida; sobretudo mais para a não-homorgânica /o/, o que nos sugere vistas à uma questão

<sup>33</sup> Fatores sem resultados foram retirados da análise por decorrência de *Knockouts*.

fonética; no entanto, o fato de ser imediata e tônica confirma nossas observações já vistas anteriormente, neste capítulo, nas tabelas, 1 e 3.

Diante de nossas suspeitas de que o fator contiguidade pudesse estar implicado nos resultados para Localização Morfológica, procuramos verificar o cruzamento entre os fatores Tonicidade e Contiguidade/Localização Morfológica na seguinte tabela:

### 8.1.7.2 Cruzamento –Tonicidade e Contiguidade/Localização Morfológica

<b>Tabela 9 – Cruzamento –Tonicidade e Contiguidade/Localização Morfológica</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
	Tônica imediata/sufixo verbal	85/160	53	69
	Tônica imediata/radical	157/281	60	66
	Átona /sufixo verbal	9/ 12	75	61
	Tônica imediata/sufixo nominal	60/135	44	56
<b>E</b>	Átona /radical	69/251	27	41
	Átona /sufixo nominal	10/24	42	38
	Tônica não-imediata/radical	2/16	12	25
	Tônica não-imediata/sufixo verbal	2/16	12	19
	Tônica não-imediata/sufixo nominal	2/51	4	35
	<b>Input: 0.369</b>	<b>Significância: 0.039</b>		
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
	Tônica imediata/radical	141/226	62	72
	Tônica não- imediata/sufixo verbal	25/53	47	65
	Tônica imediata/sufixo verbal	46/71	65	62
	Tônica não- imediata /radical	6/14	43	60
<b>O</b>	Tônica imediata/ sufixo nominal	29/58	50	54
	Átona /sufixo verbal	1/5	20	43
	Átona /radical	62/274	23	34
	Tônica não-imediata/sufixo nominal	22/53	41	26
	Átona /sufixo nominal	3/19	16	16
	<b>Input: 0.386</b>	<b>Significância:0.033</b>		

Pode-se explicar que o fato de a aplicação de harmonia ser alta dentro da raiz não diz respeito à estrutura morfológica; talvez seja o fato de a vogal ser contígua o que diferencia esse contexto dos outros. O que estamos dizendo é que a seleção desse fator possivelmente esteja relacionada com uma distribuição pouco equilibrada dos dados, pois, como se pode ver da tabela acima. A distribuição dos dados mostra que mais ou menos a metade dos dados é de tônica imediata e a outra metade de átona imediata, ou seja, mais ou menos 80% dos dados de

gatilho no radical têm o gatilho na sílaba imediata. Então, isso mostra que o fato de se a vogal alvo e a gatilho estão dentro da raiz ou se a vogal gatilho é vogal sufixo verbal não importa.

Os resultados da combinação tônica imediata/sufixo verbal para a qual observamos um peso relativo de 0.69 e da combinação átona imediata/sufixo verbal, com peso de 0.61, para a vogal /e/, embora relativamente próximos, mostram a relevância da questão da tonicidade; e diante disso, mais uma vez voltamos para a questão do acento em relação ao paradigma verbal atuando na aplicação do processo de HV.

Ressaltamos que não pretendemos fazer um aprofundamento dessa discussão, neste momento, pois são argumentos de base fonológica e fonética. São dois contextos atuando do lado um do outro. Há casos nos quais o gatilho está dentro da raiz e não é contíguo, e nesses casos a regra não se aplica, como em *necessitar* \**necissitava*, note-se que o gatilho não é tônico o que reforça nossa análise. Infere-se dessas observações que o fenômeno acontece mesmo por ser imediato para o radical e tônico para o sufixo verbal.

## 8.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Labov, (1972 [2008]) diz que a variável social pode exercer um papel importante na progressão ou regressão de um fenômeno. Para Chambers e Trudgill (1980, p. 97) o comportamento entre homens e mulheres é um dos indicativos somados as outras variáveis extralinguísticas de que uma mudança linguística está ocorrendo, e dois fatos nos chamam a atenção: i) há muitas evidências nas pesquisas sociolinguísticas, Chambers e Trudgill, (1980); Chambers (2002), de que as mulheres tendem a usar as variáveis prestigiadas<sup>34</sup> com mais frequência do que os homens; nada é determinante, mas as mulheres parecem sofrer mais pressões sociais determinando a influência dos papéis sociais; ii) há outras evidências, como Labov (2008), de que são os homens que usam a forma não-padrão com maior frequência. No entanto, os trabalhos apontam um resultado maior para as mulheres do que homens como em Schwindt (1995, 2002) e Bisol (1981).

### 8.2.1 Sexo

---

<sup>34</sup> Nesse caso não falamos da HV; pois o processo, embasado na literatura, não é considerado estigmatizado.

<b>Tabela 10 – Sexo</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	Homem	177/427	40	---
	Mulher	223/559	41	---
<hr/>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	Homem	195/457	57	.54
	Mulher	146/344	43	.45
<b>Input: 0.386</b>			<b>Significância: 0.039</b>	

Os resultados expostos, na Tabela 10, apresentam uma diferença maior no caso da vogal /o/, em relação à vogal /e/, pois, neste último caso, porém, o aplicativo computacional não selecionou a variável por não apresentar importância estatística; por essa razão, limitamo-nos a apresentar as frequências relativas a esta variável. Em nossa análise, o resultado indica que o sexo tende a exercer um papel pouco significativo; além de a variável não ser selecionada para /e/, conta ainda a seleção por último para /o/ pelo VARBRUL. Os valores apreciados à vogal /o/, embora próximos do ponto neutro (0.54 e 0.45), indicam uma pequena diferença, sugerindo que os homens elevem mais que as mulheres.

Com os resultados apresentados, não é possível pensar em mudança linguística; portanto, diante desses resultados percebe-se que a variável está estável. Quando há diferença, os homens elevam mais do que as mulheres. Isso encontra respaldo em Labov (2008, p. 347) no qual foi encontrada em Martha's Vineyard uma tendência mais forte na aplicação entre os homens e mais fraca nas mulheres. O fato de nossa análise mostrar uma baixa aplicação entre as mulheres sugere talvez o papel preservador exercido pelo contato maior com a escrita; pois a maioria das informantes na nossa pesquisa são professoras, ao passo que os informantes masculinos eram dedicados na sua maioria a profissões que não lidam tanto com a escrita.

### 8.2.2 Faixa Etária

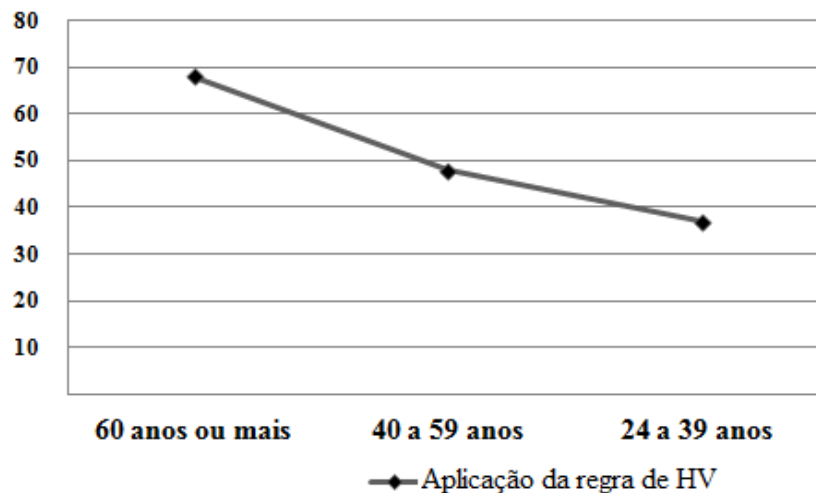
<b>Tabela 11 – Faixa Etária: Frequência para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>E</b>	24-39 anos	129/290	44	---
	40 a 59 anos	151/409	37	---
	60 anos ou mais	120/287	42	---
<b>Input: ---</b>			<b>Significância: ---</b>	



	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<b>O</b>	24 a 39 anos	94/270	34	.37
	40 a 59 anos	121/313	39	.48
	60 anos ou mais	126/218	58	.68
	<b>Input: 0.386</b>			<b>Significância: 0.039</b>

Das variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL, a faixa etária marcou uma posição relativamente considerável. Diferentemente de Schwindt (1985, 2002), optamos por dividir os informantes em três faixas etárias conforme item 5.3.2.2: os mais jovens (24-39); intermediária (40-59) e mais velhos (60 ou mais). No caso de /o/, há uma distância nos valores entre as faixas etárias, com um acentuado decréscimo nos valores dos pesos relativos em direção à faixa dos mais jovens. Vejamos no gráfico 2, abaixo:

GRÁFICO 2 – Valor do Peso Relativo para vogal /o/ distribuída por Faixa Etária



Nossos resultados são semelhantes aos de Schwindt (1995) de um peso relativo de 0.53 para os mais velhos somente para a vogal posterior e somente para a vogal anterior 0.53 na pesquisa do autor em 2002, indicando, para ambos os trabalhos, que a variável encontra-se estável.

Para /e/, o programa VARBRUL não selecionou as variáveis sociais, indicando para a caracterização do fenômeno como variação estável (Bisoi, 1981 e Schwindt 1995, 2002). Para /o/, houve correlação entre idade e elevação. Diante do padrão que emerge do resultado, da tabela 9, ficamos por atestar um resultado consistente pelo fato do programa não selecionar a variável para /e/, mas seu percentual é de 44% contra um próximo 42% de /o/; todavia constata-se um uso com valores superiores para /o/ nos mais velhos, decai para os

intermediários e um sinal insignificante na elevação nos mais jovens, sugerindo que a regra esteja em regressão.

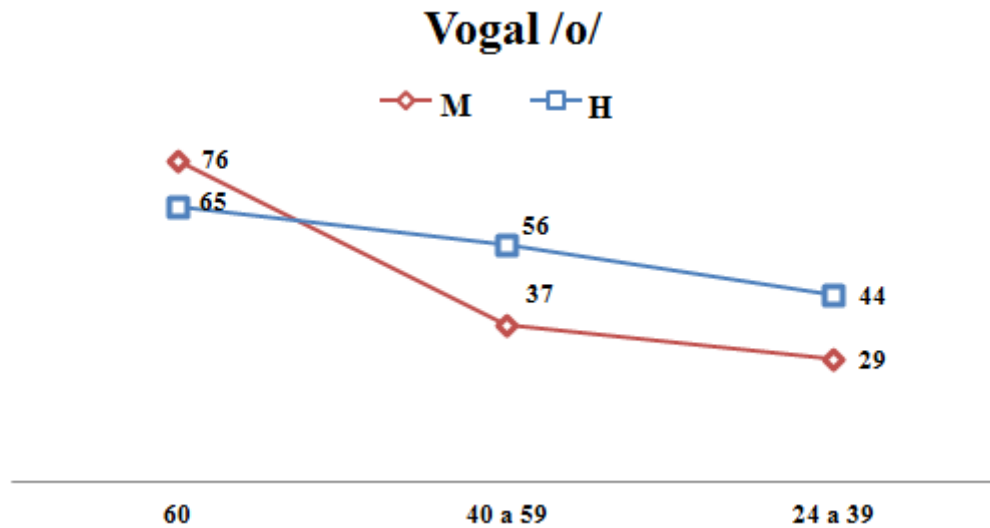
Para testar a variável faixa etária um pouco mais, uma vez que esse fator mostrou-se importante na seleção dos grupos de fatores para /o/, resolvemos fazer o cruzamento da variável faixa etária e sexo, como observaremos na tabela 12:

### 8.2.2.1 Cruzamento – Sexo e Faixa Etária para /e/ e /o/

<b>Tabela 12 – Cruzamento – Sexo e Faixa Etária para /e/ e /o/</b>				
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
E	Mulher 60 ou +	46/99	46	---
	Homem 60 ou +	74/188	39	---
	Homem 40 a 59	78/218	36	---
	Homem 24 a 39	71/153	46	---
	Mulher 40 a 59	73/191	38	---
	Mulher 24 a 39	58/137	42	---
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
O	Mulher 60 ou +	54/75	72	76
	Homem 60 ou +	72/143	50	65
	Homem 40 a 59	72/170	42	56
	Homem 24 a 39	51/144	35	44
	Mulher 40 a 59	49/143	34	37
	Mulher 24 a 39	43/126	34	29
		<b>Input: 0.388</b>		

Cruzando-se sexo e faixa etária, tabela 12, os resultados dão sinal claro de que homens e mulheres com 60 anos ou mais tendem a aplicar a regra de HV com maior força somente para a vogal /o/; pois para /e/ apresentamos somente o resultado da frequência. Vejamos o gráfico 3 com a seguinte distribuição de valores do peso relativo do cruzamento de ambas variáveis:

GRÁFICO 3 – Cruzamento entre Faixa Etária e Sexo para vogal /o/



Em seguida, nota-se nos homens que há uma alternância entre faixa etária intermediária e mais jovem em quarta posição que apresentou um peso relativo baixo 0.44; esse fato torna-se muito importante; pois ratifica o papel dos homens operando a favor da aplicação da HV como vimos em 6.2.1. Disso infere-se que os homens lideram, estão à frente na aplicação do processo, exceto na faixa etária dos mais velhos, em que as mulheres aplicam mais. Vale registrar que nesta rodada este cruzamento foi selecionado pelo VARBRUL em quinta posição e a variável escolaridade mais uma vez foi eliminada.

Os resultados apresentados, neste momento, coincidem com os resultados de Callou et al. (1991) para o falar carioca. Diante dos resultados não significativos das variáveis sociais (ver seção 6.2.1) as autoras evidenciam de que se trata de um fenômeno estável; contudo, o uso maior da regra entre os homens e velhos e mulheres e jovens menos, sinaliza para uma possível perda de produtividade da regra.

### 8.2.3 Escolaridade

Tabela 13 – Escolaridade: Frequência para /e/ e /o/

	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
E	0 a 4 anos	220/508	43	---
	4 anos ou mais	180/478	38	---
	<b>Input: ----</b>			<b>Significância: ---</b>
	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
O	0 a 4 anos	213/451	47	---
	4 anos ou mais	148/418	35	---
	<b>Input: ---</b>			<b>Significância: ---</b>

O programa computacional eliminou, para ambas as vogais, o grupo escolaridade da análise por não apresentar relevância; limitamo-nos, apenas, a apresentar a frequência relativa a esta variável para ambas as vogais. Não podemos, entretanto, concluir de forma precisa que não há influência desta variável em nossa pesquisa porque, conforme a seção 5.3.1.1, a amostra foi determinada em 12 células, mas, com o número de informantes analisados, no grupo dos informantes de 60 ou mais e com 4 anos ou mais de escolaridade a célula ficou com apenas um informante. Trabalhos anteriores ao nosso, a variável escolaridade foi selecionada para ambas vogais ou somente para uma ou outra. Portanto, não descartamos definitivamente a hipótese de que a escolaridade influencie a atuação da regra, analisando posteriormente apurando outros cruzamentos possíveis para refinar a análise para obtermos uma interpretação mais segura desta variável.

Schwindt (1995) encontrou na sua amostra (ver seção 6.1.3) valores em ordem decrescente, tanto para /e/ quanto para /o/ com valores de .56 e .61 respectivamente; inferindo que a escola exerce papel no uso da regra, uma vez que as pessoas que frequentam mais a escola tendem a utilizar menos a regra. Na amostra do referido autor de 2002: os valores apresentados mostraram-se significantes para ambas vogais, com peso relativo de .53 para /e/ e de .56 para /o/.

Para a sociolinguística este fator tem muita importância; sobretudo no que se refere à HV, para a qual não há registro na literatura, Bisol (1981) e outros, de ser um fenômeno estigmatizado. Conforme Amaral (2000), os informantes da faixa maior de escolaridade têm uma visível facilidade na expressão, são mais comunicativos: são professoras, catequistas, frequentam grupos de igrejas tanto católicas quanto adventistas, há alguns que participaram como presidentes de clubes de futebol. Outros participaram de cursos de agricultores elaborados pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural)<sup>35</sup>.

Devido a não-seleção desta variável pelo programa computacional resolvemos seguir a proposta de Amaral (2002, p. 121-122) e fazer uma análise mais acurada de forma individual dos informantes, subdividindo-os em idade e nível de escolaridade, na qual é dada uma frequência pela aplicação da regra, como podemos ver a distribuição do alçamento das vogais médias por escolaridade e idade dos informantes selecionados para nossa análise, no gráfico 4, abaixo:

---

<sup>35</sup> Órgão Federal responsável pelo atendimento de uma determinada área geográfica devidamente marcada.

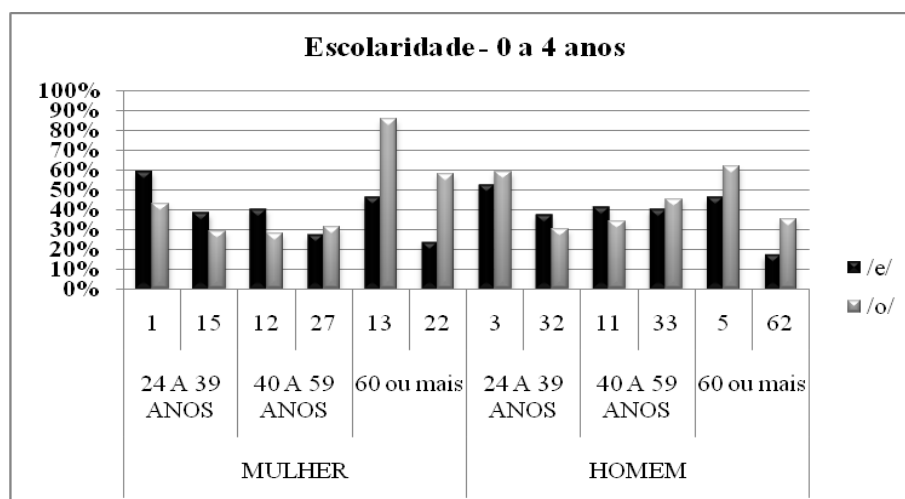
### 8.2.4 Frequência da aplicação da regra de Harmonia Vocálica para os informantes

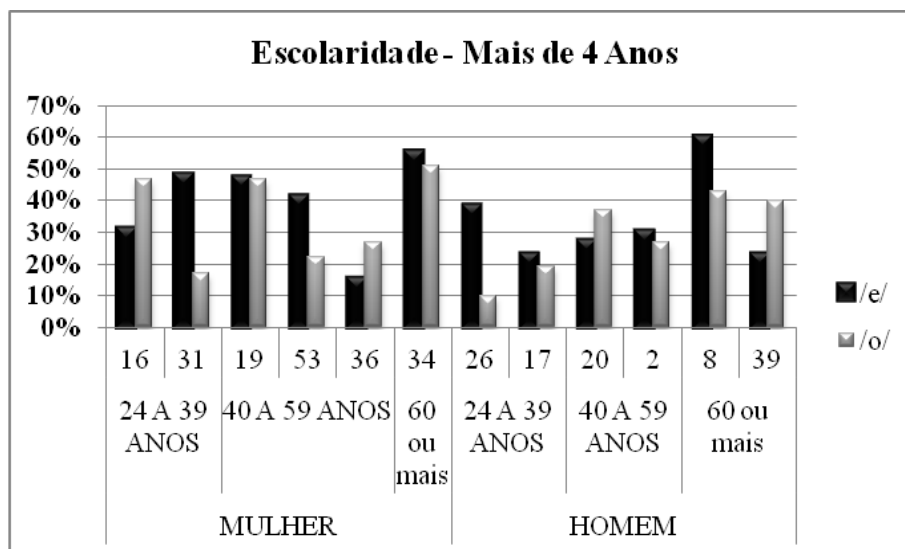
**Tabela 14 – Frequência de aplicação da Harmonia Vocálica dos 24 informantes**

0- 4 anos de escolaridade										
MULHER					HOMEM					
	INFOR.	TOTAL OCOR.	/e/	TOTAL OCOR.	/o/	INFOR.	TOTAL OCOR.	/e/	TOTAL OCOR.	/o/
24- 39 anos	01	40/68	59%	15/35	43%	03	31/59	52%	25/42	59%
	15	21/55	38%	13/45	29%	32	37/101	37%	20/66	30%
40 - 59 anos	12	27/68	40%	12/43	28%	11	26/64	41%	10/29	34%
	27	17/63	27%	14/45	31%	33	20/50	40%	20/44	45%
60 ou mais	13	21/46	46%	31/36	86%	05	31/68	46%	33/53	62%
	22	10/33	23%	11/19	58%	24	9/53	17%	9/26	35%
4 ou de escolaridade										
24 - 39 anos	16	10/32	31%	9/19	47%	26	13/34	38%	4/38	10%
	31	29/60	48%	8/40	17%	17	8/35	23%	5/26	19%
40 - 59 anos	19	26/57	47%	15/17	47%	20	19/69	27%	23/39	37%
	53	18/44	41%	5/18	22%	02	31/104	30%	21/57	27%
	36	4/27	15%	7/19	27%	8	37/62	60%	21/28	43%
60 ou mais	34	21/38	55%	19/37	51%	39	11/48	23%	12/18	40%

Sugerimos diante dos resultados que a aplicação da regra de HV não encontra motivação no fator escolaridade, evidenciados por um valor pouco expressivo de 42% dos informantes com menos anos de escola; enquanto que os mais escolarizados atingem uma marca de 6%. Era de se esperar um favorecimento na aplicação do fenômeno dos menos escolarizados; contudo, percebemos bastante justificado que a escolaridade não tem papel significativo na aplicação da HV. Pode-se verificar no gráfico 4 a seguir :

**GRÁFICO 4 – Frequência de aplicação da Harmonia Vocálica dos 24 informantes**





Os resultados da frequência de aplicação estabelecida pela informação individual dos informantes são mínimos; outro ponto é de que a média geral entre todos os informantes é de 29% de elevação das vogais médias, implicando que o papel desta variável pouco influencia no alicamento das vogais médias.

Como dissemos antes, esperava-se que pessoas com maior acesso à escrita preservassem as vogais médias do que os menos escolarizados; e isso, tem respaldo na literatura precedente a este trabalho. Observamos, nos resultados que há uma discrepância referindo-se aos informantes de 4 ou mais anos de escolaridade, citamos o informante 8, que trabalhou por volta de 30 anos como faroleiro, ele relata que por muitas vezes ficava meses sem conversar, sua única companhia era a de um cachorro. Eventualmente, tinha a companhia de sua esposa; além disso, apenas o contato com um soldado que lhe trazia provisões mensalmente. Outros aspectos percebidos durante a audição dos dados é de que a distância entre os vizinhos na zona rural e a dificuldade de chegar à zona urbana principalmente pelas péssimas condições das estradas e a irregularidade do fornecimento de luz elétrica dificultou o acesso e a permanência dos indivíduos na escola ou entre outros grupos que possam difundir a forma mais conservadora e nível de conversação mais amplo, salvo casos que preferem manter-se distantes para preservarem suas identidades locais.

## 9 CONCLUSÕES

Deste estudo sobre a harmonia vocálica no registro da fala de São José/RS, sob a perspectiva da Teoria da Variação (Labov 1966), podemos sumarizar as seguintes conclusões a respeito dos fatores linguísticos e extralinguísticos:

- A alternância entre as vogais /e/ ~/i/ e /o/ ~ /u/ ocorre, conforme análise, com ações combinadas de vários condicionadores.

- O estudo permitiu verificar que a comunidade em estudo tende a preservar as vogais médias pretônicas /e, o/, i.e. tende à não-aplicação da regra de elevação.

No que diz respeito à análise das variáveis linguísticas, destaca-se:

- A elevação da pretônica tem como condicionador a vogal /i/, como observamos, a vogal homorgânica favorece a elevação a da pretônica /e/ (*precisa*), mas também para /o/, a mesma vogal /i/ exerce um papel favorecedor, embora seja não-homorgânica (*polícia*). A vogal /u/ pouco favorece, seja homorgânica à vogal alvo (*solução*) ou não (*pelúcia*). Nesse caso a homorganicidade não parece ter papel significativo, não é o fato de a vogal ter o mesmo ponto de articulação que desencadeia a regra, pois quando não há compartilhamento de traços, como entre /o/ e /i/, isto é, a não-homorganicidade, também, ocorre o alçamento.

- Os resultados mostram que as vogais tônicas imediatas favorecem o alçamento de ambas as vogais, mais do que as átonas e do que as tônicas não-imediatas (com a ressalva de que /o/ mostra um número expressivo de elevação de 0.50 quando a vogal gatilho for tônica não-imediata). Ser contígua e tônica exerce um papel maior no processo de harmonização vocálica. Com esse resultado atestamos nossa hipótese de que contiguidade e tonicidade, conjugadas na pesquisa, favorecem ambas a elevação.

- A presença da vogal oral em posição de alvo favorece a elevação das pretônicas. Nossos resultados são semelhantes aos de Bisol (1981) Schwindt (1995 e 2002) neste aspecto.

- Quanto ao caráter de atonicidade da vogal candidata à regra, os valores são altos para a átona permanente e baixos para a átona casual. Inferimos que a elevação da pretônica encontra contexto favorecedor nas vogais átonas permanentes e as átonas casuais tendem a impedir o processo de HV. Essa informação encontra respaldo em Schwindt (1985) e Bisol (1981).

- Em contexto precedente, a elevação da pretônica /e/ é favorecida pela presença de consoantes palatal, líquida alveolar, labial e pausa, e tende a ser bloqueada quando antecedidas por velar e alveolar. Esperávamos que os resultados mostrassem um equilíbrio, principalmente no que diz respeito às alveolares e velares, pelo fato de possuir articulação alta

o que presumiria exercer um papel importante na elevação da pretônica. Para /o/, a assimilação tem força quando a pretônica está precedida por labial e velar. A hipótese de Bisol (1981) é de que este favorecimento se explique por similaridade fonética: a vogal posterior /o/ tem o traço de labialidade [+arr] e o traço [+posterior] (ou dorsal).

– No contexto seguinte tomamos como geral o desempenho das alveolares juntamente com as palatais (ambas com o traço redundante [+alto]) têm papel favorecedor na elevação de /e/. Para a vogal /o/, a amostra apresentou índice alto para as consoantes palatais e valor baixo para as velares.

Como podemos intuir desses resultados que ainda o papel das consoantes não está muito claro nesta pesquisa, elas podem atuar em conjunto quando estiverem em contexto precedente; ou, ora as consoantes permitem, são transparentes, ora bloqueiam o processo de espraçamento de traços em contexto seguinte; o que ratifica em partes nossa hipótese de que somente inibiriam o processo.

– Constatamos dos resultados a tendência maior de aplicação com o gatilho no ambiente do radical ou do sufixo verbal, para ambas as vogais alvo /e, o/, confirmando observações de Bisol (1981), enquanto que, nos sufixos nominais, a regra encontra obstáculos. O cruzamento entre contiguidade/tonicidade e localização morfológica indica que a grande maioria dos dados com gatilho no radical ou no sufixo verbal tem também a vogal gatilho em sílaba contígua à vogal alvo. Portanto, embora o grupo de fatores localização morfológica tenha sido selecionado, não nos parece que é a posição morfológica que seja importante. Nesse sentido, nossa análise vai contra as ponderações de Hulst e van der Weijer (1995), mostrando que, na harmonia vocálica da pretônica, a informação de caráter morfológico tem papel secundário.

Outro cruzamento que realizamos, entre Homorganicidade e Contiguidade/Tonicidade, indica que, para a aplicação da harmonia, é necessário que a vogal gatilho esteja presente no contexto imediato à vogal afetada; se não for isso, tem de ser tônica; mas nunca átono não-imediato.

– Com referência as variáveis extralinguísticas, elas têm um papel pouco expressivo, e não se mostraram relevantes para a vogal /e/. Para a vogal /o/, apenas sexo e faixa etária foram selecionados. Os homens usam mais a regra do que as mulheres. Destacamos o alto percentual da aplicação da regra pelos mais velhos (60 anos ou mais), que sugere que a regra esteja sofrendo regressão na comunidade em estudo. Porém torna-se capcioso dizer que a amostra indique uma mudança em curso pelo fato de não emergirem resultados para /e/. Sugere-se de que se trata de variação estável, diante dos resultados à vogal /e/ e em regressão para /o/;



contudo, não é seguro atestar uma mudança no sentido de regressão da regra de Harmonia Vocálica diante de tais resultados, futuramente analisaremos com mais acurácia outros aspectos que talvez estejam influenciando na aplicação do fenômeno na referida variável.

Espera-se desta análise ter contribuído com o estudo da Harmonia Vocálica no PB e no extremo Sul, principalmente na conjunção dos dados do VARSUL para o estudo da região rural do município de São José do Norte. Esta pesquisa visa continuidade, ampliando os estudos variacionistas entre PB e PE (Português Europeu), Constatamos que o processo apresenta, em linhas gerais, as mesmas características que nas demais comunidades estudadas no Brasil. Esperamos poder aprofundar o nosso estudo em pesquisas futuras, abordando os aspectos fonológicos variáveis e as questões teóricas envolvidas na fala da comunidade de São José do Norte; e analisar com maior acurácia o papel da vogal /i/ na aplicação do fenômeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marisa Porto Do. *A síncope em Proparoxítonas: Uma Regra Variável*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Comp.). *Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 99-126.

ARCHANGELLI, D; PULLEYBLANK, D. *Harmony*. In: LACY, P. (org.) *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge, 2007. p. 353-378.

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaucha*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993. Dissertação de Mestrado.

BISOL, L. *Harmonia Vocálica: uma regra variável*. Tese de (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. *Neutralização das Átonas*. Revista Delta, São Paulo, v. 19, n. 2, p.267-276, 2003. Semestral.

\_\_\_\_\_. BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e Variação : Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

\_\_\_\_\_. COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Português do Sul do Brasil: Variação fonológica*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2009, p. 73-79. Disponível em:< <http://www.pucrs.br/edipucrs/portuguesdosuldo brasil.pdf>>.

BRANDÃO, Sílvia. *Pesca: vidas, comunidades*. Disponível em: < [www.consciencia.br/litoral/lingua](http://www.consciencia.br/litoral/lingua)>. Acesso em : 10/04/2011

BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. *São José do Norte – Aspectos lingüísticos-etnográficos do antigo município*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CALLOU, D.; LEITE, Y. ; COUTINHO, L. *Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. Organon*, 18, v.5. Porto Alegre, 1991, p.71-78.

CALLOU, D.; LEITE, Y. ; MORAES, J. *A elevação das vogais pretônicas no Português do Brasil: processo(s) de variação estável. Letras de Hoje*, 127. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002, p. 9-24.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes. 1969.

CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. *Harmonização Vocálica: Análise Variacionista em Tempo Real*. . Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

CHAMBERS, J.K. *Patterns of Variation including Change*. The Handbook of Language Variation and Change. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p. 349-372.

\_\_\_\_\_; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, N.; HALLE, M.. *The sound pattern of English*. New York: Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, G.N. *The Geometry of Phonological features*. Phonology Yearbook, v. 2, 1985, p. 225-252.

\_\_\_\_\_; HUME, E. *The international organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995, p. 31-53.

GUY, G. R.; ZILES, A. *Sociolinguística quantitativa. Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HULST, H. VAN DER; WEIJER, J. VAN DE. *Vowel Harmony*. In: GOLDSMITH, J. A (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell, Oxford, 1985. p. 495 – 534.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*; tradução Marcos Bagno et. al. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LEE, Seung-Hwa. *Contraste das Vogais do PB*. *Portuguese-Brazilian Studies*, v 5, p. 201-221, 2008.

LOPEZ, Barbara Strodt. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. University of Califórnia, Los Angeles: Tese de doutorado, 1979.

OLIVEIRA, Fernão de. (1536). *Grammática da linguagem portuguesa*. Lisboa (adaptação de 1975).

ROMAINE, S. *Social-historical linguistics: Its status and methodology*. Cambridge: CUP, 1982.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, D. *Advances in variable rule methodology*. In: ROSSEAU, P.; SANKOFF (Orgs.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978, p.57-69.

SCHERRE, Maria Marta P. *Pressupostos Teóricos e suporte quantitativo*. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira ; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões Sociolinguísticos: Análises de fenômenos variáveis do Português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 39-50.

SCHWINDT, Luís Carlos da Silva. *A harmonia vocálica nos dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995, 76 f.

\_\_\_\_\_. *O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical*. DELTA [online]. 2001, vol.17, n.2, p. 175-207. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000200001>>. Acesso em 05/04/2011.

\_\_\_\_\_. *A regra variável de harmonização vocálica no RS*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.161-182.

SILVA, M. B. da. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. Tese de Doutorado.

SILVA NETO, S. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

TAGLIAMONTE, S. *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

TRASK R. L. *The origin and propagation of Change*. In: TRASK R. L *Historical Linguistics*. London: Arnold, 1996, p. 267-307.

VIEGAS, M. C. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *As Vogais Médias Postônicas: Uma Análise Variacionista*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e Variação : Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 127-160, 2002.

\_\_\_\_\_. *Aspectos do Sistema Vocálico do Português*. Tese de doutorado UFRGS, 1997.

WETZELS, W. Leo. *Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento, e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma análise Auto-Segmental*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 25-58, 1991.

\_\_\_\_\_. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *In: Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 19 – 55, 1992.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.

## APÊNDICE A – Informações adicionais sobre a pesquisa

Para ter outras informações sobre as rodadas desta pesquisa, pode-se acessar:

Dados dos informantes do banco de dados São José do Norte/RS, Amaral (2002), para estudo da HV.

<https://docs.google.com/file/d/0B1KCKuUouiyDNGM2Y2ZiMjctZWYwMS00ZGYzLTg4YzQtYmI4NGJkYW4MDVke/edit>

Codificação das variáveis linguísticas e extralinguísticas:

<https://docs.google.com/file/d/0B1KCKuUouiyDZHlrMkVtYUJURWIRTEZ2UzRIUC1pQQ/edit>

Frequência e Peso Relativo do VARBRUL. Alçamento de /e/:

<https://docs.google.com/file/d/0B1KCKuUouiyDMW5jMkM1dTJSXFPalc0RmJWUFlhQQ/edit>

Frequência e Peso Relativo do VARBRUL. Alçamento de /o/:

<https://docs.google.com/file/d/0B1KCKuUouiyDcE52eHIBQ0RGYWs/edit>

**ANEXO A – Dados coletados dos informantes do banco de dados São José do Norte/RS, Amaral (2002), para o estudo da HV.**

**VOGAL E**

**VOGAL O**

**Informante 01 (fem, 33 a, 4ª série)**

bald3Izinho	combina
bermuda	condzições
conhIcia	conhecia (o)
conhIcia (e)	consegui (o)
consIgui	consegui (o)
consIgui (conseguir fazer minha casa)	consegui (o)
consIgui (vou conseguir)	consegui
consIgui ;(vou conseguir)	continua
delícia	continuamo (continuamos)
denunciar	continuar
dependia (1º e)	continuei
dependia (2ºe)	continuei
esquIci	cUmigo
feliz	cUmigo
feliz	cUmigo
IIgumes	cUndução
IIgumes	cUnhecia
melancia	cUntinua
mergulhá (gosto de mergulhar)	cUntinouu
nenhuma	cUrria
nInhum (lugar nenhum)	cUrria
nInhuma	cUrridinha
pequIninho (2e)	movimento
perdi	nUtjícia
pIdindo	nUtjícia
pIpino	oportunidade (2º o)
pIpino	oportunidade (o inicial)
pIqueninho (1 e)	produção (/d/ alveolar)
pIrfiro (prefiro)	pUdzia
pIrigo	Rodrigo
pIrigo	Rodrigo
pIrigos	Rodrigo
pIrigoso	Rodrigo
prIcisa	Rodrigo



prIcisa	sofrida
prIcisa	
prIcisaria	
prIfiro	
prIfiro	
quIria	
quIria	
quIria	
quIria	
quIrida (são muito queridas)	
recuou	
religioso	
serviço	
serviço	
sIgunda	
sIgundo	
sIria	
sIria	
sIrvicinho	
televisão	
televisão	
televisão (2e)	
televisão (1e)	
teria	
teria	
termina	
terminam	
terminar	
terminou	
terreninho (1º e)	
terreninho (2º e)	
vendia	
vendia	
vIsícula	

**Informante 15 (fem, 38 a, 4ª série)**

adventista	chUvia
aparIcia	
aprendi	colhia
bateria	colhia
bIbida	coluna
cheinha (cheiinha)	comia

conhIcida  
 consIguia (e)  
 consIguiu (e)  
 convertido (e)  
 crIscia  
 crIscia  
 desistiu  
 dsisistiu  
 dsisistiu  
 germinar (germiná)  
 incentivando  
 incentivar  
 Jesus  
 Jesus  
 Jesus  
 Jesus  
 medita  
 pequIninho  
 pIdi  
 pId3indo  
 pId3indo  
 pIqueninho  
 prIcisava (eles precisavam)  
 quIria  
 recuperaram  
 redezinha  
 red3Izinha  
 reuni (o pessoal se reuni)  
 reunir  
 segui  
 sequinha  
 serviço  
 sIguida  
 sIguiu  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 telIvisão  
 terminei  
 valetjinha  
 valetjinha  
 vend3i  
 vend3i  
 vend3i

comício  
 comícios  
 condução  
 conhecida (o)  
 conseguia (o)  
 conseguiu (o)  
 consigo (eu consigo)  
 continua  
 continuam  
 convertido (o)  
 convite  
 corrida  
 cozinha  
 cozinha  
 cUchilava  
 cUlhia  
 cUlhia  
 cUmigo  
 cUntinua  
 cUntinua  
 cUntinua  
 cUntinua  
 domingo  
 domingo  
 dUminical  
 dUminical  
 impUssível  
 joguinho  
 joguinho  
 modificando  
 motjivo  
 movimento  
 nUtjícia  
 procura  
 pUdzia  
 pUdzia  
 pUlítjicos  
 todzinho

vend3ia  
 vIndia  
 vIndia  
 vInd3ia  
 vIsícula

**informante 12 ( fem, 58 a, 3ª série)**

adiventfista	acUstumada
apreciá (apreciar)	bUnita
bermuda	bUnito
bermuda	bUnito
bermudinha	bUnito
bermudinha	bUnito
bermudinha	comigo
bermudinha	comprida
bermudinhas	comprida
cerquinhas	comprida
cheinho	comprida
conhIcia	comunidade
conhIcia	comunidade
conhIcido	comunidade
deventfista	conhecido (o)
deventfista	conjunto
adventfista	continua
devertido ;(2 e divertido)	continuam
esquIci	continuava
existe (início de resposta)	convidaram
firtfilizantes	convidaram
Ixiste ( as carreiras não existem mais)	corria
Ixiste (meu tio não existe mais)	corriam
Ixiste (não existe mais)	costumamos
Ixiste ;(pausa)	costura
juventude	cUmigo
mIninas	cUmigo
necessidade	cUnhecia
necIssidade	cUnhecia
pId3ido	cUstume
pId3imos	cUstura
pIdindo	domingo
preferia (2e)	domingos
preferia (1e)	envolvida
prendinhas	joginho

prIcisam	movimento
prIcisar	movimento
prIcisava	ocasião
prIcisavam	cupação (muita ocupação)
prIcisou	organizado
religião	podia
religião	procissão
religiosa	social
reuni ( a gente se reuni)	
seria	
serviço	
sIgunda	
sIgundo	
sIgundo	
simpIIsinho	
sIria	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
tempinho	
teria	
tertúlia	
vendinha	
vendinha (estabelecimento comercial)	
vIsícula	
vIstido	
vIstido	
vIstidos	

**Informante 27 ( fem, 46 a, 4ª série)**

adeventista	aprUpriada
cebolinho (e)	bUnita
cebolinho (e)	bUnito
cebolinho (e)	bUnito
cebolinho (e)	cebolinho
comerciante (e)	cebUlinho
comerciante (e)	cebUlinho

conseguimos (e)	cebUlinho
conseguiu	colhia
consIguia (e)	comerciante (o)
desistiu	comerciante (o)
determinar (1 e)	comunidade
determinar (2e)	comunidade
deventista (adventista)	condições
dIstruir	condições
divertido	condições
divertimento	condições
equilibrada (dava uma equilibrada)	condições
ervilha (feijão, ervilha)	condições
ervilha (início)	conjunto
fertjilizante	continua
fertjilizante	continuar
fertjilizante	continuar
fertjilizante	continuar
fertjilizante	continuar
germina	convidei
Ixistia (não existia)	cUnseguia (o)
legumes	cUnseguimos (conseguimo)
melancia	cUnseguiu
melancia	escUlham
mInina	escUlhida
mInino	nUtícias
perfiro (prefiro)	obrigado ( estão obrigados)
perguntava	ocasião (tem ocasião)
periforme	organização (muito organizado)
pIdi	Português (disciplina)
pIriço	Português (disciplina)
pIrigoso	procissão
pIrigoso	pUdiam
Prefiro	sobreviver (o)
Prejuízo	sobreviver (o)
prIcisavam	sobreviver (o)
prIciso	Sociais (Estudos Sociais)
prIfiro	sofria
recurso	todinhas
repetiam (1º e, [xepItjiam])	
reptiam	
resino (a resina do pinho)	
serviço	
Serviço	
sIguido	

sIgunda  
sobreviver  
sobreviver (e)  
sobreviver (e)  
televisão  
televisão  
teria  
terminar  
vendziam  
verdura  
vIsícula  
vIstido

**Informante 13 ( fem. 73 a, analfabeto)**

aposentadoria (e)	acUstumada (estou acostumada)
aposentadoria (e)	acUstumo (inseriu a vogal a)
aprendzi	acUstumo (inseriu a: eu costume)
aprendzi	aposentadUria (2º o)
Argentina	aposentadUria (2º o)
benzedura (1ºe)	apUsentadoria (o)
benzedura (1ºe)	apUsentadoria (o)
benzIdura	bUnita
benzIdura	bUnito
bIbida	bUnito
bIxiga	bUnito
carretfinha	bUnito
cebolinho (e)	cebUlinho
cebolinho (e)	cebUlinho
cebolinho (e)	cebUlinho
cebolinho (e)	cebUlinho
cebolinho (e)	cebUlinho
cobertura (e)	chUvia
divertimento	cobertura (o)
esquIcida	cUlhia
Iziste (existe muito)	cUlunia
necIssidade	cUlunia (coluna)
nIcessidade ( 1ºe)	cUmia
nInhuma	cUmida
parIcia	cUmigo
pedacinho	cUmigo

pequIninha	cUmigo
perdzí	cUmigo
perdzí	cUnsulta
pIqueninha	cUnsultá (consultar)
pIriço	cUrria
pIriço	domingo(domingos)
pIriço	frorido (florido)
prIciso	gostaria
prIndi (prendzi alguma questão)	hospital (perto do hospital)
arecIbia ([r])	nUtícia
religiosa ([r])	
repartida	
rIcebia ([r])	
seria	
serviço	
serviço	
sIgunda	
vendzia	
vendzida	
vIsícula	

**Informante 22 ( fem, 79 a, 3ª série)**

afetjivo (trabalha como efetivo)	acUstuma
afetjivo ( efetivo na empresa)	acUstumei
afetivo (efetivo)	acUstumo
aflorescia (e)	acUstumo
aprendi	acUstumo (não me acostumo)
bIxiga	acUstumo (não me acostumo)
bIxiga	aflorescia (o, florescia)
carIstia	bUnita (aquela planta bonita)
cheinho (cheinho)	computação
conhIcia	continuo
crescia	cozinhar
Denise	cozinhave
devertjia (divertia)	cUmida
devertia	cUmigo
devertia	cUnhecia
d3Ibulhad3inho	dUmingo (nos domingo)
dIbulhave	modernismo
Erechim (2º e)	solidão
Geraldino	todjinho
Irechim (pausa: Erechim e tudo)	

Ixiste (essas coisas não existe)  
 Ixistia (não existia)  
 juventude  
 juventude  
 mIntfira  
 modernismo  
 nenhum  
 nenhum  
 nenhuma  
 perdi  
 reunião  
 rIuniam  
 sequinho  
 sequinho  
 serraria (subst.)  
 serviço  
 serviço  
 serviço  
 serviço  
 televisão  
 telIvisão  
 terminou  
 terminou

**Informante 03 (masc, 33 a, 2ª série)**

aprIndzi  
 aprIndi  
 Argentina  
 Argentina  
 Argentina  
 argentino  
 bIxiga  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 conhIcido  
 Geraldino  
 mIntiu  
 mIntiu  
 mIntfju  
 nenhum  
 nInhuma  
 pescaria (subst.)

bUnita  
 bUnito  
 bUnito  
 bUnito  
 bUnito  
 bUnito  
 cebolinho  
 cebolinho  
 cebolinho (o)  
 comprImissos  
 compromisso (1º o)  
 compromissos (1º o)  
 comprUmisso  
 conjunto  
 conjuntos  
 convidou  
 corri  
 cortaria (tem cortaria de cebola)



pescaria (subst.)	cUmida
pescaria (subst.)	cUmigo
pIriço	cUmissão
pIriço	cUmissão
pIriço	cUndução
pIriçoso	cUnfusão
pIriçoso	cUnhecido
pIriçoso	dUmingo
pIriçoso	dUmingo
pIriçoso	dUmingo
pIriçoso	dUmingo
prIcisa	dUmingo
prIcisa	dUmingos
prIcisava	dUmingos
prIndi (eu aprendi)	ganhUzinho
quIria	Joguinho
quIria	movimento
recebido (1º e) (/R/ velar)	movimento
recebido (1º e)	movimento
recIbido (2º e)	Oliveira (do Zé Oliveira)
recIbido	organizado (muito organizado)
reunimo	profissão
serviço	profissão
serviço	profissão
sIguimo	pUdzia
sIguimo	pUdzia
sIgunda	rompi
sInti	
tard3Izinha	
televisão	
tellvisão	
termina	
travessia	
treminá (terminar)	
treminá (terminar)	
treminaram	
treminaram	
vendido	
vendido	

**Informante 32 (masc., 30 a, 3<sup>a</sup>s)**

adiventistas	adUeci
alternativa	autoridades
alternativas	bUnita
alternativas	bUnita
Argentina	bUnitas
Argentina	bUnito
atletismo	bUnito
atletismo	cebUlinho
atletismo	cebUlinho
bIxiga	comecinho (o)
cebolinho (e)	comunidade
cebolinho (e)	comunidade
comecinho (e)	comunidade
conhIcia	comunidade
consIguir	conhecia
consIguir	conjunto
consIguir	conjunto
consIguir	conjuntos
consIguir	conseguir (o)
consIguir	conseguir (o)
consIguir	conseguir (o)
consIguiram	conseguir (o)
consIguiu	conseguir (o)
crescidos	conseguir (o)
deveria (1º e)	conseguir (o)
deveria (2e)	conseguiram
dIsfilando	conseguiu (o)
dIsfile	construir
dIsiste (d alveolar)	consulta
dIsiste (d alveolar)	continua
dIsiste	continuar
dIsistiu	continuar
eletricidade	continuar
eletricidade	continue
eletricidade	costumava
eletrecidade	cUbrir
esclarIcido	cUstumam
incIntivei	disposição
incIntivei	dUmingo
incIntivo	dUmingo
incIntivo	escolhida
Jesus	escolhida

Jesus	localidade
Jesus	localidade
juventude	mUtivo
juventude	nUtícias
mInino	obrigado (não ter me obrigado)
mInino	organizado (é bem organizado)
pescaria (subst.)	organizar (começar a se organizar)
prIcisa	organizava (se organizava)
prIcisa	organizava (se organizava)
prIcisa	Oriente (no Oriente)
prIcisa	positivo
prIcisar	procura
prIcisava	procuram
prIsidente	Procurando
realidade	produz
realizava	produz
realizou	produzir
região	proibida
região	pUdia
região (/R/ velar)	rotativa
regiões	sobreviver
regional (/R/ velar)	torcida
religiosa	torcida
religiosa	
religiosas	
religiosas	
religiosas	
repartida	
reúne	
reúne (ele)	
reúnem	
reunia	
reunia	
reunia	
reuniam	
reunião	
reunindo	
reunir	
reunir	
seria	
seria	
seria	
seria	
seria	

serviço  
 serviço  
 sIgunda  
 sIgunda  
 sIgunda  
 sIgunda  
 sIgundo  
 sIntido  
 sobreviver (e)  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 teria  
 terminou  
 vIstiu

**informante 11 ( masc, 58 a, 4ª série)**

bIxiga  
 cervejinha (1º e)  
 cervIjinha  
 conhIcia  
 conhIcida  
 deveria  
 devIria  
 dIcidir  
 especiais  
 especial  
 nenhum  
 parIcido  
 perdi  
 periforme  
 pescaria (subst.)  
 pescaria (subst.)  
 pescaria (subst.)  
 pIdzia  
 pIrguntar  
 prIcisava  
 reunião (/R/ velar)  
 serviço

autoridade  
 autoridade  
 autoridades  
 bUnita  
 bUnita  
 bUnito  
 Conjunto  
 corrida (corrida)  
 corridas (/R/ velar)  
 cUnhecia  
 cUnhecida  
 cUntigo  
 cUrvina (peixe)  
 cUzinhandando  
 cUzinhandando  
 dormir  
 dormir  
 economicamente (1º o)  
 economicamente (2º o)  
 formatura  
 horrível (calor horrível, /R/ velar)  
 horrível (o calor é horrível, /R/ velar)

sIguida	movimento
sIgunda	movimento
sIgunda	plantadorzinho
sIgunda	procurando
sIgunda	procurar
sIgunda	prontinho
sIgunda	pUdzia
sIguram	todinha (d alveolar )
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
temperatura (1° e)	
temperatura (2°e)	
termina	
terminou	
terminou	
terminou	
terminou	
terminou	
travessia	
vIstfido	
vIstfido	

**Informante 33 (masc, 47a, 4ª)**

adventfista	acUstuma
amanhIcia	bUnita
aprIndia	bUnito
Argentfina	bUnito
Argentfina	bUnito
Argentfina	bUnito
bailIzinho	bUnito
cebolinho (e)	bUntio (é muito bonito)
cebolinho (e)	cebolinho
conhIcidos	cebolinho
consIguir	compromisso
consIguiu	compromisso

consIguiu	comunidade
d3Ibulheiro	comunidade
d3ivertfjimento	confiante
especial	conseguiu (o)
especial	continua
esqueci ( 1ª ps.)	convidado
esqueci ( 1ª ps.)	cUnhecidos
esquIci	cUnsegui (o)
fallcido	cUnseguir (o)
fallcido	cUntinua
fIrido	cUntinua
legumes	cUsturando
melancia	dUmingo
mIntfjira	gostaria
mIntfjira	localidade
nordestfjinos	localidade
penduradinho	nordestfjinos
periforme	nUtícia
pIrigo	nUtícias
pIrigo	oportunidade
prIcisa	oportunidade
prIjudica	oportunidade ( outra oportunidade)
registrar (R velar)	opUrtunidade
reúne (R velar)	opUrtunidade ( tivemos oportunidade)
reunião	opUrtunidade ( tivemos oportunidade)
seminário	organizada
serviço	organizado
sIguinte	procurar
televisão	prUcissão
televisão	Sociais
televisão	Solução
televisão	Solução
televisão	
televisão	
tempinho	
tertúlia	
verdura	
vIsícula	

**Informante 05 (masc, 78 a, 4ª série)**

Argentina	acUstumado
bebiã	acUstumado
bIxiga	acUstumado
cheinho	acUstumei
cheinho (cheinho)	acUstumei
conhIci	bonita
conhIci	companhia
conhIcido	comunicativo
conhIcido	comunidade
conhIcidos	comunitária
conhIcidos	comunitário
conhIcidos	cUmiam
conhIcidos	cUmida
desci	cUmida
desci (eu desci da escada)	cUmigo
dIrrubaram (d alveolar)	cUmigo
divertimento	cUmigo
divertjimento	cUnheci
essencial ( issencial, 2e)	cUnheci
mInino	cUnhecido
nInhum	cUnhecido
pequeninha ( 2º e)	cUnhecidos
perguntar ( r carioca [ɣ])	cUnhecidos
pejcaria (s palatalizado)	cUnhecidos
pejcadorzinhoj	cUnhecidos
pIdzi	cUrriam
pIdzi ( pode pedir)	cUrrida
pIdzia	cUrvina
pIqueninha	cUrvina
pIriço	cUrvina
pIriço	cUrvina
prIcisa	dUmingo
quIria	dUmingo
quIria	horrível (doença horrível)
quIriam	localidade
recuperar	Maçonaria
reunião	Movimentos
reunião	nordestjinos ( vogal o)
reunião	pejcadorzinhoj (vogal o)

rItiro (nome de distritos)  
 serviço  
 serviço (se [ʏ]viço)  
 sIgundo  
 tellvisão  
 termina  
 termina  
 terminam  
 terminando  
 terminar  
 terminou  
 terminou

português  
 português  
 portugueses  
 portugueses  
 portugueses  
 portugueseʃ (r carioca [ʏ])  
 Profundidade  
 Providências  
 prUcissão  
 prUcissão  
 prUibido  
 prUibido (proibido de visita)  
 prUibiram  
 recUnstruir

**Informante 24 (masc, 62 a62 a, 4ª série)**

bateria  
 bebida  
 bebida  
 bIxiga  
 conhIcidos  
 diretoria (e)  
 dIstruir  
 efetivo  
 efetivo  
 efetivo  
 efetivo ( 1º e)  
 efetivo (2e)  
 expIrimentar  
 ferrugem  
 fertjilizante (tepe)  
 herbicida (tepe)  
 Ixiste (isso Ixiste)  
 Ixiste (pausa)  
 Ixistfja (já existia)  
 Ixistfja (não existia)  
 legumes  
 legumes  
 legumes  
 melancia

acUstumou  
 apodrIcia  
 apUdrecia  
 bUnitinha  
 compromisso (1º o)  
 compromisso (2º o)  
 conjunto  
 conjunto  
 consumo  
 conviviam  
 cUmunicar  
 cUnhecidos  
 diretoria (o)  
 dIscUbrir (o)  
 hospital  
 hospital  
 hospital  
 hospital (força para o hospital)  
 motorizado (2º o)  
 motorizado (o)  
 nordestino (o)  
 nordestino (o)  
 nUtícia  
 Petrolina (o – tipo de cebola)



necessidade (1º e)  
 necIssidade  
 nordestino (e)  
 nordestino (e)  
 percisa (precisa)  
 perdzi  
 perdzi  
 Petrolina (e)  
 Petrolina (e)  
 precisa (percisa muito)  
 precisando  
 prIsidente  
 religiosa (xe)  
 rendzia (xendia)  
 rendzia  
 rendzia  
 retjira  
 serraria (subst.)  
 serviço  
 serviço  
 televisão  
 televisão  
 termina  
 terminaram  
 tertúlia  
 vendzia (solto não se vendia)  
 vendzia  
 vendzido  
 vendzido

Petrolina (o)  
 pUdzia

**Informante 16 ( fem, 25 a, 5ª série)**

Argentfina  
 bebida  
 bermuda  
 botIzinho  
 brinquedinho  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 consIguiu  
 dzivertfido

cebolinho (o)  
 cebolinho (o)  
 comunicava  
 condições  
 condzições  
 conseguiu (o)  
 continua  
 cUmia  
 cUmia

divertimento	cUmida
d3Ivia	cUmida
Edi ;(professora Edi)	cUmida
Ixibido (nem devia de ser exibido)	horrível (a estrada está horrível)
necessidade (1º e)	organizado (bem organizado)
necessidade (2ºe)	prUcissão
pedacinho	pUd3ia
presidente ( vice...)	pUd3ia
prIcisa	pUd3ia
prIcisa	sombrinha ( das árvores)
quÍria	
recupera (a gente [x]ecupera)	
recuperar	
sIguida	
sIgurava	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
tendinha (t alveolar)	
vend3ia	
verdura (r tepe)	
vIsícula	

**Informante 31 (fem, 38 a , 5ª série)**

alfabetfizar	bUnitinha
aprend3i	bUnito
aprend3i	cebolinho (o)
Argenf3tina	comida ( não eleva)
Argentf3ina	concluir
bateria (bateria de televisão)	condições
botIzinho	condições
cebolinho (e)	condições
conheci (e)	condições
conhIcia (e)	conheci (o)
consIgui	conhecia (o)
consIgui	consegui (o) ( eu consegui)
consIgui (e)	consegui (o) (eu consegui)
corretivo (e)	consegui (o)
crIsci (eu cresci lá, estudei)	consumir
dIsistiu	consumo

experiência ( já tinha experiência)	contigo
experiência (2º e)	continuarem
feliz	continue
indenização	corretivo
inscrevi ( eu fui lá, me inscrevi)	corvina
Iquipamento (não tem iquipamento)	corvina
Ixigiam (não izigiam tanto)	corvina
nenezinho (2º e)	cUmida
nenezinho (1º e)	cUmida
nInhumana	cUmida
ofereciam ( 1º e) (então ofereciam)	cUmigo
ofereciam (2º e) (ofereciam)	desconfia (o)
pequIninho	evoluindo
perguntas	evoluindo (as coisas vão evoluindo)
periforme	folhinha
pIdi ( tem que pedir)	impUssível
pIdia	normalista
pIqueninha	obrigam (as pessoas se obrigam)
pIqueninho	ofereciam (o) (então ofereciam)
pIqueninho	oportunidade ( tiveram oportunidade 1º o)
piquIninha	oportunidade (1º e)
piquIninho	oportunidade (2º o )
prejudica	oportunidade (2º o)
prejudicado	oportunidade ( o inicial )
prIcisar	portaria
prIcisar	procurar
quIria	produto
quIria	promissória
quIria	pUlítico
quIriam	sobrevivência (o)
recurso ([x]ecurso)	Sombrinha
região	sUbrinho
regular	
residentes ([x]eziden[ts])	
sIguir	
sIgunda	
sIgunda	
sIgundo	
sobrevivência (e)	
televisão	
televisão	
terminou	
vallZinho (dinheiro)	
vIsícula	

**Informante 19 ( fem, 46 a, 5ª s)**

alegria	aposentadoria (o)
aposentadoria (e)	aposentadUria
apreciar	Bolinho
aprendziam	bUnita
aprIndzi	bUnita
Argentina	bUnita
Argentina	bUnito
atendzia (/t/ alveolar)	cebolinho (o)
bolachinha	chUvido
cebolinho (e)	comunidade
cedzinho	concurso
divertido	conjunto
educativa (programas educativos)	Constantfino ( substantivo próprio)
educativo (ele é educativo)	consulta
escrivi	coxinha
esquici	cUmia
estendidas (2e)	cUmidzinha
felizes	dUmingo
firmIzinha	dUmingos
hereditário (e inicial)	horrível (coisa mais horrível)
hereditário ( 2º e )	movimento
Existe ( não existe mais)	mUranguinho
legumes	português (disciplina)
necessidade (1ºe)	procissão
necIssidade	procissão
peludo	profissão
peludo	prontinho
pequIninha (2e)	pUdia
periforme	pUdzia
pIdi	pUdzia
pIdzi	sabedoria (o)
pIdziu	sUbrinho (meus sobrinhos)
pIqueninha (1e)	
pIrigoso	
prejudiciais	
prejudicial	
prIcisa	
prIcisam	
prIcisam	
prIcisar	
prIjuízo	

quIriam  
 recebia (1ºe, [r]ecebia)  
 recIbia  
 religião  
 religião  
 sabedoria (e)  
 sIguida  
 sIgunda  
 supletjivo  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 tellvisão  
 verduras  
 vIsícula  
 vIstir

**Informante 37 (fem, 53 a, 5ª série)**

apreciar  
 atendia (/t/ alveolar, d palatal)  
 atendido (/t/ alveolar, d palatal)  
 atendimento (/t/ alveolar)  
 comerciante  
 dentista ( /d/ alveolar)  
 dentista (/d / alveolar)  
 determinado (1ºe)  
 determinado (2ºe)  
 efetivo ( 1º e)  
 efetivo (2º e)  
 legume  
 legumes  
 legumes  
 material  
 medicação  
 pecuária  
 pequIninho (2e)  
 pIqueninho (1e)  
 pIrigoso  
 pIríodo  
 prejudica  
 prIcisa  
 prIcisaram

bUnita  
 chUvia  
 chUvia  
 colhida  
 comerciante  
 compromisso (1º o)  
 compromisso (2º o )  
 comunidade  
 comunidade  
 comunidade  
 condução  
 continuam  
 dUmingo  
 dUmingo  
 hospital (o hospital já teve)  
 hospitalar (atendimento hospitalar)  
 Oliveira (a granja era dos Oliveira)  
 procissão  
 procissão  
 produto  
 produtos  
 sofrido  
 solução

prIcisava  
 prIjudica  
 quIridas  
 religiões (xeligões)  
 religiosa (xeligiosa)  
 religiosa (xeligiosa)  
 religiosos (xeligiosos)  
 reúnem  
 rIsina (xizina)  
 serraria  
 serraria  
 sIguida  
 sIguida (em seguida)  
 sIgunda  
 sIgunda  
 sIgunda (série)  
 sInti  
 tertúlia  
 trasnfrida  
 vIsícula

**Informante 36 ( fem, 59 a, 5ª série)**

aprendzi  
 atendimento (/t/ alveolar)  
 atendzimento (/t/ alveolar)  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 dedzicava  
 devia (d alveolar)  
 devia (d alveolar)  
 elogia (e)  
 especial (2º e)  
 especialista (2º e)  
 herbicida  
 medzicamento  
 necessidades (1e)  
 necessidades (2e)  
 percisava (precisava)  
 percisava (precisava)  
 prencia (preenchia)  
 repartida

bUnita  
 bUnito  
 cebolinho (o)  
 cebolinho (o)  
 compromisso (1º o)  
 compromisso (2º o)  
 concluído  
 concluído  
 conclusão  
 condição  
 continha (verbo)  
 continuado  
 continuaram  
 continuava  
 continuei  
 contjínuo  
 cUstumava  
 cUstumo  
 dUmingo

seletjivo (1º e)  
 seletjivo (2º e)  
 sIguite  
 sIgundo  
 sIntjia  
 teria (t alveolar)  
 vencia  
 vIsícula

dUmingo  
 elogia (o)  
 nUtícias  
 organizava (tudo bem organizado)  
 procissão  
 produtos  
 profissão

**Informante 34 ( fem, 60 a, 5ªsérie )**

alIgria  
 aposentadoria (e)  
 aposentadoria (e)  
 cIbolinha (e)  
 cIbolinho (e)  
 conhecimento (e)  
 conhIcida  
 conhIcida  
 conhIcimento  
 conhIcimento (e)  
 conhIcimento (e)  
 defendi (1º e)  
 defIndi (2º e)  
 deventista (1 e, adventista)  
 deventista (1 e, adventista)  
 deventista (2 e, adventista)  
 deventista (2 e, adventista)  
 dzivertjia  
 dzivertjido  
 dzivertjindo  
 invIstia (se investia muito)  
 lecionava  
 mInino  
 pIdzia  
 pIrdi  
 religião  
 sabIria  
 serviço  
 serviço  
 sIgunda  
 sIgunda

acUstumada  
 aposentadoria (o)  
 aposentadoria (o, d alveolar)  
 aposentadUria (o)  
 aposentadUria (o)  
 cebUlinha (o)  
 cebUlinho (o)  
 concruímo (concluímos)  
 conhecimento (o)  
 contijnua  
 convite  
 cortadinha (/t /alveolar, d palatal)  
 cUmida  
 cUmida  
 cUnhecida  
 cUnhecida  
 cUnhecimento  
 cUnhecimento  
 cUnhecimento (o)  
 cUntinua  
 dUmingo  
 dUmingo  
 hospital (levaram pro hospital)  
 localidade  
 localidade  
 movimenta ( se movimenta)  
 movimento  
 mUdzificou  
 namoradzinho  
 namoradzinho  
 nUtjícia (muitas notícias)

sIgunda  
 televisão  
 tellvisão  
 terminá (terminar)  
 terminou (/t/ alveolar)  
 vIndzido  
 vIsícula

organizar (pausa)  
 Oriente (trabalhei no oriente)  
 Oriente (no oriente)  
 Oriente (o Oriente mesmo)  
 pUssível  
 sUbrinho

1

**Informante 26 (masc, 24 a, 5ª série)**

bIxiga  
 categoria (e)  
 categoria (e)  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 consIguia (e)  
 consIguiram (e)  
 defendia (1ºe)  
 defendia (2ºe)  
 descí (a sorte que eu descí)  
 Erechim (1ºe, moram no Erechim)  
 ErIchim ( cidade)  
 espIcialidade  
 evitar (evitar isso)  
 Iquilibrium (perdi o equilíbrio)  
 Ixiste (não existe)  
 Ixiste (não existe)  
 pendurado  
 perdi (eu perdi)  
 pergunto (/r/ retroflexo)  
 Período  
 pIrigoso  
 regulava  
 resistente  
 reúne  
 reunia  
 reunia

cebolinho (o)  
 categoria (o)  
 categoria (o)  
 cebolinho (o)  
 cebolinho (o)  
 comunidade  
 comunidade  
 comunidade  
 comunidade  
 comunidade  
 condições  
 condução  
 condução  
 conseguia (o)  
 conseguiram (o)  
 continuá (continuar)  
 corria  
 corrida (co[x]ida)  
 corrida (co[x]ida)  
 corrida (co[x]ida)  
 cUrvina  
 cUrvina  
 cUrvina  
 Domingos  
 impUssível (impossível de ser ver)  
 Localidade  
 orientação (é uma orientação)  
 Posição



sIgui  
 sIguida  
 sIguido  
 sIguido  
 televisão  
 televisão

Procura  
 Produto  
 Produto  
 Produto  
 Produto  
 Produto  
 Profissional  
 Profissional  
 Proibido  
 Proibido

**Informante 17 (masc, 25 a, 5ª série)**

adeventista  
 bateria  
 bateria (bateria do rádio)  
 caderudo  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 cebolinho (e)  
 conhIcido (e)  
 consIgui  
 energia (1e)  
 energia (2e)  
 legumes  
 legumes  
 nInhuma  
 parIcido  
 periforme  
 pescaria (substantivo)  
 Petrolina (e, tipo de cebola)  
 Petrolina (e, tipo de cebola)  
 presidente  
 prIcisa  
 prIcisa  
 reúnem  
 rItiro (acampamento)  
 serviço  
 serviço  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 televisão

cebolinho (o)  
 cebolinho (o)  
 cebolinho (o)  
 condições  
 condições  
 condições  
 condições  
 confusão  
 conhecido (o)  
 consegui (o)  
 continua  
 continua  
 continuam  
 continuam  
 cUstumamo (acostumamos)  
 cUstumamos  
 dUmingo  
 dUrmir  
 novilho  
 Oriente (lá do Oriente)  
 Petrolina (o)  
 Petrolina (o)  
 portuguesa (cebola portuguesa)  
 pUdzia  
 rotatfiva  
 todinho

termina  
 terminei  
 terminei  
 vIsícula

**Informante 20 ( masc, 47 a, 5ª série)**

acrIdito  
 alfabetfizei  
 apIlido  
 apIlido  
 bebida  
 bebida  
 bIxiga  
 característica  
 característica  
 cebolinho (e)  
 cobertozinho (e)  
 comercial (e)  
 conhIci (e)  
 conhIcia (e)  
 conhIcido (e)  
 dedzinho  
 devido  
 devido  
 dIsimados  
 divertida  
 divertimento  
 divertimento  
 divertimento  
 divertindo  
 estabelecida (2º e)  
 estabelecida (3º e)  
 evolução ( está na evolução)  
 evoluiu (e) (mas evoluiu bastante na raça)  
 evoluiu ;(e) (mas não evoluiu)  
 imperial  
 Equipamento (vai tirar um equipamento agrícola)  
 Ixiste (não sei se existe)  
 Ixiste (início com pausa)  
 juventude  
 legislativa

açorianos  
 autoridade  
 bovina  
 bUnita  
 bUnita  
 cebolinho (o)  
 chUvia  
 cobertozinho (2º o)  
 comercial (o)  
 considerar  
 consumo  
 continua  
 continua  
 convive  
 convivi  
 convívio  
 corrida  
 cortadzinho  
 cUbertozinho (o)  
 cUmia  
 cUmiam  
 cUmilanças  
 cUmunicação  
 cUmunicativo  
 cUmunidade  
 cUnheci (o)  
 cUnhecia (o)  
 cUnhecido (o)  
 dUrmir  
 escolhido (o)  
 esportiva (o, entidade e esportiva)  
 evolução (o)  
 evUluiu (o)  
 evUluiu (o)  
 frigUrífico

legume  
 nInhum  
 nInhuma  
 pecuária  
 pecuária  
 pecuária  
 pecuária  
 pecuária  
 pIdimos  
 prejudicá (prejudicar)  
 presidente  
 presidente  
 quIria  
 realidade  
 Recife ([x]ecife, cidade)  
 região ([x]egião)  
 região ([x]egião)  
 religiosas  
 religiosas ([x]eligiosas)  
 religiosas ([x]eligiosas)  
 resina ([x]esina)  
 resinagem ([x]esinagem)  
 reuniam (já se reuniam)  
 serviço  
 servir  
 sIgunda  
 sIntjia  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 televisão  
 terminou  
 terminou (terminou?)  
 vIstindo

Horizonte (Belo Horizonte)  
 hospitaleiro (mais hospitaleiro)  
 introduzindo  
 Introduziram  
 Introduziram  
 nUtícia  
 nUticioso  
 nUticioso  
 nUtjicioso (jornal noticioso)  
 oficial (oficial pela prefeitura)  
 oficial (que é oficial)  
 oficializado ( pausa)  
 organizada (tem torcida organizada)  
 organizadas (são organizadas)  
 origem (que deu origem)  
 Ovinos  
 paroquial  
 pescadorzinhos (vogal o)  
 pescadorzinhos (vogal e, pescadorezinhos)  
 Poliandra (raça de gado)  
 porcaria  
 produto  
 produto  
 produtos  
 proibido  
 pUlítico  
 torcida  
 uniformizada (o)

**Informante 02 (masc, 58 a , 5ªsérie)**

acontecido (e)  
 acrIdito  
 agrIdido  
 alvenaria  
 baillZinhos

acontecido  
 autoridades  
 autoridades  
 bUnita  
 bUnita

bIxiga	bUnito
censurado	bUnito
centímetros	competfindo (o)
competindo (e)	
conhIci (e)	competfindo
conhIcido	compromisso (1º o)
conhIcimento	comprUmisso (2º)
conseguimos (e)	condições
consIguiu (e)	conheci (o)
dedicando	conjunto
dedicando	conjunto
dedicaram	conseguimos (o)
dentfista	conseguiu (o)
desInvolvida (2º e)	considerando
deveria	considerar
deveria (2e)	considerar
deveria (1e)	construção
deveriam	construção
deveriam (1e)	contínua
devertir (1ºe)	continuidade
devertir (2º e, divertir)	contínuo (uma barca de contínuo)
devia	contfínuou
dIsconfiado (e, /d/ alveolar)	coriano
dIsconfio; (e, d alveolar)	corrupto [
dIsenvolvida (d alveolar, 1ºe)	corruptos
dIstruir	cUminicou
diversificação	cUnhecido
dIvia	cUnhecimento
engenharia (2º e)	desconfiado (o)
envolvidos (todos envolvidos)	desconfio (o)
equipamos (pausa)	desenvolvía
evitado (tinha evitado)	domingo
infflizmente	dUmingos
investindo	envUlvidos
investindo	localidade
investindo	localidade
investindo	localidade
investfindo	localidade
investir	molhad3inha
Iquilibra (o pecuarista ele equilibra)	nUtícias
Ixigindo [iZi'Zindu]; (estão exigindo)	obrigação (própria obrigação) juventude
juventude	obrigam (se obrigam)
legumes	orientação (falta orientação)
material	orientação (não tem orientação)

mIdzida	orientação (acho que orientação)
nenhum	orientar (para orientar)
pecuarista	Oriente (o Oriente já foi este ano)
percisa (precisa)	paroquial
percisa (precisa)	produção
percisa (precisa)	produtos
percisa (precisa)	produzindo
percisa (precisava)	produzir
percisam (precisam)	providência
percisava (precisava)	providência
percisava (precisava)	providência
percisava (precisava)	providência
pescadinha	pUlícia
pIriço	pUlícia
pIriço	pUliciais
pIriço	pUliciais
precisava	pUliciais
prejudica	pUliciais
prIcisa	pUliciamento
prIjudicando	pUlução
realzinho ([x]ealzinho)	rodoviária
reduzindo ([x]eduzindo)	rodoviária (1º o)
residências ([x]esidências)	sobrevivência (o)
reúne (a festa reúne)	sUbrever (o)
reuniões	Ubrigação
secretaria (1º e)	Ubrigam (se obringam)
secretaria (2º e)	Ubrigam (se obringam exatamente)
seleciona (1ºe)	
seleciona (2º e)	
selecionam (1ºe)	
selecionam (2ºe)	
sepurtar (sepultar)	
seria	
serviço	
serviço	
sIguida	
sIgurança	
sIgurança	
sIgurança	
sIgurança	
sIgurança	
sobrIvivência (e)	
sobrIviver (e)	
televisão	

televisão  
 televisão  
 televisão  
 televisor  
 terminá (terminar)  
 terminando  
 terminar  
 terminar  
 travessia  
 travessia

**Informante 08 ( masc, 68 a , 5ª série)**

atendido  
 conhIci  
 conhIci (e)  
 conhIci (e)  
 conhIcia  
 conhIcida  
 conhIcida  
 conhIcido  
 conhIcimento  
 conseguia (e)  
 dIsistiram ([d] alveolar)  
 educação (educação dos filhos)  
 educar (educar filhos)  
 fallcido  
 fallcido  
 Getúlio  
 gremista  
 necIssidade  
 necIssidade  
 nenhum  
 nenhuma  
 nIcessidade  
 nIcessidade  
 nInhuma  
 pequeninha  
 pequIninha ( 2º e)  
 permissão  
 permissão  
 permissão

acostumado  
 acUstumou  
 autorização (sem [ɔ]torização)  
 cachorrinho  
 cachorrinho  
 combustível  
 combustível  
 condição  
 condições  
 condições  
 condução  
 condução  
 condução  
 condução  
 condução  
 condução  
 confusão  
 conheci (o)  
 conheci (o)  
 conseguia (o)  
 consigo (verbo)  
 continua  
 cUminicá (comunicar)  
 cUmplicado  
 cUmunicá (comunicar)  
 cUmunicação  
 cUmunicação  
 cUmunicava  
 cUnheci  
 cUnhecia

pIdzi  
 pIdzi  
 pIdzia  
 pIdzia  
 pIdzia  
 pIdzia  
 pIdzido  
 pIdzido  
 pIqueninha (1ºe)  
 prIcisá (precisar)  
 prIcisando  
 prIcisei  
 prIjuízo  
 recIbi  
 recurso  
 recurso  
 recurso  
 relíquia  
 repartição  
 reúne  
 rIcebi  
 sergipano  
 servi  
 serviço  
 serviço  
 serviço  
 sIgui  
 sIguida  
 sIguida  
 terrível  
 transfIrido  
 vendi  
 vIsícula

cUnhecida  
 cUnhecida  
 cUnhecido  
 cUnhecimento  
 dUrmia  
 dUrmindo  
 horrível (era horrível)  
 horrível (foi horrível)  
 movimento  
 movimento  
 mUchila  
 nUtícias  
 oficiá (oficiar, início, pausa)  
 ofício (um ofício de apresentação)  
 profissão  
 pUdia  
 pUdia  
 pUdia  
 pUdiam  
 pUsição

**Informante 39 (masc, 67 a, 5ª série)**

acont]Icia  
 acredito ([d] alveolar)  
 acredito ([d ]alveolar)  
 apIldido  
 bIbida  
 bIxiga  
 cerimônias

acUntecia (o)  
 alcolizada (alcoholizada)  
 bUnita  
 bUnita  
 bUnito  
 bUnito  
 comerciante (o)

comerciante (e)	comunidade
conhIci (e)	condução
conhIci (e)	consumo
conhIcida	corri
divertimento	cUnheci (o)
energia (2e)	cUnheci (o)
energia (e inicial, tem energia)	cUnhecida
fallIcido	donativos
inseticidas	dUmingos
Ixistia (pausa)	localidade
Ixistia (não existia)	mercadUria (o)
Ixistia (existia)	nordestfino
legumes	organizada
legumes	organizado
melancia	Petrolina
mercadoria (e)	Portuguesa
nordestino (e)	produção
periforme	produção
pertencia (1e)	produção
pertencia (2e)	produção
pescaria	produzindo
pescaria	prUcissão
Petrolina	sUbrinha
recebia (2e)	
recebia (1e)	
refinando	
região	
religiosa	
serviço	
serviço	
televisão	
televisão	
televisão	
televisão	
terminava	
terminou	
tertúlia	
vendia	
vendia	
vendzia	
verduras	